



Diogo Silva Miranda de Miranda

PALAFITAS DIGITAIS:

comunicação, convergência cultural e relações de poder em Afuá



**BELÉM - PARÁ
2014**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Diogo Silva Miranda de Miranda

PALAFITAS DIGITAIS:
comunicação, convergência cultural e relações de poder em Afuá

BELÉM - PARÁ
2014

Diogo Silva Miranda de Miranda

PALAFITAS DIGITAIS:
comunicação, convergência cultural e relações de poder em Afuá

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Comunicação. Linha de Pesquisa: Mídia e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Ivânia dos Santos Neves

BELÉM - PARÁ
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Miranda, Diogo Silva Miranda de.

Palafitas digitais: Comunicação, convergência cultural e relações de poder em Afuá / Diogo Silva Miranda de Miranda. - 2014

125 f.: il.; 30 cm

Orientadora: Ivânia dos Santos Neves

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, 2014.

1. Comunicação. 2. Experiência. 3. Afuá. 4. Convergência Cultural. 5. Poder. I. Neves, Ivânia dos Santos, *orient.* II. Universidade Federal do Pará. III. Título.

CDD 22. ed.: 302.23

Diogo Silva Miranda de Miranda

PALAFITAS DIGITAIS:
comunicação, convergência cultural e relações de poder em Afuá

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Mestrado em Ciências da Comunicação, para a Defesa de Dissertação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ivânia dos Santos Neves.

RESULTADO: () APROVADO () REPROVADO

Data:

Prof.^a Dra. Ivânia dos Santos Neves

Prof.^a Dra. Vera Regina Veiga França

Prof.^a Dra. Sílvia Nogueira Chaves

BELÉM-PARÁ
2014

Para minha avó Estelita Miranda (em memória),
que formou a família que me formou
e por isso, hoje, formo a minha família

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pelo dom da vida e por seu zelo comigo ao longo dessa trajetória acadêmica. Ainda que minha vontade, nervosismo e ansiedade desejassem as coisas acontecessem de maneira rápida, Ele conduziu tudo da melhor forma e abriu os caminhos certos para que eu encontrasse tudo o que precisava no momento adequado: amigos, professores, pessoas, entendimentos, coragem, lágrimas. Agradeço a proteção de Maria, Mãe da Divina Providência, por interceder por mim diante de seu Filho por tudo aquilo que era necessário, ainda que eu não soubesse e que hoje vejo que foi fundamental.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), pelo suporte financeiro ao longo deste percurso, pois me permitiu a dedicação total ao estudo e também possibilitou a realização desta investigação. Agradeço, porque esse apoio também me proporcionou um crescimento pessoal e um amadurecimento acadêmico que são imensuráveis. Da mesma forma, estendo esse agradecimento à coordenação e ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, pela oportunidade e pelo suporte ao longo desses anos: aos professores e técnicos, deixo um muito obrigado sincero e de coração.

De maneira especial, agradeço a professora Dra. Ivânia dos Santos Neves, pelo apoio sincero e pelo incentivo, por ter fé e acreditar em mim mesmo quando muitos não acreditavam e quando todas as condições eram desfavoráveis. Agradeço a ela, minha orientadora, por me ensinar o que é pesquisa, o que é comunicação e por me mostrar a importância de se enxergar a Amazônia com outros olhos. Sem ela, nada disso seria possível. E estendo este “muito obrigado” ao grupo liderado por ela, o GEDAI (Grupo de Estudo Mediações, Discurso e Sociedades Amazônicas), sobretudo aos amigos: Shirley Penaforte e suas lindas fotos; Maurício Neves Correa e sua criatividade materializada na capa desta dissertação; e Pedro Leal, Vívian Carvalho e Nassif Jordy, pelo companheirismo e pela partilha de vida ao longo deste período.

Da mesma forma, agradeço também a professora Dra. Regina Lima, minha primeira orientadora neste percurso. Agradeço a ela pelo convívio ao longo do primeiro ano de mestrado que, por meio de suas recomendações, tanto me ajudou a preencher lacunas na minha formação acadêmica. Agradeço a ela por tanto se preocupar com a minha formação e

também pela sua felicitação ao ver este singelo sucesso, mesmo não sendo mais a orientadora. E, da mesma forma, estendo esse agradecimento aos seus pupilos Uriel Pinho e Dilermando Gadelha, os quais eu tive o prazer de ter como companheiros de pesquisa na primeira parte desta jornada.

Agradeço aos amigos que compartilharam essa trajetória, dos primeiros encontros em sala de aula aos momentos finais de entrega e defesa da dissertação: Alline Passos, Avelina Castro, Elielton Amador, Lucivaldo Baia, Manoel Ednaldo Rodrigues. De maneira especial, agradeço a Thiane Neves Barros e Danielle Blanco, por todos os risos e lágrimas, medos e alegrias, manhãs, tardes, noites e madrugadas compartilhadas ao longo de todo este trajeto. Obrigado por compartilharem o sentimento de perceber que, juntos, somos mais!

Também agradeço a turma de discentes do PPGCom de 2010, sobretudo às amigas Rosa Rodrigues, Tamiles Costa, Dayane Baía e Ronaldo Rodrigues, que me acolheram em seu convívio de aulas enquanto eu era apenas um aluno ouvinte e que me incentivaram a buscar esse sonho. Da mesma forma, agradeço aos discentes de 2011 e 2013 e, também, a amiga ouvinte e hoje discente da turma de 2014, Natália Cohen, pelo maravilhoso convívio ao longo dos anos nesta pós-graduação. Muito obrigado por tantas ideias trocadas e tantas construções realizadas em diálogo ao longo desse período.

Agradeço às pessoas de Afuá, às famílias Jardim e Homobono, às famílias do Capim Marinho, aos administradores, aos donos das *lan houses*, às pessoas que me interpelavam e aos que eu abordei nas ruas. Muito obrigado a todos que me receberam em suas casas com toda caridade e me deram a oportunidade de crescer como pessoa e como pesquisador. Em especial, agradeço a Heliane Jardim e a seu esposo Flávio Moreira, a sua irmã Elisangela Jardim e seu esposo Marcus Homobono, a sua mãe Florzilda Jardim, aos outros membros desta linda família que me acolheu, a professora Luciléia Brito e ao radialista Pedro Jr.: amigos que guiaram meus passos sobre as palafitas da cidade, que mostraram suas vidas e que sempre cuidaram de mim enquanto estive na Veneza do Marajó.

Aos amigos e padrinhos de casamento, Karen Modesto e Jair Santanna, agradeço por tanto rezarem por mim, ouvirem lamúrias, compartilharem empolgações e expectativas, encorajarem as superações e intercederem pelo meu sucesso. Mesmo na distância, seja física ou de tempo, a presença de vocês foi fundamental.

Aos meus irmãos da Comunidade Católica Casa da Juventude (CAJU), que souberam compreender minhas ausências e sempre rezaram por mim ao longo deste percurso. De modo especial, agradeço ao nosso fundador, padre Raul Tavares por se permitir ser instrumento de Deus e fundar a comunidade que tem como carisma a Alegria da Ressurreição,

que foi minha força para não desanimar nos momentos mais difíceis e solitários da caminhada. E, da mesma forma, agradeço ao padre Lucivaldo Corrêa, pelo conforto e carinho de sua orientação espiritual, que me fortificou e deu base para persistir nesse caminho.

Ainda agradeço imensamente a minha família, principalmente a minha mãe Iolanda, meu pai Jurandir (em memória) e a meu irmão Lucas, por serem meu porto seguro nessa jornada, por me incentivarem aos estudos, por saberem lidar com meus estresses e aflições e por partilharem a minha alegria ao final da caminhada, como se fossem eles próprios a realizar esta pesquisa. Às minhas tias Degmar Silva Miranda e Rosária Miranda Fenzl, pelo apoio e investimento (muitas vezes, financeiro) que fizeram em mim e que tanto auxiliaram na realização do mestrado. À minha avó, Estelita Miranda (em memória), que me ensinou a sorrir mesmo na dor da partida. E, de maneira geral, a todos de minha família, aos tios e tias, primos e primas e todos que souberam entender o afastamento necessário para a realização de um sonho pessoal: essa vitória também é de cada um de vocês.

Por fim e de maneira mais que especial, agradeço à Élide Fabiani Morais de Cristo, minha noiva, namorada, amiga e companheira, cúmplice, minha segurança e meu apoio, que viajou comigo a campo, auxiliou a pesquisa, debateu teóricos, deu-me a segurança para fazer este exercício. Agradeço a ela que incentivou quando tive medo, silenciou quando gritei, abraçou quando precisei, enxugou as lágrimas quando chorei, que vibrou e sorriu quando me alegrei. Amo-te e não há palavras ou gestos que possam expressar a minha gratidão por ter você ao meu lado. Meu “muito obrigado” mais singelo e mais alegre eu dedico a você. Infelizmente esse agradecimento não cabe em palavras, mas ele está expresso em cada linha deste texto, pois esta pesquisa só aconteceu por você e com você.

A todos vocês, e a outros que possa ter esquecido, deixo nessas poucas linhas um muito obrigado que não cabe em palavras. Muito obrigado, de coração!

O nosso trabalho – de pesquisadores da Comunicação e das Ciências Sociais, assim como o de profissionais da mídia – consiste, o tempo todo, em falar do mundo, recortar acontecimentos, retratar pessoas e situações. Faz-se apelo a teorias e métodos para construir abordagens a cerca das experiências vividas

Vera França

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as questões de comunicação na Amazônia. Para isso, procuro discutir os usos sociais que os sujeitos atribuem às diferentes tecnologias envolvidas nesse processo e as relações de poder que se estabelecem nesse ambiente. Para tal exercício, entre os diferentes teóricos que subsidiam essa pesquisa, parto da proposta teórico-metodológica de Jesús Martín-Barbero (2004), que identifica na cartografia uma perspectiva de estudo mais aberta e rigorosa e que possibilita ao pesquisador experimentar as dinâmicas do objeto. Essa vivência seria a chave para apreender a materialidade social, que necessita ser experienciada para, enfim, ser analisada. E, para observar esse cenário contemporâneo, também busco apoio na obra de Henry Jenkins (2012) a fim de entender que a cultura está passando por transformações e as diferentes Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) estão se articulando e proporcionando aos indivíduos uma experiência diferente de interação em sociedade. Contudo, é preciso ter em vista que nem todos participam da mesma forma e, nesse sentido, Michell Foucault (1996; 2008) dá suporte a essa investigação para compreender as questões analíticas do poder em sociedade, a maneira como se manifestam as disputas em pequenas ações e como os indivíduos exercem pequenas formas de dominação entre si. A partir dessas questões é possível afirmar que a Amazônia apresenta um contexto multifacetado, onde as diferenças se inscrevem em cada parte de seu território. Afuá é um exemplo da complexidade que existe na região. Localizada no extremo norte do Arquipélago de Marajó, na Amazônia paraense, a “Veneza do Marajó” (como a cidade é chamada pelos seus moradores) tem suas ruas, casas e construções elevadas sobre palafitas que sustentam a cidade inteira sobre o leito dos rios. Neste lugar particular, a web se popularizou há poucos anos pelo sinal da telefonia móvel e proporcionou um novo cenário de interação entre os seus moradores. Mas é preciso destacar que seu sucesso está fortemente atrelado à importância que as rádios possuem no estabelecimento das relações sociais dessa comunidade. Por esse fenômeno é possível perceber como cada forma de uso das TICs está ligada às experiências que se estabelecem em sociedade. Nesse sentido, pensar a comunicação na Amazônia é um exercício que exige olhar a “natureza comunicativa” dos fenômenos sociais (FRANÇA, 2001), sem perder de vista que esses acontecimentos (FRANÇA, 2012) traduzem contextos específicos, que particularizam o lugar onde se realizam. São esses contextos que possibilitam as práticas de apropriação e os usos sociais diferentes das mídias que estão à disposição dos sujeitos, que tornam a experiência dos indivíduos um acontecimento único e singular e que permitem compreender a amplitude do processo comunicativo, que vai além da simples interação social.

Palavras-chave: Comunicação, Amazônia, Convergência Cultural, Experiência, Poder.

ABSTRACT

This research aims to analyze the communication issues in the Amazon. To do this, I try to understand the social uses that individuals do of different technologies involved in the process. And I also try to understand the power relations that are established at scene. For this exercise, I'm using Jesús Martín-Barbero's (2004) theoretical and methodological aspects, which identifies the mapping like a more open and rigorous perspective of study. This aspects allows the researcher to experience the dynamics of the object. This experience was the key to grasping the reality that must be experienced to finally be understood. In analyzing this contemporary setting, I also seek support in the work of Henry Jenkins (2012) to understand that culture is changing and the different information and communication technologies (ICTs) are organizing to provide individuals an experience unlike interaction society. However, one thing must keep in mind that not all participate in the same manner. Here, Michell Foucault (1996, 2008) help to understand the analytical issues of power in society, how manifest disputes in small stocks and how individuals perform small forms of domination. From these questions we can say that Amazon has a multifaceted context, where the differences are inscribed in each part of its territory. Afua is an example of the complexity that exists in the region. Located at the Marajo's archipelago, in the brasilian Amazon, the "Venice of Marajó" (as the city is called by its residents) has its streets, houses and high buildings on stilts that support the entire city on the rivers. In this particular place, the web became popular a few years ago by the signal of mobile phones and provided a new scenario of interaction among its residents. But their success is strongly linked to the importance that the radios have the articulation of social relations that community. So we can see how each form of use of ICTs is linked to experiences that take place in society. In this sense, thinking of communication in the Amazon is an exercise that requires looking at the communicative nature of social events (FRANÇA, 2001). These developments reflect specific contexts, that particularize the place where they happen. It is these contexts that enable the particular practices of appropriation and the different uses of social media. They make the experience of individuals a unique and singular event and that allow us to understand the extent of the communication process that goes beyond simple social interaction.

Keywords: Communication, Amazon, Cultural Convergence, Experience, Power.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Reportagem sobre uso da internet em Afuá 1.	18
Figura 02: Reportagem sobre uso da internet em Afuá 2.	18
Figura 03: Foto de satélite do município de Afuá.	20
Figura 04: Pipas levantando voo em Afuá.	30
Figura 05: Nicodemo e Gunasso, os “Compadres de Afuá”.	31
Figura 06: Registros fotográficos para Facebook.	38
Figura 07: Público registra o evento.	38
Figura 08: Perfil no Facebook do programa Giro 87.	38
Figura 09: Fátima e Cleuminha observando sua foto.	40
Figura 10: Fátima no terreno de sua casa.	40
Figura 11: Cleuminha no açazeiro.	40
Figura 12: Uso do celular na bicicleta.	46
Figura 13: Localização geográfica do Arquipélago do Marajó e de Afuá.	55
Figura 14: Rua do Centro durante a maré-alta.	56
Figura 15: Praça da Quadra durante a maré-alta.	56
Figura 16: Ilhas e rios do Arquipélago de Marajó.	60
Figura 17: Baía do Vieira Grande e Afuá.	60
Figura 18: Vista aérea de Afuá.	60
Figura 19: Entrada do rio Afuá.	61
Figura 20: Orla de Afuá durante o dia 1.	61
Figura 21: Orla de Afuá durante o dia 2.	62
Figura 22: Orla de Afuá durante o dia 3.	62
Figura 23: Afuá à noite no horizonte.	63
Figura 24: Orla de Afuá à noite.	63
Figura 25: Municípios dos Campos e das Florestas.	66
Figura 26: Embarque de pessoas em Afuá.	69
Figura 27: Bicicleta adaptada ao comércio.	70
Figura 28: “Bicilância”.	71
Figura 29: Bicicleta do serviço de energia elétrica.	71
Figura 30: Bicicleta de propaganda e publicidade.	71
Figura 31: Bicicleta adaptada 1.	72
Figura 32: Bicicleta adaptada 2.	72
Figura 33: Página da Rádio Afuá FM.	74
Figura 34: Canoa a remo na orla de Afuá.	75
Figura 35: Jet-sky na orla de Afuá.	76
Figura 36: Ruas conectadas do Centro de Afuá.	81
Figura 37: <i>Fanpage</i> da Rádio Afuá FM.	83
Figura 38: Primeira fachada da Gold Play.	85
Figura 39: Fachada atual da Gold Play.	86
Figura 40: Loja de eletrônicos Gold Play.	86
Figura 41: Fachada da Net Mania.	88

Figura 42: Público diverso acessando a internet pela <i>lan house</i> .	89
Figura 43: Garota interagindo com jogo eletrônico.	89
Figura 44: Fachada da Por do Sol.	90
Figura 45: Ambiente interno da Por do Sol.	91
Figura 46: Área da praça Michaela Ferreira que receberá a tecnologia <i>wifi</i> .	94
Figura 47: O rio, as luzes, os <i>smartphones</i> e as bicicletas.	95
Figura 48: Casal interage em redes sociais pelo <i>tablet</i> .	96
Figura 49: A quadra, o pula-pula e o rapaz.	96
Figura 50: Batalha Camaroeira de 2012.	101
Figura 51: Alegoria utilizada na Batalha Camaroeira.	101
Figura 52: Camarão Convencido.	102
Figura 53: Camarão Pavulagem.	102
Figura 54: Caixa de som da Madejus em destaque.	103
Figura 55: Ouvintes atentos ao cancelamento da Batalha Camaroeira.	104
Figura 56: Rua Principal do Capim Marinho.	108
Figura 57: Entrada da <i>lan house</i> Vilber.com.	109
Figura 58: Estrutura interna da <i>lan house</i> Vilber.com.	110
Figura 59: Entrada da <i>lan house</i> do Antônio.	110
Figura 60: Estrutura de funcionamento da <i>lan house</i> do Antônio.	110
Figura 61: Ruas-palafitas sem poste.	112
Figura 62: Palafitas improvisadas pelos moradores.	112
Figura 63: Dona Maria e o recipiente coletor de água.	113
Figura 64: Dona Maria faz os serviços de casa.	113
Figura 65: Família de Dinair Barbosa de Oliveira.	115
Figura 66: O menino, a televisão e o DVD.	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – PRIMEIROS PASSOS DE UMA PESQUISA	13
CAPÍTULO 1 – UM CAMINHO DE DESCONSTRUÇÕES E AUTODESCOBERTAS	17
1.1. Afuá: contatos quase imediatos	17
1.2. Na ciranda das pesquisas qualitativas sobre a Amazônia	19
1.3. Um jornalista em meio às teorias da cultura: recortes epistemológicos	23
1.4. <i>Smart</i> o que mesmo? Ou a minha “briga de galo”	29
1.5. “Deixa eu ver a foto”: questões de poder	34
1.5.1. Duas experiências com a fotografia	37
1.5.2. Quando o cotidiano vira espetáculo	39
1.6. A internet como acontecimento	41
CAPÍTULO 2 – NOVAS PERSPECTIVAS PARA EXPERIENCIAR A AMAZÔNIA	48
2.1. O exótico, o estranhamento e a experiência nas diferentes Amazônias	50
2.2. Pelo céu e pelo rio: entrando em Afuá	55
2.3. Pluralizando verdades	63
2.4. Pelas ruas de Afuá: bicicletas, rios e pontes de concreto e de madeira	68
2.5. Atravessando fronteiras: antenas, telas e autofalantes	73
CAPÍTULO 3 – CONVERGÊNCIAS CULTURAIS: ENTRE RÁDIO, REDES E TANQUES	78
3.1. O lugar das rádios no cotidiano da cidade	80
3.2. Novos processos? Atualizações no ambiente da convergência	84
3.2.1. <i>Lan house</i> Gold Play	85
3.2.2. A história da <i>lan house</i> Net Mania	87
3.2.3. A popular <i>lan house</i> Por do Sol	89
3.2.4. Os telecentros, a biblioteca e os processos de apropriação	91
3.2.5. A Webflash e as conexões	92
3.3. As praças digitais de Afuá: e tudo mudou	94
3.4. Evidências da convergência: protestos em Afuá	97
3.4.1. A primavera em Afuá	100
3.5. O Capim Marinho e outras redes: não mudou tanto assim	106
3.5.1. Sobre as ruas-palafitas do Capim Marinho	107
3.5.2. Outras convergências culturais	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS – A CONVERGÊNCIA CULTURAL COMO ENTENDIMENTO À COMUNICAÇÃO	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS	125

INTRODUÇÃO

PRIMEIROS PASSOS DE UMA PESQUISA

Para iniciar os caminhos que, neste momento, culminaram nesta dissertação, precisei, primeiro, reconhecer que é um grande desafio compreender o que é a Amazônia. Talvez sempre o tenha sido, talvez o seja nos próximos anos e décadas, ou talvez o seja sempre. Não se trata apenas da constatação de sua abrangência, que não obedece às fronteiras regionais ou nacionais desenhadas nos mapas geopolíticos dos livros didáticos, ou de perceber a complexidade de biomas, de espécies vegetais e animais, de relevos, climas, bacias hidrográficas e outros fatores naturais que se inscrevem nesse lugar. Acredito que estudar a Amazônia é desafiador por existirem diversos elementos que compõem a sua realidade, inúmeras singularidades que irão construir o olhar de cada sujeito para a maneira de enxergar a região e que irão desenhar novos caminhos para se percorrer neste território.

Nesse sentido, a cidade de Afuá, lugar onde minha pesquisa aconteceu, ilustra bem a realidade multifacetada da região: ela é mais uma entre as muitas Amazôniaas que se constituem neste território. Localizada no Arquipélago do Marajó, na Amazônia paraense, o município é marcado pelo grande consumo de tecnologia e pela presença dessas ferramentas nas dinâmicas do dia a dia de sua população, o que, a princípio, parece contrastar com a maioria dos indicadores sociais que o descrevem pela baixa renda salarial e por índices de desenvolvimento humano bastante reduzidos. Sobre suas palafitas, no entanto, acontecem inúmeros processos de apropriação das diferentes Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs), atravessados pela circulação do poder e por práticas de dominação.

São variadas e heterogêneas as dinâmicas que compõem o cotidiano de Afuá e a cada viagem a campo, a cidade e seus moradores me faziam perceber novos contornos de suas materialidades. E, para me significar como pesquisador, para configurar a minha maneira de olhar essas dinâmicas, foi necessário assumir novas perspectivas teórico-metodológicas para falar desses sujeitos, os moradores da Veneza do Marajó. Passei a olhar para a experiência desses sujeitos, mas também para a minha própria experiência. E, assim, a cidade e as particularidades da Amazônia marajoara nasceram em mim e aconteceram para mim.

No início deste percurso, desejava olhar apenas o uso dos *smartphones* entre os seus cidadãos. Despertava meu interesse saber que a internet naquele município havia se popularizado exatamente pela presença dessas tecnologias móveis. Desejava observar o ciberespaço, esse lugar “(...) de comunicação aberto pela interconexão mundial de

computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92) que marca a história da humanidade, pois torna possível que os indivíduos interajam de outra forma com os meios de comunicação.

Entretanto, mergulhar na complexidade de Afuá me fez compreender que os processos não acontecem de forma igual, mas são particularizados por cada contexto social. Mais que uma “cibercultura de bolso” (ideia inicial daquilo que eu procurava e primeiro título desta pesquisa), as “palafitas digitais” sustentam uma série de usos sociais das diferentes mídias, entre as quais a internet tem um lugar de extrema importância – mas que não é exclusivo – no estabelecimento dessas dinâmicas. Não se trata apenas da apropriação da rede mundial de computadores a partir das tecnologias móveis, mas significa que existe a necessidade de observar um ambiente comunicacional que vem se estabelecendo a partir do processo de convergência pelo qual passa a cultura na contemporaneidade (JENKINS, 2012). Nesse sentido, estas palafitas sustentam uma dinâmica que articula a internet, os *smartphones*, as rádios locais, as apropriações dos conteúdos massivos etc.

Essa realidade se torna mais clara nos pequenos eventos do cotidiano da cidade. E, nesse sentido, um acontecimento prosaico, ainda na primeira viagem, marcou o início desta perspectiva. Neste primeiro momento do meu trabalho de campo, na véspera de retornar a Belém, no meio da tarde, pouco antes das 15h, cheguei à casa da família que me recebeu em Afuá. Eles jogavam baralho como passatempo, enquanto esperavam o momento do lanche. Estavam na varanda: Marcus Homobono, chefe da família, seus cunhados, os gêmeos Fábio e Fabrício Gonçalves, Elton Jardim e Manoel Jardim. Percebi que algumas mulheres estavam no lado de dentro da casa, pois ouvia suas vozes naquela direção e era possível vê-las passando pela sala.

Durante o jogo, havia um bate-papo exaltado em função da disputa entre os participantes. Inesperadamente, Elton Jardim parou de conversar e resolveu checar seu perfil na rede social Facebook em seu *smartphone* e percebeu um comentário do locutor da rádio Afuá FM (rádio comunitária local) em sua página pessoal. Elton informou que o locutor havia mandado um “alô” “no ar” para os amigos que “brigavam” baralho, fazendo referência à forma como o jogo estava acontecendo: com todos falando alto e discutindo entre si. Na postagem, o locutor disse que havia passado em frente à casa da família antes de chegar ao estúdio da rádio e os observou na brincadeira.

Imediatamente, Elton comentou com todos e respondeu ao *post*, pedindo que o locutor mandasse o “alô” pela rádio novamente, pois eles haviam perdido e iriam ouvir dessa vez – além disso, Elton “curtiu” a postagem na rede, como ele informou. Em seguida, um dos

sobrinhos ligou o rádio e, poucos instantes depois, todos ouvimos o locutor mandando novo recado para os amigos. Ele também comentou “no ar” a sua troca de mensagens com Elton, enquanto mandava novamente o abraço para a família. Assim, despedi-me de todos e parti do município com esta cena na memória.

Sabia que este acontecimento guardava a chave para interpretar a materialidade empírica em profundidade. Ele me suscitou investigar o processo de convergência que eu observava, mas que, até este momento, enxergava apenas algumas pistas de como ele se estabelecia na cidade. O fato me levou a perceber as diferentes formas de uso que os sujeitos faziam das tecnologias: por que *smartphones* seriam mais presentes em vez dos computadores? Qual seria a importância da rádio para esses sujeitos? Qual a relação entre os *smartphones* e a rádio? Além disso, também me instigavam as questões de poder que estariam relacionadas a essa apropriação individual: por que, entre todos, apenas aquele indivíduo articulou a mediação com a rádio e permitiu que a interação acontecesse daquela maneira? Que lugar ele ocupava no cenário?

Diante desse panorama, precisei reposicionar meu olhar. Foi necessário perceber as dinâmicas que se estabeleciam a partir das apropriações que esses indivíduos realizavam. O objeto empírico exigiu que se realizasse este deslocamento, “(...) que nos leve das tecnologias em si próprias para seus modos de acesso, de aquisição, de uso” (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 178). E foi esse deslocamento que me permitiu perceber os processos de disputa de poder, de dominação, mas também de resistência, de subversão, de resignificação: ações táticas do próprio cotidiano, que resignificam a cultura para os sujeitos que a articulam (CERTEAU, 1998).

Essa percepção permitiu verificar que as particularidades da cidade são responsáveis pelo estabelecimento das diferentes mídias neste lugar e também pelos usos específicos de seus moradores. Nesse sentido, não há como pensar a internet, a TV ou o rádio de forma semelhante à capital do estado (Belém), por exemplo. A web em Afuá aconteceu de forma diferente. Da mesma forma, os *smartphones* e outras mídias. As TICs que se sustentam nessas “palafitas digitais”, por onde seus sujeitos circulam para construir novas experiências de sua cultura, só se estabelecem pela apropriação que o lugar exige.

São essas considerações que norteiam esta pesquisa. No primeiro capítulo, além de apresentar Afuá de maneira preliminar, trato de expor a minha experiência e os processos de transformações pelos quais passei desde os primeiros contatos com sua realidade até os últimos momentos de andanças pelas ruas-palafitas da cidade. Apresento principalmente alguns aspectos da minha experiência em campo, tão importantes para mudar meu olhar sobre

o cotidiano e o contexto amazônicos. Mesmo como sujeito da região, reconheço que sou atravessado pelos inúmeros discursos que narram uma imagem de realidade que aprisiona a complexidade da região sobre muitos estereótipos. Entretanto, viver a Amazônia por meio das dinâmicas de Afuá me permitiu identificar algumas singularidades que a tornam diversa.

No capítulo 2, aprofundo a descrição da cidade. Narro as distâncias percorridas para se chegar à cidade e o deslocamento necessário para viver seu cotidiano. Destaco particularmente os estranhamentos que experienciei ao participar de suas dinâmicas. Nesse capítulo, procuro observar elementos importantes para o cotidiano dessa população, como o lugar das bicicletas, mas também as primeiras compreensões da mediação cultural que as diferentes mídias proporcionam ao dia a dia dos moradores.

Por fim, no último capítulo falarei detidamente sobre a articulação entre o funcionamento da rede e das rádios em Afuá. Procuro apresentar os aspectos da cultura que dinamizaram a apropriação dessas mídias pelos moradores e evidenciar como as histórias dessas tecnologias estão fortemente ligadas entre si. E, para isso, trago evidências de seu cotidiano que demonstram os processos de apropriação e convergência que existem nessa sociedade. Da mesma forma, procuro evidenciar as diferentes maneiras de participação nesse cenário de interação e dou destaque às disparidades entre as dinâmicas que acontecem no bairro do Centro de Afuá e a realidade de marginalização social dos moradores do bairro do Capim Marinho. Este último, que é o bairro mais recente da cidade, evidencia como existem diferenças na forma de participar da comunicação, como existem relações de poder que se estabelecem no cotidiano, mas também como essa dinâmica integra o processo de convergência cultural.

CAPÍTULO 1

UM CAMINHO DE RUPTURAS E AUTODESCOBERTAS

Neste primeiro capítulo, apresento as primeiras etapas de minha pesquisa, as aproximações com o tema, que a princípio estava voltado apenas para o uso dos *smartphones*, o percurso teórico-metodológico e como construí meu lugar de pesquisador, a partir dos acontecimentos que experienciei em Afuá, em três visitas para a realização de meu trabalho de campo, que aconteceu nos meses de janeiro, julho e novembro de 2013.

1.1. Afuá: contatos quase imediatos

Meu primeiro contato com Afuá aconteceu durante a realização da especialização em Jornalismo Digital, promovido pela Universidade Internacional de Curitiba (Uninter). No decorrer das aulas de um curso que funcionava na modalidade à distância, por meio da internet, durante a elaboração do artigo de conclusão de curso, localizei uma série de reportagens especiais que demonstravam a forte relação que as pessoas desenvolviam com a internet. A série de reportagens intitulada “Lig@dos”, do portal de notícias G1, apresentou, entre várias matérias, duas que demonstravam como os cidadãos afuaenses participavam da web de maneira intensa (BRENTANO, 2011a; 2011b).

Mesmo a presença da rede mundial de computadores sendo um acontecimento recente no dia a dia dos moradores de Afuá, o veículo jornalístico narrava que as práticas culturais daquela população já estariam passando por grandes transformações de maneira muito rápida, em um curto período de tempo. As imagens a seguir demonstram como a cidade era ilustrada a partir das transformações instauradas pela web.

G1 Tecnologia e Games

oferecimento buscar

Editorias Economia Sua região Na TV Serviços VC no G1 Princípios editoriais Rock in Rio Salão de Frankfurt

12/05/2011 12h00 - Atualizado em 13/05/2011 14h33

Há 2 anos com celular e web, cidade das bicicletas se adapta à vida on-line

Cidade conta com 3 lan houses e um provedor de web via rádio. Telefonia móvel chegou ao município da Ilha do Marajó em 2008.

Laura Brentano
Do G1, em Afuá (PA)



Tecnologia e Games

13 SET 12:35 Twitter aprova conta do ministro iraniano das Relações Exteriores

11:50 Grupo é preso por plano para invadir PCs do Santander

10:43 Agência oficial síria 'Sana' sofre ciberataque

10:29 'GTA V' vaza 4 dias antes e é compartilhado ilegalmente em sites

RELOGIOS ESTILO TISSOT A PARTIR DE R\$ 99,90

Figura 01: Reportagem sobre uso da internet em Afuá 1 (Fonte: www.g1.com.br).

G1 Tecnologia e Games

NET buscar

Editorias Economia Sua região Na TV Serviços VC no G1 Princípios editoriais Rock in Rio Salão de Frankfurt

13/05/2011 12h09 - Atualizado em 13/05/2011 14h37

Com celular há 2 anos, Afuá já vive 'dependência' de smartphones

Jovens da cidade paraense acessam redes sociais por aparelhos móveis. Na Ilha do Marajó, Afuá tem duas lojas que vendem celular.

Laura Brentano
Do G1, em Afuá (PA)

Mesmo sem sinal 3G, alguns moradores de Afuá (PA) acessam a internet pelo celular mais do que pelo computador. A telefonia móvel chegou ao município da Ilha do Marajó em 2008 e o acesso à web por aparelhos móveis já se tornou realidade para muitos moradores.

O smartphone está presente na maioria das mochilas dos adolescentes. "Já troquei de celular quatro vezes. O que tenho agora é um smartphone com acesso à internet, TV e aplicativo do Messenger", diz Kely de Castro, de 18 anos. "Para mim, eu sempre tive um celular. Não consigo imaginar a minha vida sem", completa.

Suas colegas do 3º ano do Ensino Médio, Aline dos Reis, de 18 anos, Jaqueline dos Santos, 17, e Maria José de Melo, 18, também têm o celular como o principal meio de acesso à web. "As vezes, vou em lan house, mas entro nas redes sociais pelo celular. Mesmo devagar, chego a ficar até duas horas conectada", disse Jaqueline, que já trocou de aparelho duas vezes.



Alunos do 3º ano do Ensino Médio são viciados nos seus smartphones (Foto: Laura Brentano/G1)

"Sempre troco quando surge um lançamento", diz Aline, que já teve quatro celulares. Os preferidos são os com internet e TV. As redes sociais estão no topo da lista dos sites mais

Tecnologia e Games

13 SET 12:35 Twitter aprova conta do ministro iraniano das Relações Exteriores

11:50 Grupo é preso por plano para invadir PCs do Santander

10:43 Agência oficial síria 'Sana' sofre ciberataque

10:29 'GTA V' vaza 4 dias antes e é compartilhado ilegalmente em sites

RELOGIOS ESTILO TISSOT A PARTIR DE R\$ 99,90

Shopping

Zoom.com.br
Sony Xperia 4GB 2 Chips
a partir de R\$

Figura 02: Reportagem sobre uso da internet em Afuá 2 (Fonte: www.g1.com.br).

De acordo com as informações das reportagens, há pouco mais de quatro anos, a internet havia se popularizado entre os moradores, fato que aconteceu principalmente pelo sinal da telefonia móvel. Nesse novo cenário, a cidade era apresentada pelo grande consumo de tecnologia, como *smartphones* e computadores e pelo acelerado envolvimento dos moradores com elas, que alteraram as suas atividades práticas e as rotinas de suas vidas. Isso acontecia, sobretudo, entre os adolescentes, que apareciam como os sujeitos mais participantes desse ambiente.

Apesar de, nesse momento da pesquisa, meu interesse particular estar primeiramente mais relacionado a temas da cibercultura e das práticas comunicacionais em ambiente virtual, a realidade de Afuá me instigava a discutir de que modos os sujeitos se apropriavam dessas tecnologias no seu dia a dia: que usos eles atribuíam a internet e a essas ferramentas em suas atividades rotineiras? Como essas interações passavam a ocupar um lugar importante em suas práticas cotidianas?

1.2. Na ciranda das pesquisas qualitativas sobre a Amazônia

Nos primeiros levantamentos, pude perceber como as dinâmicas da cidade a particularizavam. Enquanto as reportagens apresentavam grande envolvimento dos moradores com a rede mundial de computadores, alguns indicadores sociais demonstravam uma realidade contrária.

Publicado em 2012, pela Fundação Getúlio Vargas em parceria com a Fundação Telefônica, o Mapa da Inclusão Digital (MID) destacava que Afuá ocupava a 5465^a posição no ranking de acesso à internet, entre os 5.565 municípios brasileiros, com apenas 0,8% de sua população possuindo acesso à rede mundial de computadores (NERI, 2012). Esse valor não se diferenciava muito do último Censo Demográfico Brasileiro, no qual 0,89% da população afuaense possui meios para participar da web (IBGE, 2010).

Além disso, no início de 2012, havia pouca informação disponível em rede sobre a cidade: existiam apenas alguns sites e, muitas vezes, com dados repetidos, que apresentavam características básicas como localização geográfica, relevo do terreno, clima, formação da população, entre outros elementos. Mas minha surpresa maior foi constatar que não era possível localizar Afuá em nenhum lugar da região amazônica e do Arquipélago de Marajó a partir das ferramentas Google Terra e Google Mapas. Os instrumentos apenas indicavam uma área provável onde a cidade estaria situada, sem precisar um lugar específico. Não existiam

fotos ou detalhes que me permitissem observar a Veneza do Marajó. E apenas em agosto de 2012 essas informações foram escritas no ambiente *online* e disponibilizadas nas duas ferramentas. A imagem a seguir apresenta a localização de Afuá no Google Mapas.



Figura 03: Foto de satélite do município de Afuá (Fonte: Google Mapas).

Então, como pensar a realidade de Afuá, que se materializava por meio das reportagens do Portal G1 e que contradizia os fatos que os indicadores sociais revelavam? E ainda: como interpretar essa “inexistência” da cidade na geografia *online* seguida de seu “aparecimento”?

Penso que, de maneira geral, os dados ilustram como é o acesso à web na Amazônia, sobretudo nas áreas rurais de seu interior. E, apesar de demonstrarem que houve crescimento nos últimos anos, alguns lugares ainda apresentam valores extremamente baixos, próximos ou com a marca de 0% (NERI, 2012). Como já discutido anteriormente, é necessário compreender a importância das investigações quantitativas para a interpretação dos fenômenos que se materializam na sociedade: estas pesquisas procuram revelar quadros gerais, produzir percepções mais abrangentes que generalizam muitos aspectos para descrever determinados cenários (MIRANDA, NEVES, 2013). Mas é preciso ter clareza de que não se trata de um horizonte estático, pois as pesquisas quantitativas apresentam um recorte histórico em um cenário que continua se desenvolvendo. Ou seja, o fenômeno está sempre em transformação.

Assim, apesar de entender a relevância desses estudos para a leitura da sociedade, é possível questionar os resultados da pesquisa do MID. Ao generalizar as particularidades da Amazônia para desenhar um quadro mais abrangente do acesso à internet no cenário brasileiro, seu esforço reprime as singularidades dos diferentes contextos que se inscrevem

aqui. Ao apresentar as estatísticas das cidades amazônicas, o Mapa da Inclusão Digital e o Censo não são capazes de apreender as dinâmicas da região e reiteram sobre ela os discursos dominantes que a estigmatizam: reestabelecem a visão exógena que sustenta a ideia de “atraso”, de ausência de competências locais para lidar com as questões do acesso à internet, de um território que precisa ser integrado e desenvolvido etc.

As singularidades da região necessitam de outras perspectivas de análise para que sejam percebidas de outra forma. É necessário que haja transformações na maneira de se realizarem pesquisas, de qualquer natureza, sobre a Amazônia, pois a formação de seu território acontece de maneira diferente das outras regiões do Brasil. Essa perspectiva aparece na crítica feita por Agenor Sarraf Pacheco, ao analisar a situação de Melgaço, outro município marajoara que, no início de agosto de 2013, foi apontado pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) como o município de pior desenvolvimento humano em todo o território nacional e o fato foi noticiado por inúmeros veículos jornalísticos.

A minha análise é a seguinte: é preciso interpretar internamente e externamente. Primeiro o que é o IDH e quem o formula? Qual é a base que orienta sua avaliação das sociedades que foram formadas a partir de tradições orais, que foram formadas a partir de outras cosmologias? Não quer dizer que elas não dialoguem com o escrito, com o urbano, com o ocidental. Mas, geralmente, o IDH avalia três elementos: um econômico, que é renda, e dois sociais, que é longevidade e educação.

Os saberes locais não aparecem. Portanto, se eles não aparecem no IDH, o que acontece? Essas populações são taxadas de analfabetas. Melgaço foi noticiado como um município que tem 12 mil analfabetos. Independente das manipulações do Censo para captação de recurso, tem um dado importante: o modelo de escola que chegou no Marajó e na Amazônia, isso mostra que não serve.

O MEC, para implantar uma escola, diz o seguinte: tem que ter 20 a 25 alunos. (...) Como que você implanta uma escola num município em que você passa 15 dias para dar conta de mapear? (...) São seis mil quilômetros quadrados, as populações não moram na cidade. O MEC e o IDH pensam que todo mundo mora numa vila urbana.

É preciso uma leitura por dentro. É preciso ter sensibilidade para pensar o currículo, a escola e a formação do professor. É preciso pensar que as temporalidades do mundo amazônico são outras. O IDH de Melgaço, independente de ser o mais pobre, revela que esse modelo de desenvolvimento humano para o país, homogêneo, não serve (PACHECO, 2013).

O professor Agenor Sarraf Pacheco evidencia que certas características da formação social da localidade não são possíveis de serem mensuradas pelo IDH e isso corrobora para uma análise que não condiz com toda a sua complexidade.

É provável que a “inexistência” e o “aparecimento” de Afuá na rede, de acordo com as pesquisas quantitativas tenham relação com este aumento recente do acesso à web pelos

seus moradores. Muitas vezes as pesquisas se baseiam em dados estatísticos que não preveem alterações em poucos anos. Diante das constatações empíricas sobre Afuá, as afirmações de Pacheco se tornam muito mais significativas, pois permitem enxergar que há questões de poder que se estabelecem nesse cenário e que só podem ser percebidas se modificarmos a maneira de olhar para a Amazônia. As disputas sobre quem é autorizado a dizer o que é a região existem em diversas instâncias e, hoje, esse exercício do poder atravessa o ambiente da academia, das pesquisas científicas sobre as materialidades físicas da sociedade e se desdobra sobre suas representações neste espaço virtual.

Experienciar Afuá me causou muitos estranhamentos. Diante da vivência, imposta pela pesquisa, dessa Amazônia com suas particularidades, entrecortada pelas diferenças que se inscrevem e coabitam o mesmo lugar, fui obrigado a sair de meu lugar. E talvez este estranhamento seja o elemento que tornou possível a realização da pesquisa: conhecer a realidade de Afuá atravessou minhas memórias e me fez questionar que lugar era esse que não se encaixava na norma, na verdade tão institucionalizada sobre a região.

Quando olhei para Afuá, pela primeira vez, minha visão se constituía principalmente pela perspectiva dos discursos dominantes: com a imagem do isolamento e da dificuldade de acesso, da floresta que lhe cerca, a íntima relação com os rios, etc. Afuá se situa em uma região de difícil acesso à linhas de eletricidade, redes de telefonia e até condições mínimas para o recebimento de antenas de televisão. Apenas em 2009, durante a expansão do sinal da TV Cultura do Pará (Fundação de Radiodifusão Paraense – FUNTELPA) para o interior do Estado, a emissora implantou uma antena retransmissora no município, mas houve problemas, como conta a professora Regina Lima (2013), que foi presidente da Funtelpa durante essa fase.

Quando a gente pensou a retomada das retransmissoras [que antes estavam com a iniciativa privada], nós pensamos em “vamos mandar a torre, a antena, tudo pra lá!”, sem efetivamente conhecer o local. E em determinadas localidades, por exemplo, Afuá, foi uma experiência muito interessante. Ela é uma cidade que é imersa no rio, que não tem ruas, tem pontes. Então, quando a gente mandou a estrutura da torre para lá, não tinha como levar o material até o local onde ficava a estrutura da retransmissora. A torre quando é levada vai dividida em três partes e, como ela é pesada, não tem como mandar se não for de carro e carro não passava lá. E eu me lembro que decidimos trazer a torre de volta e a população falava “Não, não leva a torre. A torre é nossa”.

Então, foi preciso procurar uma alternativa para aquela situação. A gente precisou desmontar a torre toda para poder chegar no local e depois montar peça por peça, e fomos levando ali na mão, no carrinho, na bicicleta. E as pessoas ajudavam nesse processo de transportar.

1.3. Um jornalista em meio às teorias da cultura: recortes epistemológicos

Assim, por se tratar de uma pesquisa essencialmente qualitativa, interessada em investigar questões relacionadas às práticas culturais dos moradores de Afuá, acreditei primeiro, que realizaria uma etnografia, no sentido que lhe atribui a antropologia interpretativista proposta por Clifford Geertz (2008) e, a partir da observação participante, desejava tatear os elementos que constituíssem as teias de significados desses sujeitos que eles próprios teceram e que os envolviam. Entretanto, como também afirma o autor, a prática etnográfica não é uma atividade simples, ela demanda um árduo trabalho por meio de suas técnicas, como “(...) selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 2008, p. 4).

Para fazer uma descrição densa das práticas culturais dos moradores de Afuá, segundo este modelo teórico, eu precisaria de um grande investimento de tempo. Aos poucos, percebia os meus limites diante da etnografia, mas não podia desconsiderar a importâncias das práticas culturais para a minha pesquisa, nem de alguns de seus procedimentos metodológicos. Por outro lado, buscava compreender questões mais específicas sobre o que seria este tão complexo objeto de estudo da comunicação.

Como compreender suas particularidades em meio a uma análise de práticas culturais? Como demonstra França (2001), estudar a comunicação não significa necessariamente analisar o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Não se pode reduzir a compreensão de seu objeto de estudo a mera troca de informações entre os sujeitos envolvidos ou ao uso das tecnologias, neste processo. Tampouco significa ampliar seu entendimento, a ponto de reduzir a comunicação a qualquer prática interativa ou relacional, que pode ser analisada por várias áreas de conhecimento. Estudar a comunicação significa posicionar o olhar para perceber elementos específicos que particularizam a natureza do fenômeno social observável, significa apreender uma “natureza comunicativa” que marca o acontecimento que está sendo observado (FRANÇA, 2001, p. 5).

Desta forma, procurei destacar o lugar que a comunicação ocupava na cultura a partir da observação das dinâmicas em Afuá, no estabelecimento das práticas interativas entre esses sujeitos, cujas transformações culturais permitiam a produção de novos sentidos pela presença das mídias e compunham um cenário particular. Não se trata de reduzir a comunicação a um processo de simples conversação e nem de subjugá-la ao advento tecnológico, mas de percebê-la como uma prática interativa que se constitui com a co-participação dos sujeitos envolvidos, seja de forma solidária ou mesmo conflitiva.

Comecei, então, a perceber a natureza comunicativa como um processo mediado por diferentes tecnologias, sempre em construção, imbricada com as apropriações possíveis que as pessoas fazem das práticas culturais e pela maneira como podem ressignificá-la no espaço social de suas interações, por qualquer meio, seja radiofônico, televisivo ou mesmo multimidiático (BRAGA, 2011). A comunicação se estabelecia para mim como uma prática essencial à própria humanidade, “(...) nessa busca sempre difícil da relação com o outro, na qual se misturam o simples desejo de expressão e a vontade de compreensão mútua” (WOLTON, 2004, p. 57).

Diante de minhas limitações e dos meus interesses, percebi que não realizaria uma etnografia, pelo menos não no sentido clássico da palavra, que envolve uma descrição densa. Mas estava clara a importância de perceber, ainda que em parte, a partir do meu lugar de fala, as práticas culturais e as movências históricas dos moradores de Afuá. Como adverte Foucault (1996, p. 09):

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

Depois de vários diálogos com minha orientadora, ficou resolvido que meu trabalho se orientaria por outra vertente das teorias da cultura. Então, embora não pudesse desconsiderar algumas categorias da etnografia, decidimos trabalhar com as formulações dos estudos culturais latino-americanos, mais especificamente com a perspectiva metodológica de cartografia, proposta por Jesús Martín-Barbero (2004).

O desafio de realizar uma cartografia se estabeleceu como melhor opção teórico-metodológica para realizar a pesquisa e compreender os processos comunicacionais que se estabeleciam em Afuá. Segundo a proposta de Martín-Barbero (2004, p.15), cartografar seria esse esforço em descentrar meu olhar e buscar “(...) os olhares de outros, os dos protagonistas” dessa história.

Não se trata apenas de propor a realização de uma pesquisa a partir da “observação participante”, categoria analítica cara à etnografia, pois em minha compreensão a palavra “observação” faz a manutenção do distanciamento entre pesquisador e objeto empírico. Cartografar significaria, então, reconhecer o lugar que ocupo na vivência empírica naquela sociedade e perceber o meu lugar de fala. Ela permitiria o envolvimento necessário para experienciar o cotidiano a ser estudado e isso possibilitaria que o objeto empírico participasse da apreensão do pesquisador, que revelasse a melhor forma de conduzir o estudo.

A cartografia é uma metodologia que me permite manter em vista o horizonte da pesquisa em comunicação: devo perceber a interação social como uma atividade da qual todos participam. Entretanto, seu acontecimento se dá de maneira particular e individual, como cada um experimenta essa relação dialógica e, por isso, não há formas – ou fôrmas – estabelecidas para se analisar esse processo. Logo, a minha experimentação também é elemento fundamental para constituir a minha percepção do fenômeno e, dessa maneira, ela me possibilita ir além de métodos e técnicas específicas. A cartografia cria a oportunidade de buscar outros instrumentos e ressignificá-los pelas necessidades que os estudos em comunicação possam exigir, de maneira que eu possa perceber o lugar que a interação ocupa na experiência social (MARTÍN-BARBERO, 2004).

Assim, mais que simplesmente observar um cenário e descrevê-lo, procuro experimentar Afuá, pois se a comunicação é epistemologicamente essa busca pelo outro, dentro de processos sociais, não há como me sustentar no autoisolamento da “observação”. Estou me comunicando e interagindo a todo instante com as materialidades do objeto empírico. Sou agente que participa ativamente de sua cultura, pois estou imerso em seu cotidiano, e interajo com ele e não há como impossibilitar que isso aconteça. Experimentar consiste em perceber que partilho um universo em comum com esses sujeitos marajoaras, que nos torna próximos, participantes das mesmas dinâmicas e experiências. Partilhamos elementos simbólicos pelo qual podemos construir nossos vínculos, afetivos ou não, e que nos permitem entrar em contato entre nós, pois somos constituídos por eles e os constituímos, como demonstra Rodrigues (1990, p. 69):

Qualquer acto de comunicação inscreve-se, por isso, para além da relação observável entre os interlocutores, numa relação de natureza ambivalente às regras que os definem como interlocutores dos actos concretos de comunicação, dando assim sentido àquilo que dizem ou fazem e significação às mensagens e às acções trocadas. É por esse motivo que, no fundo, nunca pode haver comunicação a dois; qualquer processo comunicacional, mesmo o de um indivíduo consigo próprio, coloca inevitavelmente em cena uma instância terceira, a instância institucional que vigia, normaliza e sanciona o dizer e o fazer dos protagonistas das expressões e das acções trocadas. (...) É por isso que mais do que falantes de uma língua, somos por ela falados. É algo que mergulhamos e nos põe em cena.

Identifico a comunicação como um fenômeno próprio do cotidiano. Ela se inscreve como uma “ação tática”, da qual fala Michel de Certeau (1998), que os sujeitos desenvolvem para ressignificar as práticas culturais em sociedade. É verdadeiramente uma ação de diálogo, tensionamento e negociação, que os indivíduos estabelecem no contato com o outro, mesmo

que a natureza da interação seja solidária. E, apenas ao percebê-la dessa forma, é que posso compreender essa função de coautoria que os sujeitos desempenham nas interações entre si, quer sejam presenciais ou mediadas pelas diferentes tecnologias midiáticas. Como afirma o autor, “Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização” (CERTEAU, 1998, p. 40).

Inevitavelmente, os indivíduos recebem, apropriam-se e manipulam a cultura com que interagem socialmente, quer sua ação seja simplesmente reproduzir as práticas estabelecidas, quer sejam novas formas de interagir, de dialogar. Mas não posso negar que a comunicação guarda a possibilidade de ser essencialmente subversiva, que reside na possibilidade de combate, de procurar brechas nos discursos estabelecidos, nas vontades de verdade, nas práticas ideológicas que orientam a forma de utilizar as TICs, para driblar imposições dos sistemas de poder, para subvertê-las às necessidades dos sujeitos em sociedade.

Entretanto, quem pode dizer o que em Afuá? Se a comunicação permite que outros discursos sejam estabelecidos na cidade, quais o são? O exame dessas atividades interativas revela que, como afirma Jenkins (2009), nem todos participam da mesma maneira dos adventos tecnológicos. Estruturas de poder se estabelecem nas relações entre os sujeitos, um acontecimento que se configura cotidianamente pela maneira como cada indivíduo se apropria dessas tecnologias. Isto é, acontece que muitas verdades permanecem silenciadas nessa dinâmica de encontrar brechas nos discursos, na possibilidade de subverter, pois nem todos os marajoaras participam da interação que promovem as TICs na cidade.

(...) não se trata de analisar as formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capitar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga e penetra em instituições, corporifica-as em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento (FOUCAULT, 2008, p. 182).

Assim, é fundamental também observar o papel que essas tecnologias passam a assumir nos sistemas de poder dentro de sua sociedade. Pois isso corrobora para a maneira própria como os indivíduos experienciam interação social, socialmente e individualmente. E, ao mesmo tempo em que poderei observar as interações que os sujeitos estabelecem entre si

cotidianamente, também será possível analisar o lugar que esses indivíduos ocupam ao articularem os diferentes instrumentos de que dispõem para essa prática.

No exercício de cartografar Afuá, não posso reduzir a comunicação às interações que acontecem apenas na sede do município. Ela está na apropriação de tudo com que seus moradores interagem: sejam os acontecimentos da cidade, os fatos que cheguem pela voz das pessoas que desembarcam na orla, ou mesmo as práticas culturais que vêm por meio das mediações tecnológicas e, também, pelas disputas que se estabelecem a partir delas. O lugar que cada indivíduo ocupa nesse cenário reflete na maneira como interagem com esses bens culturais, o que fazem com eles e como os devolvem para o contexto social.

A cartografia me fornece o instrumental necessário para perceber a maneira como seus moradores lidam culturalmente com os meios de comunicação que estão à sua disposição. Ela me permite enxergar e experienciar esse lugar de coautoria na atribuição de outros sentidos à cultura. Meu olhar recai em como eles experienciam essas práticas comunicativas em seu cotidiano, mas também sobre os usos atribuídos as tecnologias em seu cotidiano.

Por isso, é fundamental ressaltar que a comunicação é sempre um fenômeno contextualizado, que acontece “em contextos sociais que se estruturam de diversas maneiras e que, por sua vez, produzem impacto na comunicação que ocorre” (THOMPSON, 2008, p. 20). Esses contextos também são responsáveis por formar a experiência de cada indivíduo, por constituírem seus trajetos históricos e sociais particulares.

Não é possível supor que os processos comunicativos aconteçam da mesma maneira em diferentes lugares do planeta. Estudar a comunicação é uma forma específica de analisar como as interações se desenvolvem, mas que necessita também perceber que se trata de indivíduos envolvidos em contextos socioculturais particulares e sobre os quais essas dinâmicas se tornam específicas. É necessário apreender o contexto como esse “lugar” específico onde a experiência cotidiana se materializa: onde o local se torna o centro da rede, um espaço principal para seus sujeitos que se articulam com o global; onde existe uma realidade dinâmica, tensa e permanentemente instável que dinamiza a relação entre o que é global e o que é particular; onde o lugar nos leva a descobrir seus novos significados; ou, simplesmente, onde “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. (...) Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (SANTOS, 2008, p. 314).

Afuá se inscreve em um contexto latino-americano e amazônico. Os trajetos históricos que marcam essa realidade estão inscritos no Arquipélago do Marajó, nesse Marajó

das Florestas (PACHECO, 2009), e compõem sua formação. Eles se inscrevem no cotidiano dessa população, ainda que não sejam percebidos por seus moradores em seu dia a dia. E, ao percorrer meu caminho até a cidade, ao traçar esses novos mapas que evidenciam essas questões pelo processo comunicativo, pude identificar a importância de perceber e conjugar seu contexto histórico e cultural às práticas cotidianas, para analisar esse lugar da experiência da interação.

Ao visitar a cidade, os caminhos, pelos céus e pelos rios, evidenciam questões diferentes, mas que se complementam na apreensão da realidade observável: do alto é possível ter a percepção mais aberta de suas dinâmicas, ao enxergar os caminhos que os rios fazem e as dificuldades para se percorrê-los, mas embaixo é possível ver as dinâmicas pessoais acontecendo, as apropriações, as subversões e formas de resistência. E, como demonstra Martín-Barbero (2004, p. 188), a cartografia permite evidenciar esse olhar que acontece “por cima”, no campo das atribuições propostas pelas tecnologias aos usos de cada mídia, mas também “por baixo”, nas resistências regionais para driblar os padrões de uso pré-estabelecidos de acordo com cada realidade. E só pude perceber tal análise a partir da experiência da pesquisa empírica.

Nesse sentido, meu olhar procurou enxergar as formas como os moradores de Afuá se apropriam das possibilidades de interação que o rádio, a TV e a internet permitem e como isso modifica, contribui ou sustenta as práticas que se estabelecem em seu território, mas que inegavelmente participam de sua construção social. Cartografar é, para mim, uma prática que permite enxergar as fronteiras que definem, limitam o olhar, mas que não são precisas e muito menos estáticas.

As fronteiras são verdadeiramente vivas e se movem, geram novas perspectivas para observação a cada olhar para o objeto. E, neste caminho acadêmico, representou também meu próprio processo de autodescoberta. Trata-se de observar uma Amazônia que se move, que existe além dos discursos estabelecidos que são materializados rotineiramente, que existe nas resistências e subversões, que somos nós e que carregamos em nossos deslocamentos dentro da própria região, do território brasileiro ou planetário, sejam caminhos físicos, pelas redes telemáticas, conceituais ou todos, simultaneamente.

1.4. *Smart* o que mesmo? Ou a minha “briga de galo”

A experiência de ir a campo mudou bastante minha forma de olhar para Afuá. Visitar a cidade me permitiu confrontar perspectivas pré-estabelecidas. Minhas concepções colidiram entre si e me obrigaram a perceber que as apropriações que os cidadãos afuaenses fazem das diferentes mídias não se limitam ao uso das TICs, mas têm relação com a mediação cultural das diversas tecnologias, sejam eletrônicas ou não.

Eu me propus a investigar os usos das mídias priorizando aspectos da mediação, das questões que delimitam seus usos particulares, que atribuem importância social e cultural a cada TIC nas diferentes sociedades. E, no exercício da cartografia, analisar este objeto empírico, as novas tecnologias, o uso da internet e a dinâmica instaurada pelos *smartphones* em um contexto amazônico específico, significou olhar para ele a partir de uma “(...) recolocação dos próprios termos com os quais se enuncia o tema, já que o discurso acerca dos efeitos das tecnologias sobre a cultura está cheio de armadilhas” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 177).

Como já dito, Afuá possui dinâmicas comunicativas particulares, que se inscrevem e compõem esse “lugar” específico em que se constitui o município (SANTOS, 2008). Suas palafitas sustentam diferentes atribuições sociais ao uso das mídias. Não tenho a pretensão de dizer que a maneira como as interações acontecem na cidade sejam únicas no planeta. Desejo apenas destacar que há uma forma própria dos indivíduos estabelecerem suas relações sociais neste “lugar”, a partir das singularidades culturais e dos diferentes meios de comunicação que estão à sua disposição.

No início desse percurso, minha percepção estava limitada apenas a um tipo de uso das ferramentas, como se houvesse apenas uma forma correta ou verdadeira de utilização das TICs. Partia de meu lugar de fala, da minha compreensão das dinâmicas de Belém, para julgar os usos singulares que desejava observar. Em meu primeiro contato com Afuá, por meio das reportagens do Portal G1 (BRENTANO, 2011a, 2011b), desejava analisar um acontecimento que estaria no início de seu processo: o início dessa relação dos moradores com a web. Imaginava que os processos comunicativos em Afuá se desenvolveriam de maneira semelhante a qualquer outra cidade que já houvesse passado por essa experiência.

Já durante a segunda visita ao município, que aconteceu em julho de 2013, quando pude dispor de mais tempo na cidade, percebi que, enquanto transitava nas ruas, era capaz de observar os elementos do fenômeno de acesso à internet e o consumo de tecnologias, mas não conseguia participar das dinâmicas, pois não era alguém integrado ao lugar. E, para que eu

experimentasse a dinâmica que o objeto propunha, precisaria ser reconhecido pelos sujeitos afuaenses como alguém de seu convívio. Então, procurei participar e ser reconhecido. Muitas vezes expliquei às pessoas o que estava pesquisando.

Meus anfitriões me receberam muito bem, mas havia um distanciamento que não me permitia experienciar seu cotidiano. Mesmo assim, não mediram esforços para articular os contatos que eu necessitava para a investigação. Aos poucos, estabeleci laços e vínculos e me tornei mais próximo deles. Conheci outras pessoas da cidade e rompemos com essa barreira que separa o isolamento e o reconhecimento.

De alguma forma você conseguiu cruzar uma fronteira de sombra moral ou metafísica, e embora não seja considerado exatamente como um balinês (para isso é preciso ter nascido balinês), você é pelo menos visto como ser humano em vez de um sopro de vento. Todo o aspecto de sua relação muda drasticamente, na maioria dos casos, para uma relação gentil, quase afetuosa – uma cordialidade branda, muito brincalhona, afetada e confusa (GEERTZ, 2008, p. 186).

Durante esta visita, fui assistir ao I Festival de Pipas de Afuá, um evento promovido pela Prefeitura Municipal, com caráter recreativo e de conscientização do público para os riscos da brincadeira com o uso do cerol¹. A foto a seguir indica como essa atividade recreativa envolve pessoas de todas as idades e classes sociais na cidade. Pode-se observar a quantidade de pessoas que participavam do evento enquanto competidores: estavam ali crianças, jovens e adultos alternando a vez para empinar as diferentes pipas que haviam confeccionado para o evento.



Figura 04: Pipas levantando voo em Afuá (Foto: Diogo Miranda).

¹ O cerol é uma mistura feita a partir de cola e vidro triturado que é aplicada em linhas de pipas, papagaios e rabiolas para dar uma característica cortante. Contudo, a substância oferece riscos de acidentes com cortes à população de maneira geral, não apenas aos brincantes, como é noticiado com frequência pela mídia.

Observar e registrar em foto as atividades do festival, a competição entre os diferentes tamanhos, cores, formatos e voo, características julgadas para as premiações nas várias categorias, enfim, estar lá diminuiu o distanciamento entre mim e os moradores.

Para minha surpresa, quando cheguei à quadra de areia municipal, local para prática de diversas modalidades esportivas e onde estava sendo realizado o festival de pipas, os apresentadores do evento, Nicodemo e Gunasso, os “Compadres de Afuá”², começaram a me cumprimentar com brincadeiras, chamaram-me para perto da organização, fizeram perguntas e piadas etc (Figura 05). Mais tarde, descobri que Fabrício Gonçalves, alguém da família que me recebeu na cidade, era produtor do programa e havia passado a pauta para a dupla, com informações bem precisas como eu havia explicado para ele na primeira visita à cidade.

Nesse momento, os compadres me introduziram na comunidade: ali eu era o pesquisador da Universidade Federal do Pará, que iria fazer um estudo na cidade. Eles quiseram saber qual era a minha pesquisa, do que eu falava, brincaram e riram com o tema dos *smartphones*, que até então era a palavra que me guiava, e me convidaram para participar do programa na rádio, para explicar melhor esses assuntos. Em vários momentos eles perguntavam: “*Smart* o que mesmo?”.



Figura 05: Nicodemo e Gunasso, os “Compadres de Afuá” (Foto: Diogo Miranda).

² Gunasso e Nicodemo são personagens do programa “Os compadres de Afuá”, interpretados por Gibson Campos e Pedro do Nascimento Jr, locutores da rádio comunitária Afuá FM. Eles comandam o programa humorístico que brinca com elementos da cultura local, personalidades da cidade, eventos e, até mesmo, produtos midiáticos nacionais, como as novelas Rede Globo. “Os compadres de Afuá” vai ao ar aos domingos, ao vivo, de 12h às 14h, e pode ser também ouvido *online*: www.afuafm.com.br.

Ali, naquele momento, começou a minha “briga de galo”³. Como afirma Geertz (2008), há um certo caráter afetivo, mesmo nas ridicularizações entre os sujeitos locais e os visitantes, que cria laços e vínculos: o “estranho” se torna próximo, íntimo, e mesmo não sendo reconhecido como igual passa a ser participante da realidade. O contato com os compadres fez com que as pessoas me enxergassem de outra forma. Mas essa barreira só seria superada de fato a partir da entrevista na rádio comunitária.

Gunasso: Mas, Diogo, afinal o que é esse negócio aí de *smartphone*? Explica pra gente e pro pessoal que tá aí ouvindo a gente.

Diogo: Bem, de uma maneira simples, *smartphone* é um celular com características de computador. Podemos acessar a internet, baixar, instalar e desinstalar programas, fotografar e filmar nosso dia a dia, editar esse material no próprio aparelho, ouvir música, usar mapas, acessar redes sociais, checar e-mails... Não é que seja um tipo de celular específico, mas tem relação com as funções que o aparelho permite.

Nicodemo: Ah, entendi! Ou seja, são que os celulares que a gente usa no dia a dia, só que com um nome mais bonito. Porque se a gente anda pelas ruas de Afuá é fácil ver as pessoas fazendo exatamente isso que você falou: acessando as redes sociais, ouvindo música, tirando foto e postando no Facebook...

Diogo: Bem... é. Se a gente pensar que o celular “tradicional” está saindo de linha e cada vez mais a gente usa os *smartphones*, sim.

Gunasso: É por isso que quando a minha mulher me largou, ela levou o *smart* e me deixou só com o *phone*. Ela fazia tudo e eu nem ligava.

Nicodemo: É, compadre, *smart* era o vizinho (risos).

(MIRANDA, 2013).

Essa mediação entre os moradores de Afuá e eu, promovida pela rádio comunitária e pelos locutores, permitiu que eu pudesse experimentar diretamente o cotidiano da cidade. A partir desse momento, as pessoas me olhavam e sabiam o porquê de eu estar ali. Em muitos momentos, paravam-me nas ruas e perguntavam coisas qual o melhor celular para comprar, relatavam casos de problemas de equipamentos, contavam particularidades dos seus usos, dos problemas da telefonia na cidade e do valor mais caro que pagavam para comprar estes aparelhos no município etc.

Um outro acontecimento que me chamou atenção se deu na casa da D. Florzilda Jardim, foi a abordagem de um dos trabalhadores que cuidavam das obras que estavam sendo feitas em sua residência. Estava sentado na cozinha fazendo minhas anotações e o rapaz que estava pintando a parede, Huan Patrick, indagou sobre diversos aspectos de telefones

³ A “briga de galo” é uma metáfora baseada na obra de Geertz (2008) e representa o momento em que o antropólogo foi reconhecido pela população que ele pesquisava: ao observar uma briga de galos, atividade cultural da aldeia balinesa que ele visitava, ele e sua esposa também fugiram assustados com a presença da polícia no local, da mesma forma que os moradores da cidade. Esse fato fez com que os nativos passassem a olhar para o casal como indivíduos que partilhavam as mesmas experiências e compreensões culturais e isso os incluiu na dinâmica da aldeia.

celulares. Ele queria saber das diferenças entre um tipo de *smartphone* e outro, qual possuía a melhor qualidade e qual era o melhor para comprar etc.

Eu queria mesmo era saber dos preços porque aqui [em Afuá] eu sei que é mais caro. Tinha um celular desses, sabe? Que a gente passa [referência ao teclado *touch screen*]. Comprei aqui. Mas quebrou. Depois eu arranjei outro, mas a minha mãe precisou e aí eu dei pra ela. Eu tô dando duro aqui e com o dinheiro que vou receber vou comprar outro. Mas mesmo assim, eu ainda acho que é melhor usar a internet na *lan house*. Lá é mais rápido! (MARTINS, 2013).

A indagação conceitual sobre *smartphones* estava mim e não nos moradores. A maioria deles fazia usos da tecnologia, mas não estava interessada em problematizar teoricamente sobre ela. Meus interlocutores estavam mais interessados em saber como escolher o melhor e mais barato aparelho. A própria entrevista na rádio me permitiu ver isso.

Dessa forma, minha “briga de galo” em Afuá permitiu uma aproximação com as pessoas e o seu cotidiano, mas também possibilitou uma elucidação da pesquisa em si. Pude enxergar minhas limitações e sair do lugar comum de realizar uma investigação sobre a Amazônia. Agora se tornava um pouco mais claro, para mim, o meu lugar de fala e como havia diferenças na maneira como cada morador participava das interações em sociedade.

Já não se tratava mais de observar os *smartphones*, mas todo um processo de convergência pelo qual a cultura na cidade estava passando, apoiado pela sua utilização da web juntamente com outras tecnologias, como a rádio. Nessa relação é preciso entender a convergência como um fenômeno que se caracteriza pela forma como cada indivíduo passa a se relacionar com as diferentes mídias. Como explica Henry Jenkins (2009, p. 30): “A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros”.

Sobretudo nesse cenário amazônico, a exemplo da América Latina de maneira geral, como demonstra Martín-Barbero (2004), onde esta realidade foi inventada pelos discursos exógenos e são reiterados pelas mídias massivas, é impossível elucidar a cibercultura ou quaisquer processos relacionados às tecnologias digitais de maneira isolada. Todos nós, sujeitos da Amazônia, somos atravessados pela presença das mídias de massa. Aqui, “novas” e “velhas” mídias se amalgamaram, permitiram que as relações em sociedade acontecessem de outra forma. E, apesar da convergência cultural se instalar em Afuá, é preciso ter clareza de que nem todos os seus moradores participam da mesma maneira (JENKINS, 2009).

1.5. “Deixa eu ver a foto”: questões de poder

Não é somente a abundância, a liberdade e a ausência de controle que seduzem, como também essa idéia de uma autopromoção possível, de uma escola sem mestre, nem controle. (...) A Web se torna uma figura utópica, de uma sociedade onde os homens são livres, capazes de se emancipar por eles mesmos

Dominique Wolton

Comumente se atribui à internet um caráter idealizado de seu funcionamento. Muito, talvez, em função do próprio estabelecimento da rede, de toda a efervescência da contracultura que surge nos anos 1970, que se apropria da tecnologia e populariza o computador pessoal, marcando a participação dos movimentos sociais na história da tecnologia (LÉVY, 1999). Mas também é provável que esse entendimento tenha relação com a natureza essencialmente comunicativa que marca o ciberespaço, que o qualifica como um lugar de grande potencial para que aconteça a comunicação entre os indivíduos (LEMONS, 2010), que estabelece a rede ou o ciberespaço, esse ambiente frutífero para as práticas interacionais sociais.

Nos dias de hoje, os discursos sobre a web ganham força por meio de termos como “conteúdo colaborativo”, “cultura da participação”, “redes sociais” etc, que se popularizam entre os usuários, mas também em toda a sociedade pelos discursos midiáticos. Eles parecem elucidar a cibercultura como um sucesso estabelecido na sociedade contemporânea, pois as práticas sociais cotidianas estariam fortemente relacionadas a esse ambiente da rede mundial de computadores. E, graças a novas interfaces, como *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, entre outras, há um caráter de onipresença que marca cada vez mais esse ambiente da rede, atribuindo a ela a consolidação de sua relevância.

Entretanto, apesar se exponenciar a participação dos indivíduos nesse ambiente *online*, também se perde de vista que esse lugar não é tão inclusivo e não possibilita apenas práticas igualitárias. Assim, mesmo diante das possibilidades de interação proporcionadas pela internet, não se deve esquecer que ela não se estabeleceu como uma substituição aos meios de comunicação de massa, como instrumento para fundar uma nova ordem social. Mas, ao operar por uma lógica diferente das dinâmicas desenvolvidas pelas mídias massivas, ela passa a se organizar como um ambiente complementar às dinâmicas em sociedade (WOLTON, 2007).

Em linhas gerais, trata-se de um espaço onde os sujeitos têm maior liberdade para procurar por informações de seus interesses particulares e podem fazer uma leitura não-linear

dos conteúdos: que não depende do perfil de cada veículo, da grade de programação ou dos horários específicos. Cada pessoa tem a possibilidade de acessar a informação por diferentes caminhos e linguagens, responder aos conteúdos e interagir com outros usuários, produzir materiais específicos, disponibilizá-los em rede etc. (LÉVY, 1999). Tecnicamente, esses indivíduos possuiriam as mesmas possibilidades de interagir que as grandes organizações midiáticas (WOLTON, 2007). Eles teriam a possibilidade de produzir materiais e disponibilizá-los “livremente” para o meio social (LEMOS, 2010).

Essa perspectiva se distancia da interação proporcionada até então por meios como a TV ou o rádio, por exemplo, onde o fluxo de informação se estabelece de maneira desigual, predominando a participação no diálogo por parte dos meios (THOMPSON, 2008). E é essa outra forma de participar que parece desenvolver o “sonho de liberdade” que marca a rede, de um ambiente aberto em que os indivíduos participariam da mesma forma que as grandes corporações (WOLTON, 2007). Ou seja, a possibilidade de produzir e difundir conteúdos de maneira semelhante à mídia massiva e de dar voz aos sujeitos “silenciados” nessa relação interativa parece construir a utopia a cerca da rede mundial de computadores e a web seria a materialização desse sonho de igualdade de participação, mas essa visão generaliza a maneira como as interações acontecem em rede.

Quem efetivamente participa desse ambiente que é instaurado pela cibercultura? Como cada um participa? Jesús Martín-Barbero (2004) ensina que não se pode cair no erro de esquecer que toda tecnologia é, antes de tudo, uma manifestação de uma determinada cultura. E, como tal, existe uma questão de disputa de poder entre uma cultura e a outra nessa relação, ainda que indiretamente e não por vias de força física ou qualquer outro tipo de coerção.

Mesmo diante da possibilidade de construir conteúdos pessoais e de disponibilizá-los no ambiente virtual, não significa que a forma de participação dos diferentes sujeitos ocorra da mesma maneira. Tampouco, que os usuários comuns tenham a mesma força que os grupos de mídia. Assim, fica mais fácil compreender que:

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros (JENKINS, 2009, p. 30).

A rede não está alheia às disputas, às relações de poder. Há diferenças na forma de participação de cada indivíduo, que se constituem a partir de suas singularidades históricas e culturais. O mito da igualdade se desconfigura pelas disputas que se estabelecem nas sociedades e que se reproduzem nesse ambiente virtual, principalmente se o entendemos como realidade ampliada. Talvez seja a configuração desse ambiente que permita enxergar as diferenças, as disputas e as resistências que existem nas práticas comunicativas com mais facilidade.

Sempre houve formas de resistências ao consumo da cultura, os sujeitos sempre se valeram de táticas para manipular ou alterar os conteúdos a sua disposição, para ressignificar esses produtos de acordo com sua realidade (CERTEAU, 1998). Essas táticas da recepção são exatamente as formas de trapacear o hegemônico e subverter a ordem. A internet possibilitou enxergar isso de forma mais clara, dado o grau de “liberdade” que os sujeitos podem ter no ciberespaço. Ela permite tatear melhor as disputas de poder, pois nesse ambiente elas se tornam mais nítidas. A participação de cada indivíduo tem relação com a facilidade pessoal no uso das tecnologias, o envolvimento e a apropriação de cada um, o tempo investido nesse ambiente, o grau de instrução, idade, poder aquisitivo etc. Acredito que seja por meio dessa reconfiguração da cultura que se possa identificar as novas possibilidades de táticas para ressignificar o que lemos, vemos e ouvimos.

Também me debrucei sobre as propostas de Michell Foucault (2008) sobre as questões do poder em sociedade, mas preciso destacar, porém, que não me enveredo por seu método arqueológico, e me detenho sobre sua perspectiva analítica do poder. Busco perceber o poder não como um objeto específico a partir de um conceito bem definido, mas seus efeitos. Trata-se de observá-lo como uma prática social constituída, que se estabelece histórica e culturalmente, que se manifesta em instituições, mas que também reside nas pessoas, nas práticas corriqueiras do dia a dia, nos micropoderes.

(...) o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder e, por isso, veicula o poder. O poder não tem por função única reproduzir as relações de produção. As redes da dominação e os circuitos da exploração se recobrem, se apóiam e interferem uns nos outros, mas não coincidem (FOUCAULT, 2008, p. 160).

O “aparecimento” da cidade de Afuá no ambiente virtual pode representar uma reorganização das dinâmicas em rede, das disputas de poder. Ao se submeterem ao poder exercido pela maneira como a sociedade contemporânea se organiza, que apresenta a web e as novas TICs como símbolos de desenvolvimento e de modernidade (MARTÍN-BARBERO,

2004), seus moradores subvertem a lógica e também exercem o poder sobre essa forma de organização social: mesmo que existam marginalidades ou diferenças nas formas de interação, ao aumentar as interações em ambiente *online*, é possível que eles tenham pautado sua presença no ambiente virtual e obrigado as dinâmicas em rede a escreverem sua localização no ciberespaço. Ou seja, ao se submeterem ao exercício do poder da sociedade ocidental contemporânea, os sujeitos afuaenses também exerceram poder e impuseram o fim de seu “apagamento”, de seu silenciamento.

Minha própria experiência em campo permitiu compreender essa dinâmica. Precisei me submeter ao poder exercido pela rádio local para ser reconhecido nesse contexto particular. A rádio, como mídia massiva, ocupa uma posição fundamental na sociedade contemporânea: ela é responsável pela constituição de muitas dinâmicas, mas também pela produção e circulação das “verdades” do cotidiano (GREGOLIN, 2007). Da mesma forma, só pude dialogar com a rádio para realizar a mediação entre mim e a sociedade afuaense por ter o meu poder reconhecido entre os produtores e locutores da Afuá FM: meu lugar de fala era de pesquisador, alguém autorizado a discorrer sobre determinados assuntos e que detém o saber sobre determinada temática. Mesmo existindo ensino superior em Afuá e, também, em nível de pós-graduação (especialização), minha posição de mestrando exerce maior poder. E, assim, identifico que o poder que se exercia nessas relações circulava entre mim e a rádio.

1.5.1. Duas experiências com as fotografias

A experiência mais marcante das dinâmicas de poder que presenciei aconteceu duas vezes e de maneiras diferentes. A primeira foi durante o Festival de Pipas, onde pude observar que, em muitos momentos, havia uma rotina recorrente entre os competidores e também entre as pessoas do público: eles fotografavam cenas do evento para postar nas redes sociais, sobretudo o Facebook. Esse comportamento ficou evidenciado até na fala dos Compadres que repetiam com frequência a frase: “Tira uma foto pra postar no Face”.

As imagens a seguir evidenciam essa prática. Na primeira fotografia (Figura 06), é possível observar o comportamento de posar para o fotógrafo com o objetivo da imagem ser enviada às redes sociais. Na segunda imagem (Figura 07) é possível observar que não se trata apenas de um registro pessoal e da autovisibilidade, mas de uma prática em evidenciar o momento cotidiano.

O terceiro registro (Figura 08) demonstra mais especificamente como essa prática atravessa também as dinâmicas das mídias massivas: é uma captura do perfil do Facebook do programa Giro 87, veiculado pela Rádio Afuá. O programa segue a linha editorial de um programa de jornalismo social, pois dá visibilidade a pessoas e eventos da cidade, mas tem uma interação particular com a rede, registrando os momentos noticiados e disponibilizando as fotos por seu perfil na rede social.



Figura 06: Registros fotográficos para Facebook (Foto: Diogo Miranda).



Figura 07: Público registra o evento (Foto: Diogo Miranda).



Figura 08: Perfil no Facebook do programa Giro 87 (Facebook.com).

A segunda recorrência aconteceu na terceira visita ao município, quando pude caminhar por outras áreas da cidade e adentrar nas ruas do bairro do Capim Marinho. Naquele lugar, pude presenciar que nem todos participam do espaço “igualitário” da internet. Com muitas dificuldades, famílias, geralmente numerosas, conseguem adquirir um televisor para uso coletivo em suas casas. No capítulo 3.5 (p. 106) falarei mais especificamente sobre a situação dos moradores mais carentes deste bairro. Aqui, desejo destacar que, mesmo assim, a experiência do ciberespaço alcança estas pessoas.

Quando entrei nas casas das famílias, momento mediado por uma de minhas anfitriãs, Heliane Jardim, e pela ação pastoral da Igreja Católica no município, testemunhei como a posse das tecnologias também pode representar o exercício do poder. Heliane levou uma recém-adquirida câmera fotográfica digital, com a qual registrava os seus amigos. Antes das visitas, ela destacou bem que estaríamos com famílias de baixa renda, moradoras de lugares mais distantes do Capim Marinho. Quando chegávamos a uma residência, todos nos acolhiam com muito carinho, pois reconheciam em Heliane alguém que se doava por eles nas ações de coleta de alimentos e na distribuição de sopa entre as crianças⁴.

1.5.2. Quando o cotidiano vira espetáculo

À medida que minha companheira de trabalho de campo fazia os registros fotográficos, as pessoas pediam para se ver na pequena câmera. Exibiam um sorriso e ficavam felizes com o resultado, principalmente os jovens. De maneira recorrente, Heliane afirmava que determinada foto ela iria postar em seu perfil do Facebook e isso os animava. Diante desta informação, os jovens pediam para ver mais uma vez a foto e se animavam, faziam intencionalmente outras atividades dentro de casa, para que ela registrasse a ação.

As imagens a seguir demonstram essa dinâmica: na primeira foto (Figura 09), Fátima Pereira da Silva e sua irmã Cleuminha pediam para ver como eram registradas, enquanto nas imagens seguintes (Figura 10 e Figura 11) as duas se dispuseram a realizar outras atividades para as fotos de Heliane.

⁴ A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Afuá, realiza o projeto “Sopão Solidário”. Todas as quintas-feiras os missionários e os participantes da paróquia arrecadam alimentos pela cidade para a preparação de sopa para as crianças de baixa-renda, para auxiliar na saudável delas. Semanalmente são servidos dois panelões que alimentam pouco mais de cem crianças, mas os participantes estão trabalhando para aumentar essa quantidade.



Figura 09: Fátima e Cleuminha observando sua foto (Foto: Diogo Miranda).



Figura 10: Fátima no terreno de sua casa (Foto: Diogo Miranda).



Figura 11: Cleuminha no açazeiro (Foto: Diogo Miranda).

As meninas sabem o que representa ser registrado e visibilizado no ciberespaço, ainda que jamais tenham utilizado as interfaces para acessar a internet e a rede social Facebook. Heliane, além de exercer poder pelas suas atividades de catequese e de caridade entre essas pessoas, possuía outros elementos para a manutenção dessa relação, pela mediação tecnológica que poderia realizar entre essas famílias do Capim Marinho e a participação no ciberespaço.

Dessa forma, nada mais real que o virtual. As tecnologias vão reiterando essas relações de poder e pensar a rede também representa pensar esse espaço de disputas de poder que se desdobra para o ambiente digital. Em outras palavras, estar em Afuá me permitiu perceber que nem todos participam da mesma maneira dessa interação que a internet possibilita, diferente do que os dados e as informações disponíveis na internet revelavam. Se, em minhas compreensões iniciais, era possível supor que a internet permitiria enxergar a partilha do poder com mais facilidade, dado o seu grau de liberdade, a partir da vivência de campo é preciso questionar: até que ponto esse poder é realmente partilhado?

1.6. A internet como acontecimento

A partir das considerações de França (2012) e em diálogo com as perspectivas adotadas aqui, pude entender a web como um acontecimento que marca a história social da cidade de Afuá. O ambiente instaurado pela rede, a partir da apropriação de diferentes tecnologias digitais, permitiu outras formas de interações nessa sociedade, modificou a maneira como as práticas comunicativas se organizavam neste lugar até poucos anos antes. Por outro lado, a pesquisa também possibilitou perceber como as práticas de dominação se estabeleciam e as disputas de poder circulavam na sociedade, como essas dinâmicas se materializavam nas pessoas, nos pequenos gestos, nos micropoderes (FOUCAULT, 2008).

Dessa forma, é preciso pensar o acontecimento como uma materialização da experiência. Não se trata de perceber um simples evento marcado no cotidiano, mas como seu estabelecimento reverbera para além de sua realização: tem relação com aspectos históricos e culturais que culminam em seu desenvolvimento e se propagam em diferentes consequências para além do momento factual.

Por essa razão, a ocorrência de um acontecimento (um Acontecimento) representa um momento relevante no desenrolar da vida de uma sociedade, e potencialmente rico para nossas análises. Ele descortina níveis velados da vida social, aponta possibilidades, suscetibiliza, mobiliza, provoca reações e mudanças. (...) Acontecimentos revelam o tecido vivo da vida social. Eles não apenas fazem falar; eles colocam questões, revelam aspectos, abrem possibilidades (FRANÇA, 2012, p. 48).

O acontecimento rompe com o seu passado e com as práticas estabelecidas, gera dinâmicas novas, modifica quadros de sentido já estabelecidos, suscita a renovação das práticas sociais. Ele precisa ser entendido como um evento que anuncia o novo: ele revela aspectos, coloca questões e abre possibilidades diferentes de participação e observação (FRANÇA, 2012). Mas sua percepção está relacionada com a experiência de cada sujeito envolvido com seu estabelecimento, sejam os moradores da cidade ou mesmo eu, em minhas experiências na Veneza do Marajó ou em processos anteriores, pois a relação que cada um articula com determinado evento não é apenas factual, mas se dá por um processo que envolve a constituição de seus trajetos históricos, sociais e culturais (FOUCAULT, 2008). Assim, minha perspectiva para perceber e analisar o acontecimento tem forte relação com minha experiência de interesse e de envolvimento com a internet.

Nesse sentido, pensar a internet como um acontecimento, seja em Afuá ou em qualquer outro lugar do planeta, significa percebê-la como um evento que está inscrito no tempo, mas que não se restringe a um momento único. E ao analisar o lugar da comunicação a partir de um acontecimento permite identificá-la mais claramente como uma prática que se constitui em sociedade e que se desdobra para além do momento presencial. É nesse sentido que entendo que os acontecimentos permitem enxergar a comunicação.

Um acontecimento acontece, e acontece com pessoas, e na organização de uma sociedade ou de um grupo. Ele se passa no domínio da experiência e se realiza – ou não – a partir de seu poder de afetação na ação dos sujeitos, de sua capacidade de interferência no quadro da normalidade e das expectativas previstas no desenrolar do cotidiano de um povo (FRANÇA, 2012, p. 45).

Em Afuá, a internet se estabelece como um acontecimento da comunicação, pois ela demonstra modificar a maneira como se estabelecem as interações na sociedade. Alteram-se as formas cotidianas das pessoas se relacionarem de maneira geral e há uma “ruptura” com as práticas antecedentes, pois estas se dinamizaram. Não quero dizer aqui que a TV saiu das dinâmicas de comunicação do município, mas a internet reconfigurou sua lógica e nada voltará a ser como antes.

Mesmo diante de diferenças acentuadas na forma de participação de seus moradores nesse ambiente em rede, é preciso reconhecer que o acontecimento modificou os padrões de interação entre os sujeitos, a forma como a população se comunicava e estabelecia seu cotidiano. Contudo, constatar essa diferença não significa buscar uma análise sociológica, enveredar em uma pesquisa pelas questões de poder. Perceber a rede como um acontecimento significa ter em vista que a amplitude do evento é grande demais para ser fixada nos moldes disciplinadores de qualquer campo de estudo, mas meu horizonte deve procurar perceber a natureza comunicativa que o atravessa (FRANÇA, 2001).

O estabelecimento da web tem relação com o processo de convergência cultural pelo qual passa a sociedade contemporânea: a apropriação da internet e de outras interfaces na cidade não é apenas reflexo de sua popularização, mas se trata de uma modificação na interação que os sujeitos estabelecem com as mídias.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2009, p. 29).

Entretanto, essa convergência não acontece de uma única forma. Ela se evidencia pelas singularidades que marcam o uso da rede e das diferentes TICs em cada sociedade. Em outras palavras, não há como pensar a internet, a TV ou o rádio em Afuá de forma semelhante a Belém ou a outro município amazônico, pois a convergência só acontece por transformações em cada cultura. E a chave para essa percepção está na experiência dos sujeitos, nos usos sociais específicos desenvolvidos por cada um e coletivamente.

É possível identificar essa questão a partir da fala de Luciléia Brito, professora da rede de ensino municipal. Ela evidencia existir um grande fascínio pela tecnologia em Afuá, mas seu relato deixa pistas para perceber que a experiência da apropriação das diferentes mídias eletrônicas acontece de maneira diferente entre as pessoas.

Aqui a gente tem um consumo de tecnologia muito intenso. É claro, não quer dizer que todo mundo tenha condições de comprar os melhores equipamentos, mas esse consumo existe. Quando eu viajo pra fora da cidade, pra Curitiba, de onde é o meu marido, eu sempre vou olhar as novidades e vejo alguns aparelhos que são lançamento. Aí quando eu volto, eu sempre acho alguém em Afuá com o mesmo equipamento. Seja câmera fotográfica, filmadora, celular. Sempre tem alguém aqui que tem esse lançamento. É impressionante (BRITO, 2013).

Luciléia é uma pessoa extremamente importante para a minha compreensão desse processo de convergência e do acontecimento da internet em Afuá. Como também era orientanda da professora doutora Ivânia dos Santos Neves, num curso de especialização, ela articulou meu contato com as pessoas que desenvolviam atividades de comunicação no município e acompanhou conversas, confirmando momentos históricos, pessoas e fatos da cidade. Em seu exercício de pesquisa, Lucy (nome pelo qual ela prefere ser chamada) também investigava a temática da internet no município.

A fala de Leonardo Bararuá, dono da *lan house Gold Play*, reconhecido pela gestão pública e pela população como primeira pessoa que investiu para a popularização da internet no município, também evidencia essa perspectiva das diferentes formas como as pessoas experienciaram as mídias em seu cotidiano.

O meu primeiro contato com a internet foi via prefeitura. Na verdade, eu já tinha tido outro contato antes, a discada, que fazia aquele barulhinho... Era por telefone, a gente acessava até de madrugada porque era mais barato. Mas o contato mesmo direto foi via prefeitura de Afuá. Era até pela “TVSom” [um provedor local] na época, que [saiu e depois voltou e] hoje tá atuando como provedor aqui, né? Aí pelo município, surgiu dessa forma: eu trabalhava na prefeitura, aí saí da prefeitura.

Eu senti a necessidade de colocar uma *lan house*, mas era um valor muito alto pra você colocar. Ter uma assinatura era 2 mil reais por mês. Você tinha que comprar a antena e ela custava 5 mil reais, pra trazer aqui, com a instalação. Mas assim mesmo eu coloquei, coloquei quatro computadores aqui mesmo em casa, comprei quatro computadores e disse: “vou colocar uma *lan house* pra acesso à internet aqui”. Aí coloquei quatro computadores, coloquei uns jogos... Foi, uma *lan* de jogo.

Funcionou um mês, mais ou menos. Um mês só com jogos. Aí eu falei: “não, vou ter que colocar a internet mesmo”. Aí todo mundo falou: “tu é louco, vai colocar uma internet dessa...”. Eu cheguei a cobrar aqui, por acesso, até 5 reais a hora, logo no começo. Mas assim mesmo, como o pessoal sentia a necessidade, eles pagavam.

Eu comecei a fazer uma clientela, eu tinha uma clientela aqui, de comércio, que pediam pela internet. Era sagrado eles virem aqui. E aí começou a despertar a curiosidade da população jovem, com essas redes sociais: o MSN na época era muito forte, aqui pra cá, aí começou o Orkut... Aí a partir do Orkut mesmo que a coisa andou. (BARARUÁ, 2013).

Seu argumento está presente também nas matérias jornalísticas do G1 (BRENTANO, 2011a; 2011b), que materializam e validam essa história e registram a recente popularização das tecnologias móveis como um novo passo desse acontecimento. Mas o reconhecimento do lugar que Leonardo ocupa nessa dinâmica social também está presente nas falas dos moradores com quem conversei.

Os relatos coletados, isto é, a história de vida e a experiência dessas pessoas que são atravessadas pelo acontecimento da internet no município trazem marcas das mudanças que se estabeleceram a partir do advento da rede mundial de computadores em Afuá. De maneira geral, os sujeitos que se envolveram com o acontecimento da web perceberam a importância dela como um instrumento de poder, como uma ferramenta que poderia alterar a maneira como interagem com outras pessoas da comunidade, legitimando sua voz frente a outros sujeitos. O relato de Pedro do Nascimento Júnior a seguir demonstra essa compreensão que é individual e que, por fim, acaba marcando o processo de apropriação dessas tecnologias no cotidiano de cada indivíduo.

Eu sempre fui muito virado, sabe? Então eu sempre corri atrás para tentar melhorar de vida, crescer. Então, quando eu era mais novo e participava da Igreja, tive a chance de fazer dois cursos: um de datilografia e um de internet. E eu lembro que era muito caro. Não no sentido que é hoje, de valor, mas no sentido que eu não conseguia pagar.

Olha, eu ralava: vendia salgado, chop, bombom. Fazia de tudo para conseguir pagar. Eu terminei o curso de datilografia, mas acabei abandonando o de internet. Aí, lá em 1998 ou 1999, eu consegui um trabalho de *boy* na Prefeitura. E, naquela época, a internet tava se tornando muito importante para a prefeitura.

Tinha um cara que ficava digitando os formulários das bolsas [cadastramento dos programas do governo federal] e eu vi a oportunidade de crescer, sabe? Eu falei pra ele “Cara, eu sei fazer isso. Se tu quiser, tu sai pro almoço que eu fico adiantando as coisas pra ti”. Era a chance que eu tinha de aprender um pouco mais e praticar o que eu já sabia. Aí ele me ensinou como era pra fazer e eu ficava toda tarde fazendo aquilo ali. Até que um dia o secretário me viu e perguntou o que eu tava fazendo. Eu contei e depois ele me chamou pra trabalhar internamente na prefeitura (NASCIMENTO JÚNIOR, 2013).

Este é um bom exemplo para mostrar como as novas dinâmicas possibilitadas pela internet enquanto um acontecimento social, gradativamente se instauraram na cidade. Entretanto, não há como enxergá-lo como um evento encerrado, pois sua realização se propaga até os dias correntes. É o que percebo ao verificar a convergência cultural que se dinamiza, hoje sobretudo, a partir de tecnologias móveis como os *smartphones*. Essas interfaces que tanto conduziram meu interesse inicial representam um desdobramento dentro do acontecimento maior que é a rede mundial de computadores para essa população.

Se, de maneira geral, os “aparelhos inteligentes” se tornam mais acessíveis a todas as classes sociais, especialmente as com menor poder aquisitivo, que outras interfaces de interação com o mundo *online* e passaram a ser um canal mais viável para participação na rede (PELLANDA, 2009), em Afuá essa percepção se torna mais evidente. Em relação a seus moradores, esta é uma constatação não exige uma investigação densa, com longas entrevistas

e inúmeros entrevistados, para sua verificação: observei ser recorrente a presença dos celulares, sobretudo dos *smartphones*, no trânsito das pessoas em seu dia a dia e em diversas partes da cidade.

É corriqueiro observá-los acessando as redes sociais, digitando mensagens de texto, ouvindo música ou mesmo verificando a hora do dia em seu deslocamento, mesmo quando é sobre a bicicleta. E, muitas vezes, essa rotina é tão intensa que os sujeitos nem mesmo olham direito para o caminho que percorrem e permanecem mais concentrados na interação mediada pela telefonia móvel.



Figura 12: Uso do celular na bicicleta (Foto: Diogo Miranda).

Também é possível analisar a importância que o acontecimento recebe na vida da população, quando outros eventos concorrem para que ele não possa se efetivar. Quando falta energia elétrica no município, por problemas de infraestrutura, por exemplo, não há maneira de manter os sistemas de telefonia móvel funcionando. Dessa forma caem os sinais da rede de celular e também o sinal da internet. Nesse momento é possível ver as marcas de como normas de comportamento foram alterados, pois a cidade parece desenvolver outra dinâmica.

Quando a energia caiu, percebi que havia um ruído muito maior de pessoas nas ruas, borbulhava um falatório frente ao pouco barulho eletrônico de músicas, que caracteriza o comércio da cidade, e das vozes da rádio-poste Madejus, que atravessam as avenidas afuaenses do Centro. Nesse novo lugar, apenas um celular ou outro interrompem as conversas quando passa tocando na mão de alguém. Algumas pessoas insistem em olhar o aparelho seguidamente, na esperança da volta do sinal ou mesmo para contar o tempo passado. Eu

mesmo fiz isso repetidamente. Quando anoitece, muitos celulares ganham a função de lanterna para conduzir os deslocamentos das pessoas pelas palafitas de Afuá.

Quando a energia elétrica começa a voltar, não acontece de uma vez. Ilumina-se primeiro uma rua e depois outra. Nessa dinâmica, a força vai e vem, cai e se reestabelece várias vezes. Um de meus anfitriões, Fábio Jardim, se preocupava em não deixar acabar a bateria do celular. E, como ele, inúmeras pessoas se deslocavam para as casas onde a energia havia voltado para recarregar seus aparelhos. E a cada casa que se ilumina, ouve-se a comemoração de uma torcida, que é seguida do barulho de bombas d'água, das propagandas de TV aberta e da diversa programação dos canais fechados de pacotes por assinatura.

CAPÍTULO 2

NOVAS PERSPECTIVAS PARA EXPERIENCIAR A AMAZÔNIA

A imagem que normalmente se tem a respeito da região amazônica é mais uma imagem sobre a região do que da região.

Carlos Walter Porto Gonçalves

Início este capítulo com esta afirmação, para nortear os desafios de realizar esta pesquisa: falar de Amazônia, para mim, significa realizar um esforço de romper com muitos preconceitos pessoais e que, rotineiramente, são atualizados por diferentes sujeitos, no Brasil e mesmo na própria região. Trata-se de uma “Amazônia” que comumente é observada pela figuração da grandeza e da riqueza de sua biodiversidade, pela presença de diferentes sociedades, com suas práticas culturais e suas diversas construções históricas, frequentemente, encerradas sobre o termo “povos da floresta”.

A pluralidade destas diferentes sociedades que escrevem suas histórias nesta região é classificada a partir de estereótipos construídos pelas diferentes matizes do discurso colonial, profundamente marcadas pela ausência de racionalidade econômica atribuída. Mais recentemente, a partir do final do século XX, também pela existência de grandes centros urbanos em contraste com a imensidão da floresta.

Esta “memória oficial” sobre a Amazônia não é apenas o resultado traduzido pelos diferentes processos de colonização e ocupação pelo qual a região passou e que existiram no passado, mas, como afirma Foucault (1996), sobre as tensões discursivas, também é reflexo de lutas e processos de dominação exercidos, inscritos em determinados tempos e condições históricas e que acontecem até os dias de hoje. E, ao fazer valer essa “vontade de verdade” (FOUCAULT, 1996, p. 16), os discursos estereotipados, produzidos por quem não vive na região, silenciam a realidade multifacetada que caracteriza a região.

Entendo por vontade de verdade essa possibilidade de estabelecer apenas uma única versão da história como “verdadeira”, de tal forma que as outras formas de olhar para os mesmos acontecimentos sejam desqualificadas. Trata-se das próprias disputas pelo que se deseja, o exercício do poder (FOUCAULT, 1996). E para que essa vontade de verdade se estabeleça, ela se apoia em diferentes sistemas que a autorizam e a validam.

A partir destas inquietações, percebo diferentes vontades de verdade em relação à Amazônia: afinal, quem a define, quem conta sua história, quem está autorizado a contá-la? As respostas estão relacionadas a um processo bastante complexo. O sistema colonial que

aqui se estabeleceu a partir do século XVI é bastante heterogêneo, mas mantém algumas regularidades: a exploração econômica predatória e uma vontade de verdade que continua determinando quem são os “povos da floresta”. Se primeiro foram os viajantes europeus, hoje, o discurso econômico, fundamentado numa duvidosa concepção de desenvolvimento, o discurso científico e os diferentes discursos midiáticos sobre a região compõem o cenário contemporâneo.

São e sempre foram inúmeras Amazônias. Aqui, há grandes centros urbanos, como Belém e Manaus, e suas dinâmicas são semelhantes a qualquer grande cidade latino-americana, como a experiência do uso de internet banda larga, mas, por outro lado, também existem nações indígenas isoladas e que ainda não tiveram nenhum contato com a sociedade capitalista contemporânea (NEVES, 2009). São as Amazônias marcadas pela presença de inúmeras populações diaspóricas como negros, índios, dos retirantes nordestinos, de sulistas que receberam incentivos para ocupar e desmatar, das colônias japonesas, de descendentes de portugueses, espanhóis, etc.

São as Amazônias da hibridação cultural, onde as narrativas populares, que circulam pelas capitais e interiores, dialogam com os meios de comunicação massivos e hipermidiáticos e se atualizam, produzem novas memórias. São as Amazônias onde as religiões indígenas, judaico-cristãs, islâmicas, de origem africana, europeia e oriental se misturam na presença dos saberes tradicionais e científicos no dia a dia de cada sujeito e ressignificam as práticas espirituais cotidianas. São as Amazônias onde a realidade contemporânea é mediada pela mídia, mas também pelas histórias e pela vida dos viajantes que cruzam rodovias e rios, onde a gastronomia particular aprende a dividir o espaço com sushis e pizzarias, globalizando e regionalizando a alimentação de sua população etc.

Quando defini que realizaria minha pesquisa na cidade de Afuá, no extremo norte do Arquipélago do Marajó, não imaginava como eu, mesmo sendo da região, seria convidado a desconstruir os pré-conceitos sobre as sociedades amazônicas. O Arquipélago do Marajó que vivi na pesquisa de campo revelou ser muito diferente do que é ilustrado por esta memória social estabelecida sobre a Amazônia e sobre suas materialidades. O Marajó de Afuá, a “Veneza do Marajó”⁵, nome pelo qual a cidade é chamada carinhosamente pela população, é urbano, grande consumidor de produtos midiáticos, participa intensamente das redes sociais

⁵ O título de “Veneza do Marajó” é disputado por dois municípios do Arquipélago: Afuá e São Sebastião da Boa Vista. A primeira reivindica o título por possui todas as suas ruas e edificações suspensas sobre o rio que a batiza, por meio de palafitas, já que ela se localiza em uma área de várzea. Já a segunda, pela cidade sede se inscrever simultaneamente nas margens opostas do rio que a banha, existindo pontes para atravessar de um lado a outro.

na web, consome produtos audiovisuais de canais fechados, possui grande envolvimento com as rádios locais etc. Mas também é rural, suspenso sobre palafitas, com pequenas hortas e criação de animais nos quintais das casas, sem acesso ao sistema público de energia elétrica ou rede de esgoto, socialmente segregado. E, para analisar profundamente como essas questões se materializam, é preciso primeiro entrar em Afuá.

2.1. O exótico, o estranhamento e a experiência nas diferentes Amazôniaas

A partir da perspectiva epistemológica que escolhi, a cartografia, é possível uma percepção mais abrangente do que seria a Amazônia, indo além das questões geográficas e enveredando pelo trajeto social que a compõe e pela experiência de cada sujeito que a constitui. Não posso negar, no entanto, que todos somos atravessados pelos discursos que se estabeleceram como verdades na memória social brasileira quanto ao que é a “realidade” da região.

A “Amazônia” é continuamente atravessada por conceitos e imagens antagônicas, que oscilam entre “dócil” e “paradisiaca” e “violenta” e “inóspita” (MIRANDA NETO, 1991). Esta percepção é histórica. Sua genealogia remete a acontecimentos anteriores à chegada dos colonizadores portugueses e espanhóis a essas terras. Já havia na memória coletiva da sociedade europeia o mito das terras do Paraíso cristão, perdidas em algum lugar do mundo.

Sérgio Buarque de Holanda (1959) destaca que, durante o período das Grandes Navegações, as narrativas dos viajantes eram atravessadas pela esperança de se encontrar esse Éden, dada as influências literárias das novelas cavaleirescas e a busca pelos prodígios, pelos tesouros sem fim, que já marcavam empreitadas europeias anteriores, como as Cruzadas. Entretanto, também há questões relacionadas às condições de vida que se estabeleciam na Europa, com a decadência social, marcada por pragas, guerras, etc. Mesmo que Colombo houvesse imaginado ter chegado às Índias, esse aspecto cultural da época o levava a crer que estas terras eram “(...) as novas Índias, para onde o guiara a mão da Providência, se situavam na orla do Paraíso Terreal” (HOLANDA, 1959, p. 19).

Nesse cenário, os portugueses tiveram um papel importante, por afirmar serem estas novas terras. Sua chegada ao Brasil corrobora com o processo de ocupação que expande essa memória do paraíso ao longo da conquista de todo o território da América do Sul. Dentro desta perspectiva, a “descoberta” dessas novas terras, a Amazônia foi e ainda é interpretada

como o *El dorado*, lugar que guardaria riquezas inimagináveis e tesouros sem fim. Este seria um território sob a proteção das amazonas, as mesmas mulheres guerreiras da mitologia grega, transpostas para um novo lugar na memória social mundial (HOLANDA, 1959).

Neide Gondim (2007) demonstra como esse mito está presente em narrativas espanholas e portuguesas dos viajantes que enveredaram pela região. Ela destaca que os conquistadores narravam em suas crônicas uma realidade fantasiosa da região de maneira recorrente: destacavam as dificuldades, as doenças, a pequenez do homem europeu diante da magnitude da floresta, mas saíam vitoriosos das adversidades. Mesmo em momentos nos quais travavam batalhas com os habitantes locais, quando passavam fome e mal podiam ficar de pé e, ainda, em desvantagem numérica, venciam as pelejas contra as inúmeras tribos indígenas residentes na Amazônia.

Sobre muitos aspectos, o que Gondim relata está apresentado na obra de Holanda: existiu uma “(...) convenção literária dos motivos edênicos, em que a narrativa bíblica se deixara contaminar de reminiscências clássicas (mito da Idade do Ouro, do Jardim de Hespérides...) e também da geografia fantástica de todas as épocas” (HOLANDA, 1959, p. 21). E a construção desse discurso acerca da Amazônia reverbera ao longo dos séculos até chegar aos dias de hoje. A “verdade” contada desde muitos séculos sobre a região ainda reside e atualiza os discursos destes viajantes. Apesar das muitas transformações por que passou, ela se filia a estas narrativas históricas, que se materializam no dia a dia e estão na base das definições sobre a região. Ou seja, “(...) os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e ainda estão por dizer” (FOUCAULT, 1996, p. 22).

Hoje, essa memória é acessada, atualizada e reestabelece muitas vezes os discursos que limitam a região. Os diferentes produtos midiáticos, sobretudo os audiovisuais, se revestem da autoridade de quem diz a “verdade”, de poder legitimar a verdade social. Em diferentes programas, jornalistas e celebridades repetem as empreitadas dos colonizadores na tarefa de explorar a região inóspita, a exótica aventura de descobrir a Amazônia. Para Foucault (2008, p. 12):

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças as múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Da mesma forma, os discursos locais são silenciados, desconstruídos, exorcizados de qualquer valor cultural ou social que essas populações possam ter construído. Sobre muitos aspectos, trata-se de um processo de dominação pelo qual a Amazônia passou e que ainda acontece, em que os diferentes veículos de comunicação simplificam a maneira de compreender a região (DUTRA, 2009).

Seja pelo olhar da literatura, que exalta a grandeza e a riqueza natural da região, ou pelas lentes do jornalismo, que apresentam o inusitado, o curioso e tudo mais que tenha aspectos de noticiabilidade, ou ainda pelo enfoque científico, que busca explicar a “verdade” sobre a relação homem-natureza, todas as maneiras de olhar a Amazônia possuem pré-concepções do que ela é. Todo e qualquer entendimento sobre a região é atravessado por essa “vontade de verdade” que se estabeleceu com o sistema colonial. As formas de observar e interpretar qualquer materialidade, mesmo para quem vive na região, são bastante atravessadas por esta espécie de memória oficial sobre a região, que generaliza e silencia a diversidade cultural e suas dinâmicas.

A Amazônia permanece compreendida apenas pelo olhar estrangeiro, que estabelece os problemas da região como espaço de grande “riqueza natural” a ser preservado, e que precisa ter um sentido econômico atribuído. Um lugar onde a modernidade ainda não chegou e que precisa ser integrado à nação. As realidades marajoaras, portanto, também não poderiam deixar de serem atravessadas por essa perspectiva. A memória social que se formulou ao longo dos séculos homogeneiza as diferenças históricas e culturais que se inscrevem simultaneamente no arquipélago.

Em um primeiro momento, eu acreditava ser tão amazônida quanto qualquer morador de Afuá, por exemplo, e que todos os que aqui habitam participavam dessa “realidade” da mesma maneira. Hoje, percebo que há inúmeras diferenças entre as muitas “Amazônias” que existem neste mesmo território: nas matrizes culturais de cada localidade, na disponibilidade e acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), na economia entre os municípios, nos graus de instrução entre os indivíduos, mesmo dentro de uma mesma cidade, etc.

Eu – homem, cristão católico, classe média, com educação de nível superior, nascido em Belém e morador de uma capital urbanizada – experiencio a Amazônia de maneira diferente dos moradores de Curuçá, Santarém, Canaã dos Carajás, Marabá etc. Mesmo em relação a outras capitais da região norte do Brasil – como Macapá, Manaus e Palmas, por exemplo – ou mesmo em comparação a diferentes bairros da cidade de minha cidade – como

Nazaré, Umarizal, Guamá, Pedreira – não é possível dizer que partilhamos a mesma experiência de Amazônia.

Marcado pela formação em jornalismo, meu horizonte inicial para analisar a região foram os discursos hegemônicos presentes nas narrativas midiáticas que (re)elaboram o mito “Amazônia”. Meu olhar inicial se focava exatamente a partir dessa perspectiva inventada do isolamento territorial, do homem amazônico alheio à realidade contemporânea, que homogeneíza a pluralidade dos contextos sociais locais, das culturas e das identidades. A pesquisa e todas as dificuldades do primeiro momento, ainda marcado por muitas indecisões epistemológicas me provocou o desejo de (re)descobrir “verdadeiramente” o que é a “Amazônia”.

A formação da memória sobre o arquipélago tem forte relação com os processos de ocupação pelo qual passou o território. Forçosamente, a narrativa que se estabeleceu como verdade reduz sua dinâmica multifacetada a aspectos simplificadores, que homogeneízam a paisagem observável na região. Quando pensamos no Marajó, o que vem a nossa memória é um discurso ufanista e nacionalista que exaltam o Marajó como a maior ilha costeira flúvio-marinha do mundo, com mais de 50 mil quilômetros quadrados, em uma área composta por campos, praias, rios, manguezais e florestas (MIRANDA NETO, 1976). Não pensamos na região como um arquipélago heterogêneo.

Joel Pantoja da Silva (2013c) destaca que a figuração das praias paradisíacas que se rememora ao se imaginar o Arquipélago do Marajó tem relação com os esforços realizados, sobretudo nos últimos anos, para atrair o turismo, a partir das políticas de incentivo e dos produtos midiáticos. Esta compreensão é o resultado de inúmeros discursos que silenciaram os diálogos e os tensionamentos culturais e étnicos vividos por seus habitantes: pelas diferentes nações indígenas reprimidas e expulsas de seus lugares, pelos negros africanos inseridos como mão de obra durante o processo de expansão territorial da colônia portuguesa, pelos europeus que se estabeleciam e desenvolviam comércios e fazendas no arquipélago, mas também por todos os processos de troca e de mestiçagem cultural pelo que passaram e ainda passam os habitantes do Marajó.

O Arquipélago de Marajó foi submetido a diferentes imposições ao longo dos séculos, em que as histórias de suas populações são invisibilizadas. E isso fica evidente ao observar os documentos que narram a ocupação das terras marajoaras pelos colonizadores europeus. Em Miranda Neto (1976) é possível perceber que, mesmo antes das navegações portuguesas, há registros da presença européia nestas terras: o experiente viajante espanhol Vicente Yáñez Pizón no ano de 1499, ao encontrar-se na entrada do vale amazônico e se

deparar com o fenômeno da pororoca, refugiou-se nas terras marajoaras, a que deu o nome de Ilha Grande de Joanes.

Essa ação já representa o início do processo de dominação, no qual quem determina o que é o Marajó é o viajante estrangeiro. A nomenclatura do arquipélago apaga o termo Marinatambal, título pelo qual com as populações indígenas designavam este território. Em seguida, em meados do século XVII, o arquipélago foi batizado como Ilha dos Nheengáiba, nome de uma etnia que habitava este território, mas que era um chamamento português para as diferentes nações indígenas do arquipélago, a quem se referiam pejorativamente como “povo de língua complicada”, pela dificuldade em entendê-los diante da grande quantidade de distintos idiomas. A partir do século XVIII, o nome Ilha do Marajó ganha destaque, termo que nomina o rio Marajó-açu e da baía do Marajó, um lugar estratégico para os ataques dos Aruanã contra os Tupinambá, aliados portugueses no processo de conquista do arquipélago (SILVA, 2013c).

Meu estranhamento acontecia quando observava a oposição entre a “realidade” do interior da Amazônia, de uma população ribeirinha – com toda a carga preconceituosa que há nessa compreensão e que torna a população ignorante, inculta e atrasada – e o uso acentuado das tecnologias em seu dia-a-dia. Diante das dificuldades impostas pela geografia do lugar, como pensar o acesso à internet se este cenário apresentava condições tão contrárias? Como entender a conexão com a web e esse intenso envolvimento dos sujeitos locais com a rede, como demonstravam as reportagens?

Mas a experiência de estar em campo e de viver o cotidiano me permitiu construir novos olhares. Essa experiência me proporcionou romper com muitas perspectivas iniciais. Caminhar pelas ruas da cidade significa perceber uma relação extremamente próxima entre os meios de comunicação e as pessoas. Mais que isso, permitiu identificar que a construção do Marajó é um acontecimento marcado pela diferença, marcado pela maneira como as culturas se estabeleceram em diferentes partes deste território e como se constituíram na cidade.

A formação dos contextos específicos que dinamizam esses “lugares” nos dias de hoje, a que se refere Santos (2008), está filiada também a essas movimentações étnicas e culturais impostas às populações pelo território do arquipélago e também por essa mestiçagem entre as diferentes populações. E para interpretar melhor o fenômeno que acontece no município de Afuá, primeiramente, preciso mergulhar e experienciar o “lugar” que se particulariza na Veneza Marajoara.

2.2. Pelo céu e pelo rio: entrando em Afuá

Enquanto algumas cidades da Amazônia já se tornaram mais acessíveis ao centro sul do país, em função dos projetos de integração da região desenvolvidos especialmente durante a ditadura militar (1964-1985), por meio do desenvolvimento de várias ações, como a construção de rodovias, outras localidades, por sua posição geográfica, ainda guardam em seu cotidiano a dinâmica particular do deslocamento pelos rios. Em alguns lugares, os rios assumem a identidade de verdadeiras avenidas para o fluxo de pessoas e histórias, caminhos por onde circulam informações e onde se estabelecem diferentes interações sociais. A cidade de Afuá, localizada no Arquipélago de Marajó, extremo norte da Amazônia brasileira, é um exemplo dessas localidades.

Obedecendo aos critérios geopolíticos e administrativos brasileiros, constata-se que o município se localiza na fronteira entre os estados do Pará e Amapá, mas se inscreve em território paraense e tem limites com o estado vizinho (ao norte e a oeste) e com os municípios de Chaves (ao norte e a leste), Gurupá (a oeste), Breves e Anajás (ao sul) (IDESP, 2012). Está situado na macrorregião do “Marajó”, pertencendo à microrregião dos “Furos de Breves”, juntamente com os municípios de Anajás, Breves, Currálinho e São Sebastião da Boa Vista, uma área que se caracteriza por grande número de rios e furos, que entrecortam a densa área florestal existente nessa parte do arquipélago (FERREIRA, 2003).



Figura 13: Localização geográfica do Arquipélago do Marajó e de Afuá (Fonte: Google Maps).

Esta localização é importante para compreender alguns processos particulares da cidade: esta região é constituída por uma grande floresta de várzea, isto significa que a cidade ocupa uma área que é inundada com frequência pelas águas dos rios. Conforme o período de cheias e vazantes da Baía de Vieira Grande – rede hidrográfica que abrange os rios Afuá (que dá nome à cidade), Charapucú e Jurará (IDESP, 2012) – a cidade fica submersa.



Figura 14: Rua do Centro durante a maré-alta (Foto: Elisangela Jardim).



Figura 15: Praça da Quadra durante a maré-alta (Foto: Elisangela Jardim).

Com esta paisagem natural e a falta de interesses político e econômico que justifiquem grandes investimentos estatais, as estradas brasileiras não conectam o município ao restante do território nacional. E, dessa forma, para traçar os caminhos que percorri ao longo desta pesquisa, é necessário entender que, entre as muitas ilhas e rios que compõe sua realidade, há apenas duas maneiras de se chegar à Afuá: pelo céu e pelo rio.

A sede do município possui uma pista de pouso para o uso de pequenas aeronaves, como mono ou bimotores. Assim, pelo céu, é preciso fretar o serviço de táxi aéreo que é oferecido apenas por uma companhia da cidade de Belém, ponto de partida para a viagem. O traslado entre a capital paraense e a cidade dura pouco mais de uma hora e custa R\$ 450,00, com o retorno imediato da aeronave para a origem⁶. Entretanto, a renda mensal da população é relativamente baixa, em torno de R\$ 60,00 por pessoa para a área rural e R\$200,00 por pessoa para a área urbana (IBGE, 2012) e isso faz com que este não seja um deslocamento utilizado pela maioria dos moradores da cidade. Por essa razão, a viagem aérea não acontece com regularidade e permanece restrita a poucos afuaenses e a alguns visitantes. É possível enxergar a pista de pouso ao olhar a foto de satélite da cidade (Figura 03, p. 20).

Pelos rios, há mais possibilidades de caminhos a se percorrer e o fluxo de embarcações é mais intenso. De maneira geral, é possível chegar à Afuá partindo de qualquer município ou vila, sede ou zona rural do Arquipélago, mas também das capitais do Pará e Amapá e de outras regiões da Amazônia que estejam conectadas pelos rios. O percurso por Belém dura em média 36 horas e custa R\$ 70,00, como indicam as empresas que realizam o traslado e também os moradores de Afuá. A rota por Macapá, cerca de quatro horas é a viagem mais popular, com preços mais acessíveis, que podem variar entre R\$ 25,00 a R\$ 40,00 de acordo com o tipo de embarcação, como pude verificar empiricamente.

Diante desses diferentes caminhos, pude compreender as afirmações de Jesús Martín-Barbero (2004) ao ensinar que a América Latina evidencia uma heterogeneidade cultural fruto de seu trajeto histórico que não pode ser compreendida aos moldes das teorias e metodologias de pesquisa já estabelecidas. Foi necessário que meu olhar percebesse as dinâmicas que se estabelecem para a própria realização da investigação e fazê-las parte integrante desse processo. Esse é o exercício de apropriação proposto pelo autor, que o define como um

⁶ O site da Prefeitura Municipal de Afuá indica que apenas uma empresa realiza a viagem que, por telefone, informou características gerais de seu serviço, as quais utilizo aqui.

(...) direito e capacidade de *fazer nossos* os modelos e as teorias, venham de onde venham, geográfica e ideologicamente. Isso implica não só a tarefa de *ligar*, mas também a mais arriscada e fecunda de *redesenhar* os modelos, para que *caibam* nossas diferentes realidades, com a conseqüente e inapelável necessidade de fazer leituras *obliquas* desses modelos, leituras “fora de lugar”, a partir de um lugar diferente daquele no qual foram escritos (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 18-19).

Para a elaboração dos mapas das investigações, Martín-Barbero propõe enxergar a realidade como um arquipélago, onde não existem fronteiras bem definidas que separem as ilhas entre si e do continente, elas devem ser compreendidas como interconectadas, numa relação de constante diálogo e confronto com a terra e, também, com o próprio mar, que entrelaça essa relação. Ou seja, em sua metáfora, ele elucida que na atividade científica não há como perceber todas as realidades observáveis e buscar analisá-las a partir de uma mesma forma. Elas são como o arquipélago, com fenômenos independentes em que não se podem apontar os limites de cada um, mas estão todas interconectadas, em um tensionamento que dinamiza seu acontecimento. Nesse sentido, o fazer acadêmico deve ser o próprio caminho que se traça para cada ilha, onde o trajeto é também elemento constituinte da pesquisa científica.

Assim, não há como analisar a realidade de Afuá por perspectivas bem definidas e pré-estabelecidas, pois essa atitude simplificaria as dinâmicas observáveis que estão inscritas em seu contexto. Nos mapas que tracei para analisar o município, precisei observar mesmo meu próprio deslocamento para chegar até a localidade, pois ele também se revelou como um fenômeno particular à realidade amazônica e parte dessa pluralidade que é a América Latina. Esse caminho que percorri até a cidade não se constituiu como um simples traslado entre duas cidades da Amazônia, pois ele não me fornece apenas um tipo de perspectiva sobre sua realidade. Ao contrário, esse deslocamento permitiu experienciar a pluralidade da região e, assim, ele se constituiu como parte fundamental para a investigação.

Para chegar à Afuá, precisei sair e retornar ao estado: eu parti de avião de Belém com destino a Macapá-AP, onde, em seguida, tomei um barco com destino ao município marajoara. E, durante esse deslocamento, percebi o quanto experienciar a pesquisa possibilita percepções diferentes do simples levantamento bibliográfico para localizar o objeto empírico. As distâncias que se percorrem para chegar a determinadas cidades amazônicas, muitas vezes dentro de um mesmo estado, são relativas e podem demonstrar o quanto as fronteiras político-administrativas na Amazônia – como os limites estaduais – pouco orientam os caminhos dos sujeitos na região.

Na experiência de ir ver e viver a realidade de Afuá, do alto do avião, não via os limites geopolíticos. Durante uma viagem, à luz do dia, o que se exibia aos meus olhos era toda a particularidade geográfica da região do Marajó. E, nesse momento, a metáfora de Martín-Barbero (2004) se tornava lúdica, pois me era possível enxergar a formação do arquipélago marajoara, que não segue uma mesma orientação nas suas diferentes áreas. E, já neste deslocamento, a cidade se revela do alto, pelo lado direito da aeronave, sendo possível perceber como a cidade é particular.

Com facilidade, observei a mesma pista de pouso do aeroporto municipal vista na foto de satélite (Figura 03, p. 20). Ela parece dividir a cidade em duas partes e nessa paisagem pude constatar que houve um crescimento da área da cidade que fica ao lado direito da pista. As imagens que me chegaram pela janela do avião já revelavam as primeiras pistas de que, provavelmente, o cenário observado, que agora também seria experienciado por mim, mostraria uma realidade diferente da que imaginava. Tanto as fotos, como as informações sobre Afuá, seriam revistas.

As imagens a seguir são uma sequência de fotografias registradas durante a viagem de avião. No primeiro plano (Figura 14), a paisagem desta primeira parte do Marajó, esse lado oriental que fica mais próximo de Belém, é composta principalmente por grandes extensões de terra, em que era difícil para mim ter a compreensão de ilhas. Esse cenário parece muitas vezes ser formado por grandes campos ou áreas de pastagem, pois há diferenças visíveis nas áreas verdes de seus terrenos. Além disso, nesta parte, eu enxergava os rios como mais robustos e caudalosos, que se ramificam em poucos braços menores. Essa disposição geográfica dificultava a minha compreensão do arquipélago, pois o cenário me parecia apenas como uma parte do território do continente, entrecortado por pequenos rios e onde os maiores se exibiriam mais adiante.

Com o avançar da viagem, a paisagem vai se transformando aos poucos e, logo, os rios se articulam em inúmeros braços menores, que formam um labirinto de diferentes caminhos fluviais por onde se estabelecem as histórias desta parte do Marajó. As imagens deste cenário (Figura 15 e Figura 16) me recordam as nervuras de uma folha, em que o eixo principal, neste caso o rio Amazonas, alimenta as outras ramificações nervosas, que são os outros rios. E, nesses desdobramentos de suas formas, os rios fragmentam a terra dos grandes campos em inúmeras ilhas menores. É essa transformação da paisagem ocidental do Marajó que permite uma compreensão mais evidente de arquipélago.



Figura 16: Ilhas e rios do Arquipélago de Marajó (Foto: Diogo Miranda).



Figura 17: Baía do Vieira Grande e Afuá (Foto: Diogo Miranda).



Figura 18: Vista aérea de Afuá (Foto: Diogo Miranda).

Apesar de este caminho aéreo proporcionar uma compreensão particular da localização da cidade, a experiência mais comum de chegar a Afuá, que se desenvolve rotineiramente para quem visita o município, acontece pelo rio. As imagens a seguir apresentam esse deslocamento.

Em uma primeira visita à cidade, à luz do dia, enquanto a embarcação deslizava por diferentes rios e fazia voltas, contornando as ilhas do arquipélago, no barco, eu vivia a expectativa de ver a cidade se mostrar a mim. Para quem vem de Macapá, após a embarcação cruzar a Baía de Vieira Grande e adentrar no rio Afuá, é possível enxergar a cidade de longe: em poucos instantes se vê sua orla e se percebe como barcos fazem parte do seu dia a dia, servindo não apenas de deslocamento entre o município e outras cidades, mas desempenhando funções principais, como é o caso das atividades do corpo de bombeiros. Mas meus olhos de pesquisador logo buscaram, naquela paisagem, as antenas de telecomunicações, que atravessavam o céu e se destacavam no horizonte, mesmo antes de se perceberem as pontes, as casas e o colorido da cidade.



Figura 19: Entrada do rio Afuá (Foto: Diogo Miranda).



Figura 20: Orla de Afuá durante o dia 1 (Foto: Shirley Penaforte).



Figura 21: Orla de Afuá durante o dia 2 (Foto: Shirley Penaforte).



Figura 22: Orla de Afuá durante o dia 3 (Foto: Shirley Penaforte).

Quando a viagem acontece à noite, a experiência é diferente: na segunda visita, mesmo com o luar, pouco enxerguei no horizonte os rios e ilhas que compõem este traslado. A escuridão só era ocasionalmente rompida pelas luzes dos holofotes, que os marinheiros utilizam para guiar a embarcação pelos rios, ou pelas lâmpadas de outros barcos que cruzam nosso caminho. Entretanto, conforme me aproximava da cidade, percebia uma claridade por trás das ilhas que existem no trajeto. Primeiro, era uma luz fraca, mas que, aos poucos, foi se intensificando, enquanto a embarcação ia se aproximando de seu destino.

As fotos a seguir mostram como, ao entrar no rio Afuá durante a noite, a vista da cidade vai se transformando: em um primeiro momento, Afuá não passa de uma pequena linha repleta de luzes pontilhadas no horizonte que, aos poucos, vai dando forma às residências e comércios da orla, evidenciando como a energia elétrica é fundamental para o cotidiano dessa população. As luzes dos postes dão um colorido à cidade diferente da luz do dia e proporcionam outras dinâmicas sociais para esses sujeitos.



Figura 23: Afuá à noite no horizonte (Foto: Diogo Miranda).



Figura 24: Orla de Afuá à noite (Foto: Diogo Miranda).

Não existem fôrmas ou moldes, não há como pré-determinar técnicas de pesquisa para se observar e analisar as dinâmicas sociais naquele lugar particular. A pesquisa se torna, então, esse navegar entre as ilhas e os portos das cidades amazônicas, onde o próprio trajeto pelos rios do Marajó se constitui como importante experiência da investigação e no qual cada deslocamento participa da maneira como se perceberá e analisará o fenômeno.

2.3. Pluralizando verdades

Para compreender melhor como os fenômenos se estabelecem em Afuá, procurei localizar o município a partir do “lugar” específico de seu trajeto histórico e de suas particularidades culturais, que o qualificam como uma realidade particular, que se desenvolve

pelas especificidades da cultura a que pertencem seus sujeitos (SANTOS, 2008). Quando identifico Afuá como uma cidade no Marajó, na Amazônia paraense, inevitavelmente, acesso uma memória social estabelecida sobre a região que simplifica suas singularidades.

Ronaldo de Oliveira Rodrigues (2012, p. 62) afirma que o Arquipélago do Marajó “pode ser uma terra estrangeira para muitos paraenses, e até mesmo para muitos marajoaras”. Suas palavras indicam que existem inúmeras particularidades socioculturais presentes na região e que os próprios moradores do Marajó podem viver experiências diferentes em relação ao território marajoara, o estado do Pará ou mesmo a Amazônia. Nesse sentido, apesar de morar em Belém, uma grande metrópole amazônica muito próxima ao Marajó, pouco conhecia sobre suas dinâmicas internas. A imagem que havia construído sobre o arquipélago, antes da pesquisa, estava limitada a uma ideia que simplifica sua realidade à beleza exótica e paradisíaca de suas praias nas cidades de Soure e Salvaterra. Estes municípios estão localizados ao sul, no lado oriental do arquipélago, na região mais próxima da capital, a que Agenor Sarraf Pacheco (2009) nominou como Marajó dos Campos. Entretanto, Afuá se inscreve na região norte, no lado ocidental, a qual ele denomina como Marajó das Florestas.

A classificação de Campos e Florestas proposta por Pacheco (2009) representa mais que uma simples divisão do arquipélago marajoara, é um esforço em olhar para os trajetos históricos e sociais que se inscrevem neste território e que compõem seu cotidiano, que muitas vezes são silenciados pelos discursos oficiais da historiografia brasileira. No início, eu compreendia o arquipélago como se fosse apenas uma ilha: uma única porção de terra cercada de água, sem diferenças acentuadas em seu terreno. A visão de “Ilha do Marajó” é instituída desde os primeiros anos do ensino escolar brasileiro, quando se aprende, ao olhar o mapa do Brasil, que o Marajó é um único fragmento de terra situado ao norte do estado do Pará. Além disso, essa ideia é reforçada pelos meios massivos de comunicação, que se valem do termo para noticiar sua realidade quando ela é pauta, reforçando os preconceitos sobre a região.

Não pretendo, aqui, objetivar quem é este sujeito afuaense. E, ainda que tivesse esta pretensão, tudo que estabelecesse estaria marcado pelo meu próprio lugar de fala como pesquisador, que também é profundamente atravessado pelos discursos colocados em circulação pela mídia.

Seria redutor entender que há apenas passividade diante do agenciamento coletivo da subjetividade; pelo contrário, há pontos de fuga, de resistência, de singularização. Não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades. Ao mesmo tempo, há uma tensa relação entre a mídia e seus leitores: a subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser. Se só houvesse submissão, não haveria produção de novos sentidos. Acontece que não há agenciamento completo das forças de territorialização e as de desterritorialização, ambas agindo e provocando contradições (GREGOLIN, 2007, p. 24).

O emprego da expressão “Ilha do Marajó” reduz e simplifica os processos sociais que se inscrevem em seu território e atualiza a ação colonizadora histórica, que se perpetua até hoje. Existiram muitas disputas e combates, diálogos e tensionamentos, processos de mestiçagens das culturas entre os povos que transitaram e que continuam a se deslocar em suas ilhas.

No Marajó dos Campos, estão localizados os municípios de Soure, Salvaterra, Cachoeira do Arari, Santa Cruz do Arari, Ponta de Pedras e Muaná (Figura 23). Aqui o processo de desenvolvimento social é marcado pelos conflitos entre os colonizadores e seus aliados Tupinambá e as diversas outras etnias que ocupavam a região. Esse combate exhibe uma dominação de imposição mais direta, que obrigou inúmeros grupos indígenas a se refugiarem do lado oriental do arquipélago para sobreviver (SILVA, 2013c). Nesse trajeto histórico e social, é possível perceber diretamente o vínculo dos Campos com a Coroa: os colonizadores buscavam apoio para concessão das terras e o desenvolvimento econômico do território, por meio das grandes fazendas agrícolas, da racionalização de áreas de pesca, da introdução da mão de obra africana de maneira mais intensa etc.

Por sua vez, o Marajó das Florestas abriga os municípios de São Sebastião da Boa Vista, Curralinho, Bagre, Breves, Melgaço, Portel, Anajás, Gurupá, Afuá e Chaves (Figura 23). Este território se formou de maneira diferente do lado oriental do arquipélago: a partir das diásporas sofridas pelas etnias indígenas subjugadas e expulsas pelos colonizadores, ao se instalarem aqui, suas práticas culturais foram reconfiguradas pela mestiçagem com outras populações em uma situação de sobrevivência (SILVA, 2013c). Em seguida, pelos aldeamentos promovidos pela Igreja católica, ação mediada pelo padre jesuíta Antônio Vieira, e pelo caráter de negociação existente nos acordos de paz entre as nações indígenas e os colonizadores, suponho uma ocupação de menor conflito armado.

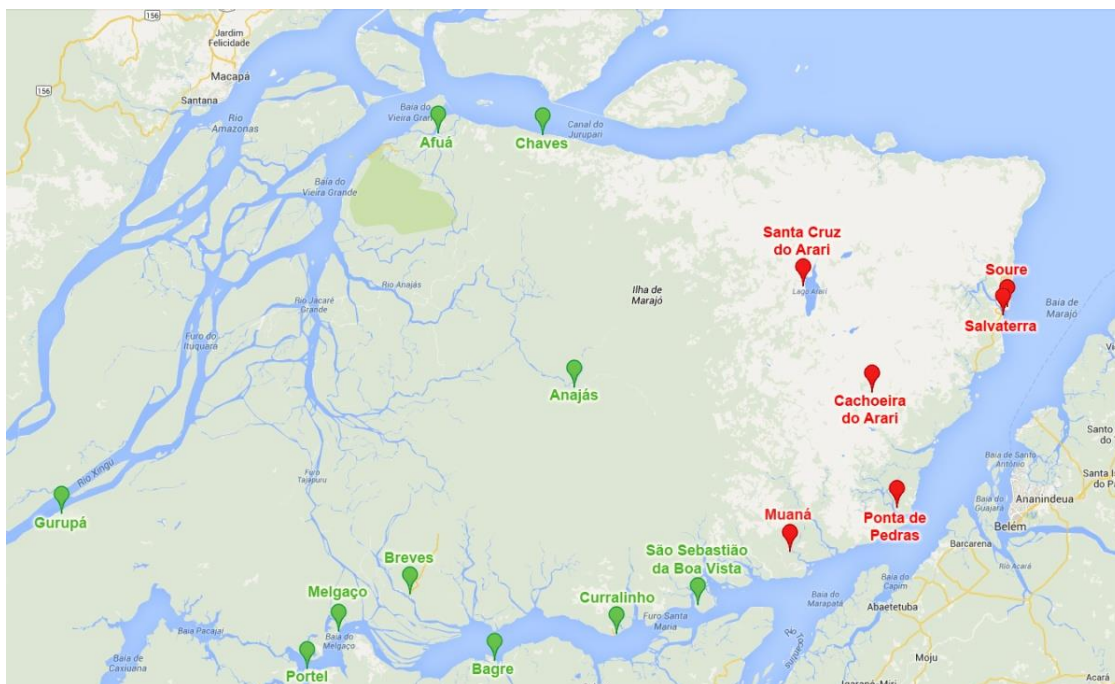


Figura 25: Municípios dos Campos e das Florestas (Fonte: Google Mapas, com indicações pessoais).

Esta parte do arquipélago se caracteriza principalmente pelas ilhas, rios, furos e igarapés em meio à floresta e pelas dinâmicas regidas pelas cheias e vazantes dos rios marajoaras, que permitem enxergar de forma mais clara a paisagem do arquipélago. Desta forma, a própria atribuição econômica a esta parte do Marajó se estabeleceu diferentemente: pelo ritmo das águas, pelas maneiras se deslocar, pelas culturas locais das populações que ocuparam esta área, predominaram as trocas e o intercâmbio entre os diferentes sujeitos que exploravam a coleta das drogas do sertão.

Estes trajetos sociais propostos por Pacheco (2009) sugerem que a memória que se construiu sobre o Marajó dos Campos, principalmente na região metropolitana de Belém, está relacionada com a aproximação com a capital. No Marajó das Florestas predominaram relações mais localizadas, não apenas pela distância e pela dificuldade de locomoção, mas pelas práticas econômicas e pelas configurações históricas e culturais. Penso que estas dinâmicas, ainda bastante observáveis em minha pesquisa, são muito significativas para localizar a cidade, pois

Muitas dessas margens são desconhecidas, esquecidas ou secundarizadas pela historiografia nacional ou mesmo regional. Por possuírem outros rios e florestas, atalhos e labirintos, outros agentes e emaranhados laços de relações e experiências sociais, as histórias locais marajoaras e de muitas realidades amazônicas já tinham sido apagadas anteriormente das paisagens pintadas por uma historiografia brasileira tradicional, quando privilegiou alguns espaços em detrimento de outros. (PACHECO, 2009, p. 322-323).

Assim, entendo que Afuá está inscrito neste Marajó de Florestas, no extremo norte da parte ocidental do arquipélago e essas dinâmicas também constroem sua realidade observável. Está posicionada na entrada do vale amazônico que é região do país mais próxima ao continente europeu, às margens da Baía de Vieira Grande, cuja denominação é uma referência à importância da atuação do padre jesuíta Antônio Vieira, que viveu na região no século XVII. A localização estratégica da cidade foi muito importante para a implantação do sistema colonial português, pois logo se configuraria como um porto de acesso à região pelo vale amazônico.

Em todo o continente americano, as cidades regularmente receberam do sistema colônia uma denominação oficial e uma data de fundação. Esta prática estabelece uma vontade de verdade, que procura silenciar os processos históricos anteriores a estes acontecimentos. Nesta perspectiva, a fundação de Afuá aconteceu em 1845, quando D. Micaela Archanja Ferreira se estabeleceu na região e ocupou uma posse de terras, um sítio a que deu o nome de Santo Antônio. Em 1869, quando já havia um núcleo populacional ao redor da casa de D. Micaela, a Afuá ganhou aspectos de vila, mas só se emancipou à categoria de município em 1989 (IBGE, 2012).

Independente destes marcos históricos oficiais, esta região se constitui a partir das inúmeras rotas percorridas pelas diferentes etnias indígenas, negras e europeias, que dão um caráter propriamente mestiço e multiétnico à região. Toda esta movimentação histórica aconteceu primeiro, em canoas a remo, que mais tarde forma motorizadas e se transformaram em “rabetas” e outras embarcações que cruzam as hidrovias, passeiam por esse labirinto de águas e de terrenos movediços, que dão forma ao arquipélago.

Esses caminhos históricos dessa região se articulam com os caminhos de hoje e contribuem diretamente para a maneira como se pode experienciar seu cotidiano. Ao desenvolver esta pesquisa, também sou obrigado a atravessar esses percursos: em meu desejo de analisar as práticas comunicativas no município, construo um trajeto particular do fazer científico, como propõe Martín-Barbero (2004), que é elaborado pela compreensão desses aspectos sociais e culturais que se constituem ao longo do tempo e também pelo foco em perceber as apropriações que seus moradores fazem no dia a dia das tecnologias midiáticas.

Cada deslocamento até a cidade se configurou como uma experiência singular para observar sua realidade. Enquanto pelo céu pude verificar um pouco das distâncias que se estabelecem sobre o município, pelo rio, pude enxergar pistas de como se estabelecem as relações desses sujeitos entre si. E, apenas nesse movimento de ir ao município, pude

identificar o quanto existem realidades divergentes, distintas, que se apresentam inúmeras vezes e de maneiras diferentes, e que são silenciadas pelos meios massivos de comunicação.

Hoje, Afuá possui uma população de pouco mais de 35 mil habitantes, distribuídos em uma área de mais de oito mil km² entre a sede e suas zonas rurais, que compõem os 6.741 domicílios permanentes contabilizados no último Censo Demográfico Brasileiro (IBGE, 2012). E, apesar da existência da pista de pouso representar mais uma rota de acesso à região, essa via não transporta mercadorias ou produtos, apenas poucas pessoas por vez, com baixa frequência e sem regularidade periódica. Assim, a principal via de acesso à Veneza marajoara é fluvial.

2.4. Pelas ruas de Afuá: bicicletas, rios e pontes de concreto e de madeira

Neste Marajó das Florestas, os rios ocupam um lugar de extrema importância na vida dessa população como agente de mediação cultural. Pelas embarcações que cruzam o embalo das ondas dos rios caudalosos da Amazônia chegam produtos alimentícios, mas também roupas, remédios, cartas, frutas, água e eletroeletrônicos de todos os tipos, incluindo as Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs), como TVs, rádios, computadores, *smartphones* etc. São as hidrovias que possibilitam essa interação entre os sujeitos marajoaras e o mundo contemporâneo e suas diferentes matrizes culturais globalizadas. Eles são o grande mediador desse contato, que permite interação entre pessoas, histórias, conhecimentos e experiências. E foi o rio, a primeira rua da cidade por onde andei.

Esse traslado para chegar à Afuá já me pôs em contato com o tipo de relação que seus moradores e visitantes estabelecem com as mídias: entre as diferentes redes de algodão e de material sintético, é possível observar as pessoas utilizando equipamentos eletrônicos, como rádios, jogos eletrônicos, alguns *tablets*, mas principalmente celulares. Ainda que não haja sinal de telefonia no percurso da viagem, tais tecnologias auxiliam as interações interpessoais dos viajantes. Pude verificar diferentes estilos musicais vindo de pequenos “telefones inteligentes”, jovens registrando os momentos da viagem nas câmeras digitais acopladas aos aparelhos. Durante as viagens, em vários momentos, acompanhei como o rádio de comunicação externa do barco também servia como suporte para a interação entre diferentes passageiros no fundo do navio.

Chegar à cidade também permite perceber essa experiência de seus moradores com as tecnologias de comunicação: à medida em que a embarcação se aproximou da orla, percebi

um ruído das ruas da cidade e que, conforme a distância diminuía, tornava-se mais audível. Gradativamente, o motor vai diminuindo sua potência e o barulho intenso dá lugar aos sons da cidade com mais nitidez. Com o barco quase encostado na beira, já é possível verificar o som da música que vem da rádio-poste, com seus autofalantes distribuídos pelo centro da cidade. À noite, esse som é substituído pela música de outros aparelhos ou pela voz das televisões de lanchonetes e bares que existem nas proximidades da beira.

Sempre há muita gente na orla, quando chegam ou partem as embarcações, independente do horário. Mesmo em outros dias de minha estadia em Afuá, pude observar como este acontecimento é recorrente: seja para acolher ou enviar as pessoas, receber familiares e notícias, garantir mercadorias ou despachar produtos. Esta rotina, bastante significativa nas teias sociais da cidade, por séculos, representou a principal forma de interação da cidade com o mundo exterior. Ela deixa ver o papel mediador que o rio desempenha no cotidiano de Afuá.



Figura 26: Embarque de pessoas em Afuá (Foto: Diogo Miranda).

Nesse curto espaço de tempo durante a aproximação da cidade e o desembarque dos passageiros também pude observar que, entre os primeiros gestos realizados pelas pessoas, está o movimento de procurar o celular e verificar sinal da rede telefônica, chamadas perdidas, possíveis mensagens etc.

Desembarcar nas ruas de Afuá, no entanto, me causou um estranhamento sensorial mais particular: a Veneza marajoara tem todas as suas ruas construídas sobre palafitas, que elevam as casas, os comércios e a cidade sobre as águas. Suas ruas são construídas sobre pontes de madeira a exceção das principais avenidas localizadas no bairro do Centro, que

receberam grandes pontes de concreto. E embora se possa imaginar, mesmo por onde passou o concreto não houve aterramento do solo, evidenciando que as avenidas principais também são palafitas.

Nesse caminhar pelas primeiras vias, a experiência de andar me marcou profundamente, pois a bicicleta é o principal meio de transporte dessa população. Por ser construída sobre palafitas, a cidade não possui estrutura para a circulação de carros e mesmo nas pontes de concreto, não existe a presença de nenhum tipo de transporte motorizado. Mesmo as motos têm sua circulação proibida. De acordo com o relato dos moradores, isso acontece pelo fato de haver acontecido um grave acidente no passado e, a partir desse evento, uma lei municipal foi estabelecida proibindo a circulação de qualquer tipo de veículo motorizado nas ruas de Afuá.

Dessa forma, a bicicleta ganhou lugar de destaque como meio de transporte da população, entre todas as classes sociais. São tantas e de diferentes tipos e funções, que atravessam as ruas e impelem outro ritmo ao dia a dia da cidade. Sua importância no cotidiano de Afuá pode ser verificada diante das imagens a seguir, onde destaco algumas das diferentes funções e serviços que elas desempenham na rotina de seus moradores: seja para o transporte e venda de mercadorias, para realização de serviços públicos, como prestação de socorro emergencial e manutenção da energia elétrica, para propaganda dos mercados e comércios da cidade, ou mesmo para uso pessoal de cada morador.



Figura 27: Bicicleta adaptada ao comércio (Foto: Shirley Penaforte).



Figura 28 “Bicilância” (Foto: Shirley Penaforte).



Figura 29: Bicicleta do serviço de energia elétrica (Foto: Aislan de Paula).



Figura 30: Bicicleta de propaganda e publicidade (Foto: Diogo Miranda).



Figura 31: Bicicleta adaptada 1 (Foto: Shirley Penaforte).



Figura 32: Bicicleta adaptada 2 (Foto: Aislan de Paula).

Para quem não sabe pedalar, como eu, é árduo o deslocamento entre as distâncias na cidade, mas o próprio caminhar pelo lugar me pareceu mais difícil. Andar em Afuá é um exercício que exigiu de mim uma atenção especial, pois ao mesmo tempo em que desejava

não ser atropelado por uma bicicleta, precisava tomar cuidado para não cair das palafitas. Esta é uma realidade comum aos moradores da cidade, que não sentem dificuldade nesse processo, mas para mim se revelou uma experiência singular.

As bicicletas atravessam toda a extensão da cidade e cruzam os dois bairros em que Afuá se divide: o bairro do Centro e o bairro do Capim Marinho. Em sua geografia, a pista de pouso é o marco que os separa. O Centro é onde estão os prédios da administração pública, a maioria das escolas, a delegacia e a maior parte do comércio. Foi neste bairro que surgiram as primeiras casas e vilas de Afuá. O bairro do Capim Marinho funciona como o subúrbio: é a parte mais nova da cidade, onde há espaço para serem construídas as casas novas. Mas também é o bairro da periferia, onde se encontram as famílias mais pobres e onde não há infraestrutura para garantir serviços básicos, como água encanada, energia elétrica ou mesmo pontes bem construídas para a circulação da população.

2.5. Atravessando fronteiras: antenas, telas e autôfalantes

As fronteiras geopolíticas estabelecidas pelo Estado brasileiro não obedecem à história da região, que antecede à fundação oficial da cidade e também ignoram a história recente. Até os anos de 1970, o estado do Amapá fazia parte do estado do Pará, portanto, as relações políticas entre Belém, Afuá e Macapá estavam dentro de uma mesma ordem. Por outro lado, as distâncias geográficas e a falta de infraestrutura em relação ao transporte, reforçaram mais as particularidades regionais desta região que envolve Afuá e Macapá.

Pelos caminhos da cidade, percebi que Afuá se encontra em um lugar de fronteira cultural. Politicamente, a Veneza do Marajó está ligada ao estado do Pará, mesmo que geograficamente se localize mais próxima do Amapá. Mas, as linhas das fronteiras geopolíticas não se desenham nas suas ruas e, neste processo, os meios de comunicação são bastante decisivos.

Pelas duas rádios locais circula um considerável volume de informação e, assim como chegam as notícias de Belém e Macapá, também tocam as músicas produzidas nestas duas cidades. A presença da internet potencializa o contato com fenômenos do restante do Brasil e do mundo. Ouvi com frequência o sucesso musical coreano *Gangnam Style* nas rádios, nos celulares e mesmo nas propagandas de produtos e comércios locais.

A dinâmica de fronteira também acontece em relação à telefonia: embora a maior parte dos usuários de telefonia móvel utilizem o código interurbano 91, do estado do Pará, não

é difícil encontrar aparelhos conectados ao 96, do Amapá, ou ainda aparelhos com dois chips, cada um com um código diferente. Mesmo entre as poucas linhas de telefonia fixa, apenas 295 domicílios permanentes possuem acesso a esse serviço (IBGE, 2012), os números são registrados com código de área do Amapá. Alguns moradores relatam que, no início de 2013, teria acontecido uma manutenção que mudaria o código, mas isso não se efetivou para nenhuma das linhas existentes no município.

O lugar que ocupam os meios de comunicação massivos e dos hipermeios, entre as televisões, rádios e o uso da internet, questão que aprofundarei conceitualmente com mais clareza ao longo do Capítulo 3, é extremamente importante para o estabelecimento das fronteiras culturais na cidade. Entre as ruas, os postes conduzem mais que energia elétrica para as casas, por eles circulação informações e notícias para a população, transmitidas pelas duas rádio-poste, a Rádio Afuá FM e a Madejus.

A rádio Madejus é a mais antiga da cidade, alcança todo o centro e uma parte do Capim Marinho. A Rádio Afuá FM transmite sinal para as áreas próximas de sua torre e alcança a todo o Centro e a parte do Capim Marinho da mesma maneira que a Madejus. Mas esta também transmite sua programação pela rede mundial de computadores, o que amplia seus horizontes e o público com quem interage.



Figura 33: Página da Rádio Afuá FM (Fonte: www.afuafm.com.br).

A internet, apesar de estar presente no município desde o final dos anos 1990, apenas a partir de 2007, timidamente, começou a se popularizar. As *lan houses* começaram a se instalar, ganharam importância na cidade e hoje desempenham um papel significativo na

interação de seus moradores. Sobretudo pela popularização do sinal pela telefonia móvel. Atualmente, a estimativa é que 33,2% da população tenha acesso aos aparelhos celulares (IBGE, 2012). Nesse cenário, não é difícil perceber moradores transitando com celulares nas mãos, mesmo enquanto pedalam, ou ainda transportando computadores, telefonando, enviando mensagem, acessando redes sociais em *tablets*, etc.

Pelo lugar que a comunicação ocupa no estabelecimento dessa fronteira cultural, a população de Afuá demonstra ser grande consumidora das TICs. Não é difícil também perceber grandes televisores de tela plana nos restaurantes, lanchonetes e mesmo em algumas casas. Além disso, em uma análise primária e superficial, a partir de uma volta rápida pelo bairro do Centro, pude perceber a presença de inúmeras antenas de televisões por assinatura (Claro TV e Sky) e também o uso de parabólicas, além da TV aberta.

Quando procurei este mesmo cenário no Capim Marinho, pude constatar que as pessoas participam desta realidade de maneira diferente. Ao avançar pelas ruas deste bairro e me distanciar do Centro, aos poucos, fui deixando de ouvir a rádio-poste Madejus, as antenas de televisão se tornam mais escassas, as bicicletas diferenciadas dão lugar aos modelos mais simples e a estrutura das casas, o vestuário das pessoas e as pontes de madeira vão se tornando mais simples.

Nos dois bairros, a relação dos moradores com o rio permanece bastante intensa e o fluxo das pessoas, mais uma vez, me faz olhar para o rio como um grande mediador. Não é difícil ver as pessoas cruzarem, em suas embarcações, a orla ou os pequenos rios que cortam Afuá, sobretudo no Capim Marinho. Famílias mais pobres, em suas pequenas canoas, e mesmo as famílias mais ricas, em lanchas e jet-skis, mantêm uma intensa relação com o rio.

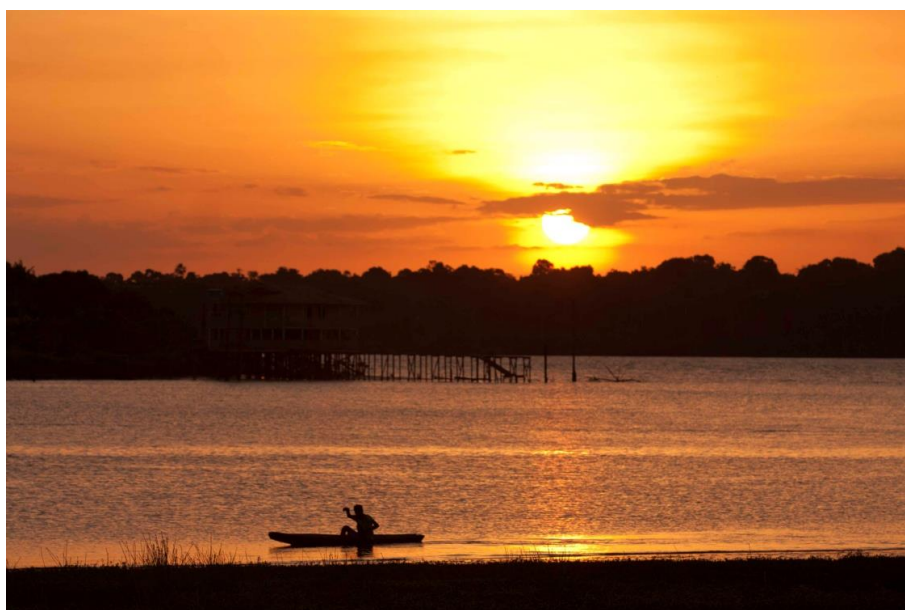


Figura 34: Canoa a remo na orla de Afuá (Fonte: Shirley Penaforte).



Figura 35: Jet-sky na orla de Afuá (Fonte: Shirley Penaforte).

Conhecer essas dinâmicas me permitiu a desconstrução de muitas ideias estabelecidas e de muitos preconceitos. Nesse lugar, o acesso dos moradores aos meios de comunicação e à internet começa a possibilitar brechas no discurso dominante: outros discursos aparecem e outras vozes ganham espaço para narrar o cotidiano. Esse acontecimento não derruba a vontade de verdade que está estabelecida, mas permite que outros elementos participem da construção de sua história.

Mesmo assim, preciso considerar que, em suas palafitas, algumas “verdades” permanecem silenciadas sobre a imagem da realidade exótica, de uma população “ribeirinha” e toda a carga preconceituosa que o termo pode carregar: de sujeitos atrasados, que permanecem alheios ao mundo contemporâneo, onde a tecnologia antagoniza com sua forma de vida e com sua cultura. É preciso olhar para essa dinâmica que se materializa e enxergar que há questões de poder na forma como as diferentes pessoas participam do cotidiano de Afuá, pela existência de graves problemas sociais, de segregação urbana, de ausência de direitos básicos como moradia, alimentação, saúde etc.

Assim, como propõe Martín-Barbero (2004), a investigação científica deve ser esta cartografia que se move de acordo com o nosso próprio caminhar, que também é experiência constituinte da análise. Ou seja, ao desenhar os mapas sobre as cidades, as linhas e fronteiras não devem limitar o objeto investigado, mas multiplicar as rotas que podem ser tomadas.

Traçar estes mapas significa proporcionar a possibilidade que outros elementos e outras vozes ganhem espaço para evidenciar as singularidades de cada objeto de análise. E, nesse sentido, investigar a Amazônia se estabeleceu como um exercício de escrever novas cartas cartográficas para caminhar pela região de outra forma.

Observar a região e, da mesma forma, o arquipélago marajoara exige da investigação um olhar que possa tentar perceber o que é dito e o que é silenciado, pois, tanto o discurso generalista, como as particularidades locais e as práticas de resistência, que são invisibilizadas, são elementos constituintes das dinâmicas que se pode observar. Em outras palavras, traçar estes mapas implicou em perceber Afuá além das fotos de satélites e dos dados fornecidos por pesquisas quantitativas, de maneira que a experiência empírica se tornou fundamental para a construção de novos olhares sobre a região. E, nesse movimento, eu precisei enxergar as ações que esses sujeitos realizam para ressignificar as culturas, os usos das tecnologias de comunicação, as ideologias e as disputas de poder a partir de perspectivas próprias deles.

CAPÍTULO 3

CONVERGÊNCIAS CULTURAIS: ENTRE RÁDIOS, REDES E TANQUES

A história da internet de uma maneira geral está relacionada a uma série de movimentos culturais e com as apropriações realizadas por grupos que, aos poucos, foram popularizando seu contato com outros segmentos da sociedade (LÉVY, 1999; LEMOS, 2010). Ela não se firma pela oposição às mídias massivas, mas por complementar uma comunicação em sociedade que já existia, como afirma Wolton (2007): enquanto as mídias massivas, como a TV, ofertavam diferentes conteúdos a uma inúmera pluralidade de públicos e em grande escala, a rede permitia a individualização e especialização dos produtos. Enquanto as mídias massivas possibilitavam que os diferentes sujeitos partilhassem algo em comum, a web tornava possível maior liberdade para acessar, escolher, fazer circular e construir sua própria informação.

Mais recentemente, neste cenário de convergências, é difícil pensar em conteúdos massivos que, de alguma maneira, não se desdobrem no ciberespaço. Como eixo principal desta dinâmica reside sobre os usos, as práticas sociais atribuídas a cada experiência que as mídias possibilitam, as pessoas passam a experienciá-las em movimento, consumindo conteúdos que fluem por diferentes plataformas e não mais em produtos de tecnologias específicas (JENKINS, 2012).

Assim, entendo que as próprias noções de hipermídia e de mídia massiva perdem seus contornos bem delimitados. Os sujeitos transitam por diferentes meios para estabelecer suas relações e, assim, a maneira como consumimos os produtos televisivos, radiofônicos, impressos ou hipermidiáticos também passa a ser diferente. A programação da TV está bastante associada aos seus conteúdos em ambiente *online*. Da mesma forma, não se supõe que a participação na web não possa orientar a televisão, o rádio, ou mesmo as notícias de um jornal impresso. Acredito que a convergência dinamiza a maneira como os indivíduos interagem, mesmo com os conteúdos massivos, e como estes produtos se estabelecem.

Para mim, os aspectos que caracterizavam as diferentes mídias e as diferenciavam parecem se imbricar cada vez mais e levar a experiência da comunicação a outro nível. Aqui, no capítulo 3, analiso esta dinâmica a partir de um acontecimento que se particularizou em Afuá: a onda de protestos de junho de 2013 que marcou o Brasil. A articulação do movimento aconteceu pela rede e pelas rádios locais, portanto, com as marcas no cotidiano das pessoas da cidade.

O processo de convergência se constitui com as transformações culturais de uma sociedade e possibilita que as pessoas experienciem a interação social a partir das diferentes mídias. Ele, no entanto, acontece a partir de aspectos específicos e foi através destas singularidades que procurei analisar a onda de protestos em Afuá. É necessário ver “(...) a América Latina não como *lugar no qual* se conservam práticas de comunicação *diferentes* (ou seja, exóticas), mas como *lugar a partir do qual* pensávamos *diferentemente* as transformações que atravessam as práticas e as técnicas de comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 29).

A história da internet, em Afuá, se entrelaça com a história das rádios. Ambos os meios se articulam no acontecimento que é a popularização da rede. Assim é possível perceber um processo histórico que, por vezes, é descontínuo, no qual o momento contemporâneo registra o encontro da modernidade técnica com a não-modernidade dos países subdesenvolvidos latino-americanos.

Obviamente, na América Latina de maneira geral, os *smartphones* possuem importância para o estabelecimento dessas práticas da cultura da convergência. Como demonstra Pellanda (2009), a popularização dos “aparelhos inteligentes” e dos planos de acesso à web, no Brasil e no mundo, possibilitou outras práticas interativas no ciberespaço. Mas não se pode reduzir o seu “sucesso” a uma mera transformação tecnológica: não há como se pensar no resultado positivo de qualquer tecnologia, sem perceber que há uma questão social em seu alicerce.

Em Afuá, é possível identificar que a programação das rádios está profundamente imbricada com os usos da internet e, sobretudo, da rede social Facebook. Este diálogo se constitui como materialidade capaz de fornecer pistas para uma percepção mais profunda do processo de convergência, como questão prioritariamente cultural. Acredito que, por ele, seja possível entender mais facilmente a questão que se desenvolve nas ruas do Centro, sobretudo de seus moradores da cidade acessando seus *smartphones*, mesmo em deslocamento.

Nesse cenário, as *lan houses* exercem uma função essencial para a sociedade. E, apesar dos custos elevados para sua implementação, no início, estes ambientes proporcionaram diferentes formas de interação social. Hoje, o município passa por novas transformações dentro dessa dinâmica de apropriação e convergência: não apenas se popularizou a internet por meio dos *smartphones*, mas a rede *wifi* municipal também dinamiza o acesso. Muitas casas se apropriam dessa novidade para que a web seja ainda mais parte das dinâmicas de seu cotidiano. Em 2013, a prefeitura decidiu implantar três praças digitais em diferentes espaços da cidade.

Para entender as nuances que se inscrevem ao longo de todo esse processo, como já dito, procurei analisar as questões relativas ao contexto desse fenômeno. E, nessa perspectiva, penso que um evento que indica pistas para a compreensão desse cenário é o processo de apropriação cultural dos protestos e manifestações políticas que marcaram o Brasil e se desdobraram em Afuá. Para isso, vou apresentar o funcionamento as rádios e os usos da rede mundial de computadores na cidade.

3.1. O lugar das rádios no cotidiano da cidade

Não há produção local de telejornais e o que circula pelas emissoras de televisão, em termos de conteúdo regional, são notícias de Macapá e Belém⁷. Também, em função desta particularidade, em Afuá, mais que a televisão, as rádios estão mais próximas das dinâmicas do dia a dia dos moradores da cidade. Em relação aos protestos de junho de 2013, as rádios, sobretudo a Afuá FM, foram muito importantes na articulação das pessoas.

As rádios promovem a dinâmica do cotidiano da cidade, dão visibilidade às suas interações sociais, por meio da participação de ouvintes em sorteios de produtos nas rádios, venda de mercadorias, promoção de rifas para apoio a obras religiosas, divulgação de mensagens informativas para pessoas das áreas rurais, publicização da propaganda de pequenos e grandes comerciantes da cidade, realização de ações educativas, manifestações de organizações sociais etc. Elas ocupam o lugar de mediação das interações sociais, entre a sociedade e as diversas instituições.

Nas ruas-palafitas, os alto-falantes da Madejus Publicidade e Propaganda, distribuídos por quase todo o bairro do Centro e por algumas ruas do Capim Marinho, fazem parte do cotidiano há mais de 25 anos. O termo “Madejus” é uma abreviação do termo “Mãe de Jesus”, como relatou Raimundo Monteiro, DJ e locutor da rádio-poste. Esta evidência permite identificar o caráter religioso e exclusivamente católico que a rádio possui e que se ouve em sua programação, por meio dos comentários dos padres, sobre temas presentes no dia a dia do município, e também da programação musical, que é entrecortada por músicas católicas. Esse fator tem relação com a própria devoção de Mercedes Costa Silva, proprietária da Madejus. Esta é a rádio mais antiga da cidade.

⁷ Quando Afuá é retratada pelos diferentes meios de comunicação, destacam-se sempre as peculiaridades da cidade: palafitas, bicicletas, realidade amazônica, etc. Os discursos apenas reiteram os estereótipos e não são capazes de apreender a complexidade de sua dinâmica.

Na fotografia a seguir, uma rua-palafita: o orelhão da Telemar, com cores desbotadas pelo tempo, a parabólica entre telhados de zinco e o verde das palmeiras de açaí estão na mesma cena que poste, onde há um alto-falante da Madejus dividindo espaço com vários fios de eletricidade



Figura 36: Ruas conectadas do Centro de Afuá (Foto: Shilery Penaforte).

É possível ver, com certa regularidade, as pessoas paradas ao redor das “bocas de ferro”, que interrompem seu deslocamento, para ouvir sua programação. Também não é difícil perceber a importância que ela ocupa na vida dos moradores.

A Madejus tem uma importância muito grande. Eu lembro quando eu era criança a gente já ouvia a programação dela. A gente cresceu ouvindo ela. Quando tocava uma música mais leve e mais longa a gente já sabia que alguém havia falecido ou então quando tocava alguma música assim, mais dinâmica, a gente também sabia que alguma coisa importante ia ser anunciada (BRITO, 2013).

Em cinco anos como DJ e locutor, Raimundo Monteiro relata que a participação da população é o que marca a atividade da Madejus. Ele afirma que não é só a procura pelos serviços de notícias, avisos ou comunicados comerciais, mas a população realmente se envolve com a rádio.

A gente tem sempre que procurar atender ao público. Tem que conquistar mesmo. Agora, por exemplo, a gente colocou uma outra DJ no período da tarde. Antes dela, tinha outra moça, mas essa não durou muito tempo. Aí o pessoal liga pra cá, pra dizer “Olha, essa moça aí, não tá legal” ou então “Olha, essa moça tá apresentando bem”. Sobre a Alessandra [nova locutora e DJ], a gente já recebeu ligações e parece que as pessoas têm gostado da maneira como ela apresenta (MONTEIRO, 2013).

Da mesma maneira, este envolvimento já acontece com a rádio comunitária, a Rádio Afuá FM. Em pouco mais de dois anos de existência, sua relação com a população se intensificou de tal forma que não é difícil perceber o lugar que ela ocupa no cotidiano destas famílias marajoaras. A programação se orienta pelos costumes dos moradores. No horário do almoço, há uma pausa no movimento das ruas da cidade. A partir das 11h30, aproximadamente, as pessoas se recolhem para almoçar e descansar e o movimento das ruas só retorna por volta das 15h. Neste período, entra no ar uma das programações de maior sucesso da Afuá FM, o jornal “Almoçando com notícias”, que é seguido do programa esportivo.

Durante a pesquisa, vivi a experiência de almoçar em lugares públicos e também com algumas famílias que me receberam em suas casas. Apesar da forte presença da televisão, nos pequenos restaurantes e lanchonetes, percebi que nestes diferentes espaços as pessoas ouviam coletivamente o programa e comentavam as mais variadas informações: falavam sobre a Copa das Confederações e da chegada dos médicos cubanos à cidade, a partir do programa “Mais Médicos”, do governo federal, por exemplo. Como afirmou Décio Quintas Filho (2013), coordenador geral da Afuá FM, “A rádio busca atender às necessidades locais, pois ela é um instrumento para servir a população de Afuá”.

É possível perceber que, nesse estabelecimento das rádios, mais recentemente, a internet ocupa um lugar de destaque para sua dinâmica. Se, durante a interação que é promovida pelo “Almoçando com notícias”, as pessoas dialogam intensamente, foi possível perceber que os mais jovens costumam checar as redes sociais e comentar a programação, enquanto escutam o rádio. Também já se tornou uma prática entre os radialistas o ato de fazerem *download* de músicas da internet. Além disso, essa relação também pôde ser comprovada pelos relatos dos radialistas.

A partir do uso da web no município, a proximidade das pessoas com as rádios, algo que já fazia parte das práticas culturais locais, intensificou-se bastante. Com a rádio comunitária Afuá FM, os afuaenses encontraram uma maneira de aumentar sua interação, por meio do Facebook, pois houve um processo de apropriação dessas possibilidades que já faziam parte das dinâmicas locais.

Hoje, a rádio Afuá FM ela está ligada *online* com todo o mundo, por meio da internet. Essa ferramenta que nós estamos usando na Afuá FM faz com que o município fique ligado diariamente com todo o mundo. Isso é bom pra Afuá. Nós estamos levando o nome do nosso município para todo o mundo e isso é diário. Nossa programação é interligada das cinco da manhã à meia noite na internet e quem quiser acessar basta acessar lá: www.afuafm.com.br. E, brevemente, nós teremos o nosso jornal eletrônico que vai colocar informação do nosso município quase que diário para as pessoas que queiram estar a par do que acontece aqui em nossa cidade (QUINTAS FILHO, 2013).

De maneira geral, nos centros urbanos do mundo todo, os usos da internet vêm proporcionando novas formas de interação entre os ouvintes e a rádio, principalmente a partir da disponibilização da programação em ambiente virtual, por meio das rádio-web. Novamente, Décio Quintas reconhece que é importante a própria cidade mostrar a sua realidade para o mundo. Esse papel que a rede desempenha é fundamental, pois a partir da web a rádio se torna um canal importante para articular a realidade da cidade com o mundo inteiro.

Desde o início de suas atividades, como boa parte da população já tinha acesso à rede, a Afuá FM tem uma forte relação com a internet. Ela utiliza diversos recursos disponíveis na rede para se fazer presente no dia a dia da população, como *fanpages* do Facebook.



Figura 37: *Fanpage* da Rádio Afuá FM (Fonte: Facebook, Rádio Afuá FM).

Não há como entender o espaço que as rádios ocupam na produção de sentidos em Afuá, sem considerar, hoje, o lugar da internet. Da mesma forma, não há como pensar no ciberespaço sem perceber a importância social das rádios. Assim, mais do que uma

convergência de recursos tecnológicos, pude observar um processo de apropriação das TICs, que acontece de maneira simultânea e de acordo com as demandas sociais dos moradores.

De maneira geral, as rádios em Afuá promovem, por meio de sua programação e da integração com a internet, o vínculo social do qual fala Wolton (2007), aquilo que une as diferenças sociais e permite a sujeitos distintos partilhar algo em comum. Os desdobramentos da programação também promovem a própria interação social entre os sujeitos, uma vez que eles não se limitam apenas a ouvir, mas também se envolvem num processo de recepção que implica em discutir em família, ou mesmo nas ruas-palafitas, aquilo que é noticiado. E deste processo, muitas pautas da programação radiofônica da cidade também são definidas pelas questões emergentes que atingem a sociedade de Afuá.

3.2. Novos processos? Atualizações no ambiente da convergência

Na Veneza do Marajó, nem todos os moradores se relacionam com a internet da mesma maneira. Há diferenças bem visíveis entre os bairros do Centro e do Capim Marinho. Há uma série de variantes que interferem nesta situação: condição financeira, nível de instrução, de disponibilidade da infraestrutura municipal etc, além da faixa etária e do interesse particular das pessoas. Todas estas questões incidem sobre a maneira de participação dos sujeitos nesse ambiente e também sobre como experienciam o uso das tecnologias.

A chegada da rede mundial de computadores à cidade ainda é extremamente recente e a presença das *lan houses* foi bastante significativa. A inauguração da primeira praça digital, com acesso gratuito em 2013, já começa a interferir nos sentidos destes estabelecimentos, mas, até o momento, elas representaram o espaço coletivo mais importante de inclusão digital da cidade, já que não há nas escolas salas de informática com acesso sistemático à internet.

Em 2000, foram inauguradas as duas primeiras *lans* na cidade. Com custos muito elevados, seu funcionamento estava relacionado às atividades Prefeitura Municipal de Afuá. Tratava-se, à época de um investimento de alto custo financeiro. Assim como hoje, o acesso funcionava com o sinal de rádio emitido em Macapá, mas era bem mais difícil e mais caro estabelecer a conexão. Segundo Luciléia Brito (2013):

A internet chegou ao município de Afuá, no ano de 2000, com a primeira *lan house*, na época administrada por Márcio oliveira. Ela funcionava com apenas dois computadores, e ficava na rua Mariano Candido de almeida, onde hoje funciona a Rádio Afuá FM. Logo após, uns seis meses, surgiu uma segunda *lan house*, desta vez administrada pelo senhor Alex, localizada também na rua Mariano Candido de Almeida, lugar onde foi construído o atual Banco do Brasil. Estas duas primeiras *lan house* pioneiras, não foram reconhecidas legalmente.

Os dois estabelecimentos não lograram sucesso. Até esse momento, o uso da rede mundial de computadores não fazia sentido entre os moradores. Contudo, com o passar do tempo essa dinâmica foi se alterando e hoje, as *lans* foram elementos significativos para o desenvolvimento das dinâmicas atuais e ainda ocupam um lugar importante para a articulação das interações sociais no município. A seguir, apresento as três *lan houses* mais frequentadas e que foram muito importantes para a consolidação da internet em Afuá.

3.2.1. *Lan house* Gold Play

Fundada no início de 2006, a Gold Play é a *lan house* em funcionamento mais antiga de Afuá e uma das mais importantes da cidade. Já passou por vários processos de transformações: se no início poucas máquina funcionavam na casa de seu proprietário Leonardo Bararuá, hoje suas instalações são bem maiores e dispõem de uma loja que vende equipamentos e assessorio de informática.



Figura 38: Primeira fachada da Gold Play (Fonte: acervo pessoal de Leonardo Bararuá).



Figura 39: Fachada atual da Gold Play (Foto: Diogo Miranda).



Figura 40: Loja de eletrônicos Gold Play (Fonte: Diogo Miranda).

Apesar de não se poder precisar os anos de cada reforma, é possível observar que não se trata apenas do desenvolvimento da tecnologia, mas uma transformação na cultura. Ao vislumbrar o lugar que a internet ocupa na cultura do município, foi possível investir na rede como um empreendimento comercial e conseguir uma clientela regular que, com o tempo foi se apropriando dessa prática interativa e se multiplicando.

Muitas pessoas procuram esta *lan house* em busca de auxílio para escrever petições, ofícios, atestados e outros documentos administrativos, em razão de seu proprietário ser ex-funcionário da prefeitura. De acordo com ele, muitas vezes são os próprios funcionários municipais que indicam o estabelecimento, pois lá há pessoas preparadas para formatar documentos para a prefeitura.

Eu penso assim, não é só a questão da pessoa ter acesso. Tem gente que tem dificuldade. Às vezes eu tô sozinho aqui e é difícil atender todo mundo porque uns precisam de ajuda, outros querem imprimir. Tem gente que não sabe fazer uma pesquisa na internet, aí a gente tem que ir lá e fazer a pesquisa pra ele. É por isso que eu coloco gente pra trabalhar comigo, mas procuro saber se a pessoa tem interesse com informática, né? Porque ela não vai só colocar as coisas, mas tem que ajudar o público que quer ser bem atendido. Então, as vezes tem gente que quer e tem vontade, mas não conhece e isso fica difícil. Então eu paro um pouco e aí tem que ensinar pra pessoa aprender e poder ajudar os outros. É difícil, mas é importante (BARARUÁ, 2013).

Para o dono da Gold Play, no contato com o público e a partir de suas necessidades, a sua própria maneira de lidar com a tecnologia mudou significativamente. Se no início funcionava apenas como *lan house*, ele logo sentiu a necessidade de comercializar produtos. E agora, não comercializa apenas os periféricos, como no começo, mas há computadores *desktop*, *notebooks*, *tablets*, e ainda TVs digitais, instrumentos musicais, *datashows*, câmeras fotográficas digitais e uma infinidade de outros produtos na Gold Play.

Hoje, boa parte de seus esforços se concentram sobre estas atividades, uma vez que o público da Gold Play tem diminuído com a popularização da internet nas residências particulares. E, pensando neste momento, o estabelecimento também passou a oferecer assistência técnica a muitos aparelhos, pois parte da população de Afuá não pode trocar e atualizar os equipamentos com a mesma velocidade de produção das tecnologias.

Entre todas as *lan houses* visitadas, a Gold Play é a única que possui um registro histórico mais materializado. Talvez, por seu proprietário reconhecer a relevância da tecnologia para o município. Além das entrevistas, ele também disponibilizou seu acervo fotográfico.

3.2.2. A história da *lan house* Net Mania

Outro estabelecimento neste mercado, na cidade, é a Net Mania. Segunda mais antiga *lan* do Centro, existe desde 2007 e surgiu de maneira muito peculiar, como mostra o relato de Éder Jean Furtado da Silva (2013a), dono do empreendimento:

Na verdade, eu nem gostava de internet. Há uns sete anos atrás eu trabalhava com fotografia e aí tinha o problema da questão de arte, né? Para fazer as artes tinha que buscar na internet, né? Aí eu raciocinei o quanto é importante a internet. Porque se você não souber usar, acaba trazendo muitos problemas. Aí eu pensei: “nesse caso é melhor eu ter em casa”. Aí com o tempo, com a vontade de crescer, como todo mundo tem, eu decidi que ia montar um outro negócio que ia ajudar a renda da fotografia. E aí eu montei aqui e hoje ela tá como principal e a fotografia que se tornou um complemento.

Pelos relatos do proprietário e pelo que pude observar, o fator mais relevante de sua consolidação é o diálogo entre os serviços ofertados pela *lan* e os serviços de foto-filmagem realizados por Éder Jean, que é o fotógrafo profissional mais atuante e mais atualizado nas tecnologias digitais na cidade. Mesmo que a popularização dos *smartphones* tenha proliferado a quantidade de câmeras fotográficas na cidade, muitas pessoas procuram a *lan house* para buscar serviços mais profissionais de foto-filmagem. E não é difícil encontrar pessoas que o procuram para revelar as fotos registradas no celular.

Ao longo dos dias da pesquisa de campo, nas várias visitas ao lugar, verifiquei que parte de seu público o procura para a produção de artes gráficas, convites de aniversário, contratação de cobertura de eventos etc. Ou seja, há outra função em trabalho que lhe dá reconhecimento como ambiente de internet. Não por uma função de *lan house* semelhante à *Gold Play*, mas por atender necessidades específicas que havia no município.

Nas imagens a seguir é possível perceber que esse perfil já está evidenciado desde a entrada da *lan house*. A primeira foto (Figura 41) registra, além da fachada, o *banner* que divulga o serviço de foto-filmagem. Em seguida (Figura 42), a exemplo das outras *lans*, podemos ver um menino e uma senhora, portanto, um público diverso, sem restrição a idade, sexo ou classe social. A terceira imagem desta sequência (Figura 43) evidencia uma garota interagindo com o *game Grand Theft Auto*⁸, popularmente conhecido como GTA, um dos jogos mais contestados por psicólogos e educadores, por seu caráter violento. Trata-se de um jogo em que a narrativa leva o participante a viver histórias de crimes e violência da vida urbana americana. A foto demonstra como os jovens da cidade já participam sistematicamente do mundo globalizado.



Figura 41: Fachada da Net Mania (Foto: Diogo Miranda).

⁸ Uma tradução aproximada do título do *game* seria “Roubo de Automóveis de Grande Valor” (tradução do autor).



Figura 42: Público diverso acessando a internet pela *lan house* (Foto: Diogo Miranda).



Figura 43: Garota interagindo com jogo eletrônico (Foto: Diogo Miranda).

3.2.3. A popular *lan house* Por do Sol

Para finalizar, apresento esta *lan house*. Diferente das duas anteriores, o estabelecimento não realiza serviços diferenciados como as outras casas de internet da cidade. Também não atende a nenhuma necessidade particular existente na Veneza do Marajó. Trata-se de uma iniciativa de uso mais comum da internet. Entretanto, não há como negar que a *lan* ocupa um lugar relevante na dinâmica da cidade. Aos fins de semana, o espaço fica ocupado quase que completamente e, muitas vezes, conforme o relato de seu proprietário, Emildes Rodrigues da Silva (2013b), o lugar fica lotado por completo e muitas pessoas não conseguem entrar.

Olha, eu sempre gostei de ouvir as pessoas. Então, quando a pessoa não gosta do meu trabalho eu vou lá e faço de novo. Quando o técnico tava montando, ele me chamou e disse “Emildes, por que a gente não faz assim, faz diferente?”, eu disse “como?”. Ele disse “nós vamos fazer a hora da *lan house* R\$2,00 de segunda a sexta, e sábado e domingo a gente faz a R\$1,00”. E eu disse “vamos experimentar”. E deu certo. Porque meio de semana, quando as crianças estão estudando, elas pouco frequentam aqui. Entram 25 minutos ou meia hora. Ou então só quando tem muito material escolar de pesquisa que elas vêm pra cá. Mas final de semana já lota isso aqui. Fica cheio! Muitas vezes vem gente aqui na porta e olha, vê que tá cheio e vai embora. E é cheio o final de semana todinho.

Depois de identificar a diferença com que seu público principal participa do ciberespaço, o proprietário elaborou uma dinâmica que atendesse à necessidade dessa população, sobretudo entre os jovens. O sucesso da Por do Sol reside nestas promoções de fim de semana, que se mostram como o fator financeiro ainda se constitui como uma barreira que limita a experiência da internet entre as diferentes pessoas do município. E a redução dos preços para acessar a rede contribui para a dinamização e consolidação de seu estabelecimento entre a população, sobretudo entre a camada mais popular.

Abaixo seguem imagens da Por do Sol. No primeiro registro (Figura 44) está a fachada da *lan house*, um espaço que atrai principalmente aos jovens da cidade. Na segunda foto (Figura 45), apresento seu ambiente interno. É possível identificar que há uma boa quantidade de máquinas e, se considerarmos que o tempo de uso mínimo é 30 minutos, é possível supor que, aos fins de semana, muita gente passa por esse espaço de interação social.



Figura 44: Fachada da Por do Sol (Foto: Diogo Miranda).



Figura 45: Ambiente interno da Por do Sol (Foto: Diogo Miranda).

De maneira geral, os relatos dos donos de cada estabelecimento indicam que, em média, os lugares recebem 100 pessoas diariamente, procurando serviços diversos: os comuns a todos, como impressão, fotocópia, formatação de ofício, acesso a web etc; e os particulares, como a compra de produtos eletrônicos, confecção de convites, revelação de fotografia, entre outros. Apenas a *lan* Por do Sol indica receber mais visitantes durante o fim de semana, chegando a receber 150 visitantes por dia, sendo que o horário de domingo é menor, funcionando de maneira flexível, mas que em média vai até às 18h.

De qualquer forma, de acordo com os relatos, a procura maior sempre é pelo acesso às redes sociais, principalmente o Facebook. E, como já evidenciado em diferentes momentos desta dissertação, esta rede social se estabeleceu no município como um dos principais atrativos (ou até mesmo o principal atrativo) para a interação por meio da internet. Talvez pela estruturação de seus serviços, seu sucesso tenha se dado, em meio à população de Afuá, por congregar em um mesmo lugar funções diferentes, como repositório de fotos, bate papo, espaço para textos pessoais, jogos, etc. Não é difícil transitar por entre os diferentes lugares e entre as diferentes *lan houses* e perceber as pessoas checando a rede social.

3.2.4. Os telecentros, a biblioteca e os processos de apropriação

Desde 2008 há esforços para realizar ações mais inclusivas, que aumentem a participação da população nesse ambiente *online*: foram construídos duas escolas de informática, uma em cada bairro, que oferecem aos estudantes da rede pública cursos básicos de informática. Quando estive no município, em períodos diferentes, primeiro em julho e

depois em novembro de 2013, constatei que os dois lugares estavam fechados. Os relatos dos moradores indicam que, com a troca da administração municipal depois das eleições no ano anterior, ainda não havia sido feito o planejamento para decidir o futuro das escolas.

De qualquer forma, pude conversar com a professora Carmen Rosa, responsável pela gerência dos dois lugares, ela estima que, no total, mais de 1200 alunos já passaram pelos cursos ofertados. Apesar dos documentos oficiais registrem apenas 817 alunos que concluíram os cursos de informática, Carmen Rosa indica que o valor é maior. Ela se vale da experiência do dia a dia na organização dos lugares e, ao mostrar os livros de registro evidencia que há falhas: há 536 alunos contabilizados como concluintes na escola do Centro, entre os anos de 2008 e 2012, enquanto na escola do Capim Marinho há 281 alunos, mas apenas entre os anos de 2008 e 2009. Ela ressalta que muitos dados se perderam e outros não foram organizados nesse pouco tempo de funcionamento das escolas de informática e, por isso, não há como precisar esse número com exatidão.

Na Biblioteca Pública Municipal, que funciona como um ponto de cultura, também existe um telecentro para acesso livre à internet. No entanto, o lugar parece não interagir muito com os moradores da cidade. E, apesar do interesse na internet bem expresso nas ruas de Afuá, quase ninguém visita este lugar, nem para consultar os livros, nem para acessar a rede. De acordo com Jordana Valadares, secretária executiva da biblioteca, o telecentro já funciona há pouco mais de dois anos e o ambiente possui computadores para o acesso da população e também disponibiliza o sinal por meio de *wifi*. Essa estrutura foi desenvolvida por meio de programas sociais do Ministério da Cultura, mas a ausência do hábito de leitura faz com que quase nenhum morador da cidade procure o lugar e seu espaço ainda não tenha sido efetivamente apropriado, muitas vezes ficando restrito ao uso de atividades da secretaria municipal de educação.

3.2.5. A Webflash e as conexões

Principal provedor de internet no município, a Webflash também habita essa realidade de fronteira. Trata-se de uma empresa paraense que tem seu polo de gerência situado em Macapá (AP) e que transmite o sinal por antenas de rádios que vêm desde Belém (PA) e atravessam essa parte da região amazônica, passando pelos municípios de Anajás, Barcarena e Muaná, até chegar em Afuá. Além desses municípios, em 2013 ela estava em

processo de expansão para Breves, também no Marajó. Pelo seu sistema passam o sinal de internet, mas também o sinal de TVs fechadas no bairro do Centro e telefonia móvel.

De acordo com Paulo Sérgio Lacerda Ferreira (2013), funcionário da empresa, as residências possuem o pacote de 1 Mega de velocidade por um valor fixo de R\$100,00. A partir dessa velocidade, os planos só são disponibilizados para empresas. Quando questionado sobre o funcionamento do *wifi*, ele informa que essa é uma questão particular à população, pois não é um serviço oferecido pela empresa.

Hoje a gente tá com 192 clientes em Afuá. Isso residencial, além da prefeitura que trabalha com o nosso sistema. O sistema funciona por comodato, então quando a pessoa interrompe o contrato, a gente vai lá e recolhe a antena e o aparelho.

A gente oferece uma internet cabeada, é pra um computador. A questão do *wifi* tem muita vulnerabilidade, então a gente preferiu não utilizar. É o pessoal que compra o roteador e já faz essa adaptação [do *wifi* nas residências], que o pessoal quer a questão da comodidade, pra acessar em um canto e no outro.

Geralmente tem muito disso, da pessoa comprar o serviço e compartilhar com os vizinhos. Eu não aconselho a fazer isso, porque cai a qualidade e o cliente reclama muito. Porque aí ele tá utilizando o link de 1 Mega, por exemplo, mas tem 8 [computadores] conectados, aí você quer qualidade como? Cerca de 50% a 80 % [dos clientes] faz isso.

O que eu vejo é a questão do valor também. Porque tem gente que pode pagar os R\$100,00, mas tem gente que não pode. Tem outras coisas, família, mas a internet como dizem é um mal necessário, por que a gente precisa ver as notícias, fazer pagamentos, então as pessoas fazem isso. A maioria dos nossos clientes compartilha (FERREIRA, 2013).

De qualquer forma, essa popularização da rede *wifi* no Centro da cidade tem se tornado um fator perceptível da relevância que a rede adquiriu para a população afuaense. E, para perceber essa questão, fiz uma experiência empírica pelas ruas deste bairro com o meu *smartphone*: deixei o sinal *wifi* ligado, para tentar, de alguma forma, mensurar a quantidade de redes. Apesar da ação não possuir critérios e fechados e extremamente rigorosos para uma análise profunda desse ambiente, como resultado, percebi que 75% das ruas do Centro possuem redes sem fio, sendo a maioria de uso residencial, com sinal fechado. Entretanto, há algumas casas e alguns prédios públicos que não possuem senha para acesso e alguns relatos dos moradores indicam a presença de pessoas que acessam desses lugares, dessas “zonas *wifi* livres”, sem o conhecimento dos donos.

3.3. As praças digitais de Afuá: e tudo mudou

Bastante preocupada com a questão do acesso na cidade, a administração municipal traçou como plano de governo o estabelecimento de praças digitais, onde o sinal de internet seria aberto. A perspectiva é que o projeto da prefeitura se estenda para outras áreas além da quadra municipal, lugar onde funciona a primeira área de *wifi* aberto do município. A praça Michaela Ferreira, também está localizada no Centro, no período final da pesquisa, ainda em construção é meta para a implantação da próxima praça digital. Por fim, o terceiro projeto é destinado ao bairro do Capim Marinho e deverá ser implementado na praça em frente à igreja Nossa Senhora do Bom Remédio. Na fotografia, é possível ver as obras para a construção da praça do bairro do Centro.



Figura 46: Área da praça Michaela Ferreira que receberá a tecnologia *wifi* (Foto: Diogo Miranda).

Apesar de não haver data prevista para a implementação das duas praças, a administração registra que este é um dos seus principais projetos, pois reconhece a relevância da internet para a população. Assim, a exemplo dos usos da internet no município, é possível perceber que Afuá é um ambiente que também está em constante processo de transformação pelas diferentes apropriações que seus sujeitos desenvolvem em relação às mídias.

Em julho de 2013, foi inaugurado o primeiro espaço do seu projeto de praças digitais, na orla principal, na região da Quadra Municipal, lugar onde acontece o Festival do Camarão. O projeto pode ter se instrumentalizado como uma forma de coibir os protestos, pois representaria uma prova da boa vontade política da administração. Ainda que por coincidência, esta praça foi inaugurada para o Festival do Camarão de 2013, no momento

exato em que se organizavam as manifestações pelo cancelamento da Batalha Camaroeira (sobre este tema, irei me debruçar mais detidamente no capítulo seguinte).

A sequência de imagens a seguir apresenta a primeira Praça Digital de Afuá. Na primeira foto (Figura 47), é possível ver a alta concentração de jovens ao longo da quadra. Eles estão sentados no muro da orla principal da cidade, à parte escura atrás deles está o rio Afuá. Chama atenção, nesta fotografia que seus rostos iluminados pelas luzes de seus *smartphones*, conectados à rede pelo sinal de *wifi*, contrastam com a escuridão do rio.

Na segunda imagem (Figura 48), é possível perceber as diferentes interfaces de acesso ao ciberespaço que tem se popularizado no município. Diante dessas novas possibilidades, outras dinâmicas tem se estabelecido e outras maneiras de uso das tecnologias. É possível ver, com mais frequência, como mais indivíduos dividem um mesmo equipamento e a conexão de tecnologias ditas pessoais e individuais se torna mais social.

Na última foto (Figura 49), na parte de traz, podemos ver uma parte da quadra de esportes, um lugar muito importante nas práticas sociais da cidade. Também, ao fundo, três meninas com seus aparelhos eletrônicos e um brinquedo Pula-Pula colorido, muito comum em praças de cidades da região. Na parte de maior destaque, um rapaz, numa atitude bem despojada, deitado no parapeito de um quiosque, acessando a rede. Seu comportamento permite pensar que alguns moradores de Afuá, na Praça Digital, fazem uso destas tecnologias de maneira semelhante aos usos em residências.



Figura 47: O rio, as luzes, os *smartphones* e as bicicletas (Foto: Shirley Penaforte).



Figura 48: Casal interage em redes sociais pelo *tablet* (Foto: Shirley Penaforte).

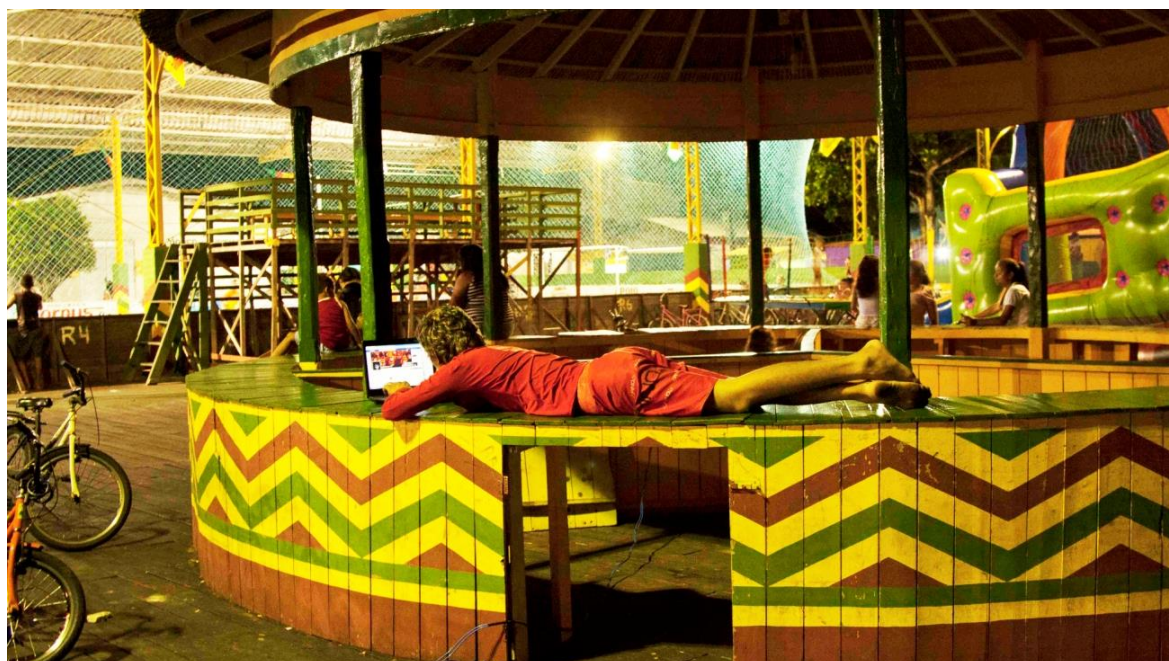


Figura 49: A quadra, o pula-pula e o rapaz (Foto: Shirley Penaforte).

As *lan houses*, os *smartphones*, a praça digital e as dinâmicas que todos estabeleceram na cidade são um momento de transformação do acontecimento que é a internet no município e o processo de desenvolvimento de suas interfaces. Além disso, há uma lógica antagônica que marca a rede: ao mesmo tempo em que ela permite que se enxerguem as disputas de dominação com maior facilidade e se possa perceber que o poder em rede está

mais fragmentado entre os indivíduos, pois os sujeitos podem interagir mais diretamente neste espaço, ela também se estabelece como um novo instrumento disciplinador.

A participação mais “livre”, característica fundamental da rede, permite enxergar as questões táticas que se desenvolvem com maior facilidade. É possível identificar isso nas práticas de apropriação das tecnologias, nas transformações e nas subversões dos usos estabelecidos, como o fato de o *smartphone* ser o instrumento maior de inclusão que o computador propriamente. Entretanto, é inegável que a necessidade de participação, de estar incluído nessa dinâmica, também seja uma forma de se exercer o poder. A posse e o domínio desses instrumentos se tornam uma maneira de integrar o sistema de disputas. E assim o ciberespaço se estabelece como um lugar de dominação, de coerção, de exercício de poder.

Isso significa entender que a internet cumpre um papel de sujeição dos indivíduos aos seus aparatos e suas dinâmicas e ao delimitar a forma como as relações podem se estabelecer torna possível que os sujeitos exerçam poder uns sobre os outros (FOUCAULT, 2008). Penso que, em Afuá, os usuários da internet se apropriaram do ambiente instaurado pela web e pela mobilidade das novas interfaces de acesso a rede e o utilizam conforme as dinâmicas de seu contexto. Mas está claro que essa prática também transformou a organização sociocultural no município e, dessa forma, reorganizaram-se as disputas de poder que se estabeleciam nesse lugar. Quem não está conectado às interações que as mídias possibilitaram no município, não participa do convívio social, não usufrui o direito de cidadania e de pertencer à cidade. Permanece marginalizado, silenciado, dominado. Mas ao não se submeterem a essa lógica, subverte o poder e passa a exercê-lo sobre a lógica de funcionamento dessa sujeição, buscará instrumentos para a internet alcançar esse ambiente.

É possível compreender essas questões ao visualizar mais uma vez a geografia particular da Veneza Marajoara. Como apresentei no Capítulo 1, a cidade é dividida em dois bairros: o bairro do Centro, onde começou a história dessa população, e o bairro do Capim Marinho, uma ocupação mais recente, mas que já é maior que o primeiro bairro. Nesse caminhar entre um lugar e outro, acentuam-se as diferenças entre esses dois espaços, não apenas de uso dos meios de comunicação, mas também de disputa de poder.

3.4. Evidências da convergência: protestos em Afuá

A internet ocupou um lugar central para o desenvolvimento dos protestos políticos no Oriente Médio que iniciaram em 2010 e que ficaram conhecidos como Primavera Árabe.

De forma semelhante, a rede mundial de computadores também ganhou destaque para a realização das manifestações sociais que aconteceram no Brasil, a partir de junho de 2013 – popularmente intituladas como “Primavera Brasileira”.

As primeiras manifestações, realizadas em São Paulo, motivadas pelo aumento de vinte centavos na tarifa de ônibus, logo ganharam as ruas de todo país. Pela enorme diversidade e complexidade do Brasil, embora trouxessem temáticas comuns, como o combate à corrupção, os protestos se particularizaram pelos usos sociais atribuídos pelos sujeitos locais à web, bem como a relação com outros meios de comunicação.

A “Primavera Brasileira” estabeleceu uma rede de sentidos entre a série de protestos, manifestações e passeatas políticas que marcaram o início dos anos 2010: um movimento revolucionário de insatisfação destas sociedades, que se articulou por meio da web, ganhou as ruas e levou uma multidão a mostrar seu descontentamento com governos de diferentes países no Oriente Médio. Mas, o acontecimento no Brasil evidencia uma série de particularidades que o diferenciam dessa memória estabelecida. E a maneira como se desenvolveu em Afuá também sugere existir questões específicas ao evento⁹.

Em meio às insatisfações das ruas de todo país, que reclamavam por educação, saúde, transporte e punição aos corruptos, na internet, sobretudo no Facebook e na programação das duas rádios locais, os afuaenses protestavam também pelo cancelamento do tradicional duelo entre os grupos folclóricos do Camarão Convencido e do Camarão Pavulagem, em julho de 2013, durante a realização do Festival do Camarão no município.

Em linhas gerais, os veículos jornalísticos internacionais destacaram que o sucesso das primaveras se deu pela articulação das pessoas pela rede mundial de computadores, tanto no Oriente Médio quanto no Brasil. Mas é preciso ter clareza de que a web não é o fator exclusivo para seu estabelecimento. A rede teve um papel relevante, mas não se trata apenas de uma questão de tecnologia: “A internet é uma condição necessária, mas não suficiente. As raízes da rebelião estão na exploração, opressão e humilhação” (CASTELLS, 2011, s/p).

Ou seja, de forma semelhante, mas por razões diferentes, os protestos que se iniciaram no eixo Rio-São Paulo, assim como a Primavera Árabe, tiveram suas bases articuladas na web, mas logo se distinguiram e ganharam novos espaços de visibilidade. Nos países do Oriente Médio havia uma pressão dos meios massivos locais para tentar silenciar o acontecimento, sua repercussão internacional era agenciada pelas redes sociais. No cenário

⁹ O debate sobre os protestos políticos que repercutiram em todo o território nacional, inclusive em Afuá-Marajó-PA, compõe um artigo de autoria da professora Dra. Ivânia dos Santos Neves e meu que submetemos à publicação e estamos aguardando resposta (ver NEVES; MIRANDA, 2013)

nacional, as manifestações ganharam lugar de destaque no nosso cotidiano, a partir das coberturas jornalísticas realizadas pelas grandes corporações midiáticas brasileiras, como Rede Globo, Bandeirantes, Record etc.

No Brasil, tudo iniciou por meio da interação através da internet e, sobretudo, pela rede social Facebook. Um dos principais *slogans* era “Saímos do Facebook!”. A rede possibilitou debates preliminares que levaram os manifestantes a escrever mais um capítulo da história de manifestações brasileiras que ocuparam as ruas, avenidas e praças de várias cidades. Entretanto, como a programação televisiva ainda é a principal fonte de informação dos brasileiros¹⁰, estes acontecimentos ganharam outros espaços de articulação e se desdobraram de maneira diferentes: eles se renovavam a partir da cobertura massiva, que motivava novos levantes em diferentes regiões do território nacional.

Ou seja, em um país como o nosso, em que a programação televisiva ocupou (e ainda ocupa) um lugar estratégico para a construção de nossas identidades e nossas verdades sociais e, na articulação com a rede mundial de computadores, o processo de convergência ressignificou a experiência dos protestos e manifestações políticas. Com a velocidade da organização pela rede e com a grande visibilidade proporcionada pelos meios massivos, as manifestações logo se propagaram com mais fluidez e alcançaram outras capitais e cidades do país inteiro, levando uma multidão às ruas. Em um primeiro momento, os manifestantes reivindicavam melhorias no transporte público contra o reajuste das tarifas de ônibus, mas em seguida se clamou por qualidade de vida: reformas qualitativas relacionadas à saúde, educação, moradia, saneamento etc.

Assim, ainda que as origens desses movimentos sociais tenham constituído suas ações a partir do potencial comunicativo que existe na internet (LEMOS, 2010), há uma questão central para que o acontecimento tenha se realizado: os aspectos do contexto cultural ao qual estão ligados os manifestantes são os elementos que fomentam a apropriação das tecnologias e possibilita o processo de convergência.

Nas manifestações brasileiras e do mundo árabes há diferentes processos de interação, que envolvem várias plataformas de comunicação. Todas elas, no entanto, são traduções da história e da cultura de suas sociedades. Elas são profundamente marcadas pelos processos sociais locais e seus contextos específicos. Embora os protestos se constituam a partir de algumas recorrências, como o descontentamento em relação ao Estado, os

¹⁰ A TV está presente em aproximadamente 95% dos lares brasileiros, enquanto a internet alcança uma margem pouco maior que 30% (IBGE, 2012).

manifestantes do Egito levantaram bandeiras diferentes daquelas flamejantes na Avenida Paulista, que por sua vez são bem diferentes das questões levantadas em Afuá.

3.4.1. A primavera em Afuá

Na internet, é possível encontrar um registro em vídeo de como os moradores se apropriaram da primavera brasileira para também reivindicar as questões sociais que lhes eram mais particulares: melhorias no posto de saúde e reajustes salariais para a categoria dos professores da rede pública municipal¹¹. Entretanto, para Elisângela Jardim, uma de minhas anfitriãs e professora do ensino infantil, mesmo quando as manifestações estavam no ápice por todo o território brasileiro, em Afuá elas não aconteceram com a mesma intensidade.

Aqui, as coisas não acontecem, sabe? As pessoas tem medo de lutar, de reivindicar as coisas que são direito delas. A gente fez um protesto, está até no youtube, mas não deu praticamente ninguém. A gente invadiu a prefeitura para tentar conversar com o prefeito, pra exigir melhores salários e outras coisas, mas ele não recebeu a gente.

Mas o pior é que as pessoas ficam com medo. Não falo nem dos que são só contratados, porque eu até entendo o lado deles, porque podem fazer perseguição com eles até eles desistirem do emprego. Mas mesmo os concursados tem medo. E eles não deveriam ter porque ninguém pode tirar eles de lá. A gente deveria se unir para melhorar as coisas na nossa cidade, mas a gente não consegue porque as pessoas tem medo (JARDIM, 2013a).

Todavia, um outro acontecimento fez com que a apropriação da Primavera Brasileira acontecesse com mais intensidade no município. Nos últimos oito anos, a população da cidade produziu um espetáculo cultural a partir de propostas do governo municipal, a Batalha Camaroeira. O evento se tornou uma das atrações principais do Festival do Camarão, evento que acontece todo mês de julho na cidade. A organização, os ensaios, o clima de competição da Batalha passaram a fazer parte integrante da cultura popular no município. A disputa entrou na agenda de atividades municipais e, todo ano, atrai turistas da região e do Brasil para a cidade. A realização da Batalha acontece aos moldes de outros espetáculos já bastante celebrizados pela mídia, como as disputas dos Bois, em Parintins, ou dos Botos do Sairé, no interior da região amazônica.

A Batalha em que se envolvem os dois blocos de camarão é uma manifestação cultural que tem como característica movimentar toda a comunidade pelo sentimento de

¹¹ O vídeo está disponível no link a seguir: <http://www.youtube.com/watch?v=ZXDZRvZZsDA>.

pertença, de identificação. De um lado, quase metade da população faz parte do Camarão Convencido, cujos adereços verdes representam o camarão cru. A outra metade participa do Camarão Pavulagem e suas cores predominantemente vermelhas fazem alusão ao camarão frito. Ambos traduzem parte da cultura local e suas práticas alimentares como a grande produção e consumo de camarão na região. No início de julho, durante a realização de parte da pesquisa empírica, no período que antecedia o Festival do Camarão, era comum ver as pessoas trabalhando e se organizando em função da Batalha.

As imagens seguintes apresentam cenas da Batalha em si. Nas duas fotos seguintes (Figura 50 e Figura 51) é possível perceber o empenho e o envolvimento da população na realização dos espetáculos. De acordo com o relato dos moradores, todos eles se dedicam a aperfeiçoar coreografias, aprender artes circenses, confeccionar alegorias e sempre buscam inovar o espetáculo a cada ano, seja por meio das fantasias ou pelos recursos utilizados para a produção do espetáculo.



Figura 50: Batalha Camaroeira de 2012 (Fonte: www.prefeituradeafua.com.br).



Figura 51: Alegoria utilizada na Batalha Camaroeira (Fonte: www.prefeituradeafua.com.br).

Por fim, as imagens a seguir exibem o grande momento de cada apresentação: o show dos seus respectivos camarões. A primeira foto registra o camarão Convencido (Figura 52) e a segunda (Figura 53), o camarão Pavulagem. Ambos simbolizam a culinária da sociedade de Afuá, que tem no camarão sua grande especialidade.



Figura 52: Camarão Convencido (Fonte: www.prefeituradeafua.com.br).



Figura 53: Camarão Pavulagem (Fonte: www.prefeituradeafua.com.br).

Diferente do que aconteceu na primeira visita de campo, em janeiro de 2013, quando a Batalha ainda estava distante de acontecer e os participantes dos dois blocos faziam questão de mostrar suas rivalidades, em julho do mesmo ano, durante a segunda visita, houve um desentendimento entre a administração municipal e as organizações das associações culturais responsáveis pelos blocos que realizam o espetáculo. Como a prefeitura não repassou a verba de apoio para a confecção das fantasias e alegorias, as organizações culturais ficaram com dívidas e sem condições de realizar os seus desfiles. Mesmo diante deste impasse, até a semana que antecedeu o Festival do Camarão, elas protelaram a decisão de não realizar o espetáculo da Batalha ano de 2013. E, antes de anunciarem o cancelamento da Batalha, cada organização convocou uma reunião deliberativa com seus associados para expor a situação e comunicar a não realização do espetáculo.

Depois da decisão tomada, as lideranças foram às rádios locais comunicar o posicionamento para a população. De imediato, tanto nas ruas como no Facebook, essa decisão provocou inúmeras e acaloradas discussões. Parte da população acusava a prefeitura e outra parte defendia, alegando que a administração anterior havia falido os cofres públicos. As imagens a seguir demonstram esse evento no cotidiano de Afuá: nas duas primeiras fotos, destaque o autofalante que noticia o acontecimento e o instante em que a população ouve a divulgação sobre o cancelamento da batalha. Já nesta imagem é possível ver como a experiência circula entre a web e as rádios.



Figura 54: Caixa de som da Madejus em destaque (Foto: Diogo Miranda).



Figura 55: Ouvintes atentos ao cancelamento da Batalha Camaroeira (Foto: Diogo Miranda).

A movimentação nas rádios e no Facebook obrigou a administração municipal a se posicionar diante da população e, assim como os grupos, o prefeito de Afuá também se utilizou desses espaços para expor o posicionamento institucional sobre a Batalha Camaroeira. Para ele, a prefeitura não tinha como arcar com as despesas, naquele momento, pois havia outras prioridades, inclusive o pagamento da folha salarial do município. Ele alegava que a responsabilidade da não realização era das organizações de cada grupo, pois promoveram gastos além do que podiam.

Diante desses fatos que testemunhei em campo pude considerar que apenas este cenário de disputas entre as associações e a administração gerou inúmeras dinâmicas em ambientes *on* e *offline*, com posicionamentos, afirmações e retratações de sujeitos e instituições, com postagens agressivas e apagamentos das mensagens, tudo de forma extremamente rápida. Houve um momento de união entre os grupos rivais para a organização de um protesto político contra a administração municipal a ser realizado no dia de abertura do Festival do Camarão.

Nesse sentido, ao pensar nas formas de organizar o ato de protesto, entre os relatos ouvidos foi recorrente ouvir as pessoas tomarem como referência as manifestações políticas da Primavera Brasileira assistidos pela televisão – sobretudo pela Rede Globo. E a ressalva dessa articulação recaía sobre os atos de vandalismo noticiados e a violência exibida pelas reportagens jornalísticas. Os moradores desejavam que fosse uma manifestação pacífica e simbólica, para que não acontecesse da mesma forma como assistiam às manifestações da nas

grandes cidades brasileiras e, sobretudo, as repressões agressivas da polícia sobre a população.

Quando o movimento tomou mais força na cidade, outras questões além da Batalha Camaroeira foram levantadas pelos manifestantes. A pauta das reivindicações em Afuá, como abastecimento dos remédios do posto de saúde, melhorias no abastecimento de água e energia, mas, sobretudo, melhores condições salariais para os profissionais da educação foram sendo incorporadas ao protesto.

Entretanto, ao contrário do que esperava, o movimento perdeu força e o protesto não aconteceu. Os relatos das coordenações dos dois camarões evidenciam que o envolvimento da população só durou o momento inicial, quando foi suspensa a Batalha. Depois, quando os protestos foram se estendendo às questões da infraestrutura local, o apoio solidário aos manifestantes foi enfraquecendo. Suspeito que a perda do foco do protesto, que inicialmente possuía uma reivindicação de caráter cultural e de entretenimento (o descaso da prefeitura com a realização da Batalha Camaroeira), amornou o movimento.

De qualquer forma, esta movimentação exemplifica como o processo de convergência cultural está acontecendo em Afuá, a exemplo de diferentes centros urbanos na contemporaneidade, como mostra Jenkins (2012). A organização dos manifestos demonstra a relação que os moradores estabeleceram com os protestos políticos que ocorreram em todo território nacional, uma experiência que eles desenvolveram a partir dos diferentes meios. Esse evento também apresenta como a relação dos moradores com as mídias acontece de maneira diversa, com seus sujeitos percorrendo caminhos diferentes e interagindo de diferentes formas a partir de mídias distintas. Uma dinâmica que é percebida inclusive pelos próprios moradores da cidade.

Entre os relatos mais significativos está a percepção de Manoel Jardim, integrante da organização do Camarão Convencido, sobre o acontecimento. Quando a diretoria decidiu se reunir para deliberar a não participação do bloco na Batalha Camaroeira, ele recebeu um comunicado por SMS avisando o dia, a hora e o lugar do encontro. Por eventualidades, ele chegou à reunião do bloco com atraso, no momento da saída dos outros membros da diretoria.

Pra você ver, né? Anos atrás a gente pra conseguir se organizar, se reunir e decidir as coisas da associação, a gente ia batendo de porta em porta pra convidar as pessoas. A gente demorava dias fazendo isso e, às vezes, ainda ia pouca gente. Agora não. Agora é tudo muito mais rápido. Hoje a gente pega o celular e envia uma mensagem e pronto. Põe a pauta no Face e pronto. Às vezes, no mesmo dia, a gente consegue se reunir. E aí, se a gente se atrasar, ainda perde a reunião (JARDIM, 2013b).

De acordo com Manoel, mesmo que a rádio auxiliasse os encontros com avisos na programação, ela não alcançaria as pessoas da forma como acontece agora. Para ele, essa dinâmica tem facilitado o desenvolvimento de muitas atividades sociais em Afuá e permite que as pessoas possam se organizar e participar com muito mais facilidade das associações culturais e qualquer outra atividade social.

É difícil precisar até que ponto há ou não relação com a memória dos protestos da Primavera Brasileira, ou mesmo com a organização das manifestações políticas na própria Veneza Marajoara. Em outros momentos pontuais, a Igreja Católica se valeu desse acontecimento para se posicionar a favor dos desejos populares, mas apesar de esse fato ser pontual, talvez a questão religiosa tenha sido o fator determinante para congregar participantes, algo que não aconteceu em outros momentos. Entretanto, essa não é a questão central deste trabalho. O que desejo ressaltar é o lugar da mídia nesse acontecimento: novamente as rádios possibilitaram o envolvimento dos sujeitos com a cidade, transmitindo o acontecimento pelo programa Giro 87 e permitindo que ele repercutisse também em espaço no ambiente virtual, por meio das fotos no perfil do programa na rede social Facebook.

Mesmo assim, é possível compreender que, por mais que o estabelecimento da convergência exija condições mínimas de estrutura, a natureza de sua dinâmica é um processo que vai além da simples utilização da tecnologia, pois está concentrado sobre os usos que as pessoas implicam a essas ferramentas em seu cotidiano. Nesse sentido, mais que entender a internet, as rádios, as televisões ou os *smartphones*, é preciso compreender o lugar que essas mídias ocupam na organização e na manifestação da cultura na sociedade.

3.5. O Capim Marinho e outras redes: não mudou tanto assim

Jesús Martín-Barbero (2004, p. 179) ensina que a dinâmica das novas tecnologias põe em contato a modernidade da produção tecnológica dos países ricos com a não-modernidade do consumo dos países pobres: “pela primeira vez as máquinas não nos chegam de ‘segunda mão’. Porém essa contemporaneidade está ocultando a *não-contemporaneidade* entre tecnologias e usos, entre objetos e práticas”. Em outras palavras, isso significa dizer que para que haja apropriação da rede e de suas tecnologias é necessário que aconteça o desenvolvimento de diferentes aptidões dos indivíduos.

Participar da web não é apenas uma questão de posse ou acesso à rede e às suas interfaces, pois existe uma não-modernidade traduzida pela ausência da capacidade de saber

lidar com seu ambiente. Como afirma Wolton (2007, p. 88), “O acesso a ‘toda e qualquer informação’ não substitui a competência prévia, para saber qual informação procurar e que uso fazer desta. *O acesso direto não suprime a hierarquia do saber e do conhecimento*”. Para muitos moradores de Afuá, que não conseguem participar do ciberespaço, este lugar se torna apenas mais uma prática que reitera as relações de poder estabelecidas na cidade.

Mesmo que o acontecimento da rede tenha alterado os quadros das relações sociais na cidade, há lugares onde a internet não aconteceu. Quando falo em “não-acontecimento” da rede, não quero desqualificá-la como um acontecimento real, como ensina Vera França (2012), mas desejo ressaltar as questões de marginalidade e de dominação que se manifestam a partir de sua “não-presença” em diversos locais da cidade.

A partir de minha experiência em Afuá, pude identificar inúmeros não-acontecimentos midiáticos na cidade, ao observar a distribuição das diferentes mídias nos dois bairros da cidade. Cada ambiente configura diferentes formas de medição cultural das TICs. A maneira como os cidadãos afuaenses utilizam a TV, por exemplo, é diferente entre os bairros do Centro e do Capim Marinho. Da mesma forma também é a relação que esses sujeitos estabelecem com os conteúdos de TV e de rádio.

No bairro do Centro estão consolidados os serviços públicos e a infraestrutura da cidade. Mesmo que existam falhas de administração municipal, como demonstram muitos relatos, o bairro possui uma dinâmica intensa de uso das tecnologias. Foi neste setor da cidade que se estabeleceu com maior intensidade a relação dos moradores com os meios de comunicação de maneira geral. Além disso, neste bairro, também estão localizadas a maior parte das escolas de ensino fundamental e médio, que também são utilizadas como espaço para o ensino superior, e a biblioteca pública, que podem ser qualificadas como instrumentos de capacitação para a apropriação das mídias, para desenvolvimento da leitura e do uso das informações, da qual fala Wolton (2007), ou como instrumentos que auxiliam a participação dos sujeitos nas disputas de poder (FOUCAULT, 2008).

3.5.1. Sobre as ruas-palafitas do Capim Marinho

O Capim Marinho exhibe uma realidade completamente diferente do Centro. Como já dito anteriormente em diferentes momentos desta pesquisa, sua separação do Centro é marcada física e simbolicamente pela pista de pouso do aeroporto municipal. Ao atravessar o caminho das palafitas que ligam uma área da cidade a outra, fica clara a diferença entre os

dois bairros. Se, no Centro é fácil perceber a presença das rádios no dia a dia de seus moradores, no Capim Marinho isso não se efetiva. A fotografia a seguir mostra uma das principais ruas deste bairro. Mesmo nesta rua, as palafitas, todas de madeira, são mais frágeis e a arquitetura das casas bem mais simples. Até as roupas são mais informais.



Figura 56: Rua principal do Capim Marinho (Foto: Shirley Penaforte).

Caminhando pelas ruas-palafitas deste bairro, à medida que me afastava do Centro, percebia como os ruídos das “bocas de ferro” começavam a se distanciar, até quase desaparecerem. Mesmo nas primeiras ruas do bairro, os autofalantes da rádio Madejus são mais escassos e aos poucos vão deixando de participar da vida dos moradores.

Da mesma forma acontece com a Afuá FM. Por se tratar de uma concessão de rádio comunitária, há uma restrição quanto à abrangência de seu sinal emitido. Com o distanciamento da sede da rádio Afuá, local onde também está localizada sua antena transmissora, poucas pessoas chegam a ouvir sua programação em casa. Muitos moradores relataram que ouvem a rádio apenas no Centro, quando se deslocam para realizar atividades itinerantes, como ir ao mercado, ao posto de saúde, à escola etc. Entretanto, a marca mais evidente da diferença de participação com as diferentes mídias se mostra ao mensurar a qualidade de vida dessa população.

Aqui, o estranhamento sensorial é outro: ouvem-se mais frequentemente a voz das pessoas, o barulho das tábuas soltas nas palafitas, o som de animais domésticos e outros que são criados para alimentar as famílias, como porcos e galinhas, etc. Percebi nas ruas que aqui as bicicletas são mais simples e os celulares menos “sofisticados”.

Em relação ao acesso à web, localizei duas *lan houses* que funcionam neste bairro. Se comparadas às do Centro, elas são mais simples e menores fisicamente. Também não há identificação de nome da loja em lugar algum, mas a população do bairro conhece e as referencia pelo dono de cada lugar: *lan house* do Vilber e *lan house* do Antônio. Quando visitei estes lugares, percebi a nítida diferença no funcionamento entre elas e as *lans* do centro. A quantidade de visitantes parece menor e os serviços agregados aos seus serviços são poucos. Quando questionei Vilber Santos Oliveira sobre o funcionamento de seu estabelecimento, ele argumentou que as condições do bairro não são muito favoráveis.

A criminalidade é muito grande aqui [no bairro do Capim Marinho]. Então, é difícil oferecer muitos serviços, ou montar uma loja para vender produtos. Eu até tenho um negócio de venda de produtos eletrônicos, tipo TV, computador, celular, mas eu já organizei tudo aqui pra encomenda chegar direto na casa do comprador, porque não dá pra ficar guardando aqui. As pessoas ficam de olho. Mesmo aqui, o funcionamento da *lan house* é limitado e a gente não pode ficar até muito tarde. Tem que ficar sempre muito atento (OLIVEIRA, 2013b).

Durante as visitas, não consegui falar com o dono da segunda *lan house*. Mas analisando as condições contextuais do bairro do Capim Marinho, suspeito que sua realidade seja muito semelhante à de Vilber Oliveira. As imagens a seguir apresentam os dois lugares. As duas primeiras fotos (Figura 57 e Figura 58) são da *lan house* Vilber.com, mas que é chamada pelos moradores como “*lan house* do Vilber”. Apesar de simples, é possível verificar sua organização para receber um número razoável de clientes.



Figura 57: Entrada da *lan house* Vilber.com (Foto: Diogo Miranda).



Figura 58: Estrutura interna da *lan* Vilber.com (Foto: Diogo Miranda).

As duas imagens seguintes (Figura 59 e Figura 60) apresentam a *lan house* do Antônio. Os moradores relatam que esta é bem mais recente, mas reconhecem que parecer haver pouco interesse do dono em investir no lugar. A estrutura demonstra não receber muitos visitantes, mas de acordo com os relatos, há muitos jovens que vem ao lugar com o intuito de acessarem os jogos eletrônicos, seja *online* ou *offline*.



Figura 59: Entrada da *lan house* do Antônio (Foto: Diogo Miranda).



Figura 60: Estrutura de funcionamento da *lan house* do Antônio (Foto: Diogo Miranda).

Vilber é irmão de Leonardo Bararuá, dono da primeira *lan* do município, e acompanhou de perto a montagem do empreendimento e trabalhou no início da Gold Play. Assim, é possível verificar que seu trajeto histórico social lhe permite exercer um poder diferente desse cenário do Capim Marinho: ele possui mais “força” para estruturar o negócio e os serviços que sua *lan* oferece, como impressão, venda de acessórios, importação de produtos etc, que atrai um público diverso. Em contrapartida, a *lan* do Antônio fica limitada à clientela de jovens por oferecer apenas acesso à rede e jogos.

3.5.2. Outras convergências culturais

No Capim Marinho, os processos de apropriação são outros, as táticas cotidianas acontecem por outros movimentos e os efeitos de poder se manifestam de outra forma. Apesar da baixa renda, é possível perceber a sujeição que as pessoas se submetem às interfaces digitais, à vontade de participar desse ambiente virtual. Seja pelas *lans* ou pelos celulares, ainda que estes sejam os modelos mais simples, há uma dinâmica de participação desses sujeitos no ciberespaço.

De acordo com os dados municipais, a principal fonte de renda dos moradores do Capim Marinho é o programa social de bolsa-auxílio de diferentes naturezas: bolsa-escola, bolsa família, bolsa verde (para os moradores das áreas de reserva ambiental) etc. Em entrevista, Ronald de Souza Nobre (2013), secretário de assistência social do município, revelou que 5855 famílias são contempladas com os programas assistencialistas. Como esses programas permitem acumular bolsas, a renda mensal na cidade varia entre R\$ 550,00 e R\$ 1300,00. Todavia, por se tratarem de famílias numerosas a renda individual acaba sendo algo em torno de R\$ 100,00 por pessoa.

Ainda de acordo com seu relato, ele indica que esse crescimento acelerado do Capim Marinho é reflexo do êxodo que a população das zonas rurais vem realizando nos últimos anos, deixando os lugares distantes e passando a incorporar a periferia de Afuá. O estabelecimento da área de reserva florestal comprometeu parte de seu sistema de sobrevivência, que tinha como base a extração madeireira. O declínio dessa atividade fez com que muitas famílias buscassem na cidade sua sobrevivência.

O resultado desta transformação, eu pude comprovar empiricamente: o crescimento da área do Capim Marinho e a formação dessa zona periférica – não apenas no sentido de distância do centro comercial e financeiro, mas de segregação sociocultural. Na parte que fica

mais distante do Centro, uma área de ocupação desordenada, os moradores não contam com os sistemas básicos de água, energia elétrica e mesmo a infraestrutura das palafitas é bastante comprometida. As imagens a seguir demonstram essa realidade: na primeira foto (Figura 61), destaco a ausência mais acentuada dos postes de luz, enquanto na segunda imagem (Figura 62) apresento as palafitas que dão acesso a outras áreas e que são construídas pelos próprios moradores.



Figura 61: Ruas-palafitas sem poste (Foto: Diogo Miranda).



Figura 62: Palafitas improvisadas pelos moradores (Foto: Diogo Miranda).

A terceira e quarta fotos desta sequência de imagens (Figura 63 e Figura 64, respectivamente), que estão a seguir, continuam evidenciando a realidade das famílias que habitam o Capim Marinho. Entretanto, essas são imagens muito especiais para mim, pois o momento que elas registram me fez compreender mais profundamente parte dos conceitos tratados nessa pesquisa.

Quando visitei a casa de dona Maria do Rosário Pereira, mãe das meninas Fátima e Cleuminha, pude testemunhar que não existia água encanada em sua residência. Para realizar as atividades de casa, era necessário coletar do igarapé¹² que passa atrás de sua propriedade. A família, no entanto, não se limitava a encher o balde e transportá-lo ao ambiente interno da casa, pois adaptaram um tanque velho de uma máquina de lavar roupa, descartado como lixo, para coletar a água do igarapé e direcioná-la para uma caixa d'água, que está localizada na lateral de sua cozinha. Tal ação lhe poupava tempo e esforço.



Figura 63: Dona Maria e o recipiente coletor de água (Foto: Diogo Miranda).

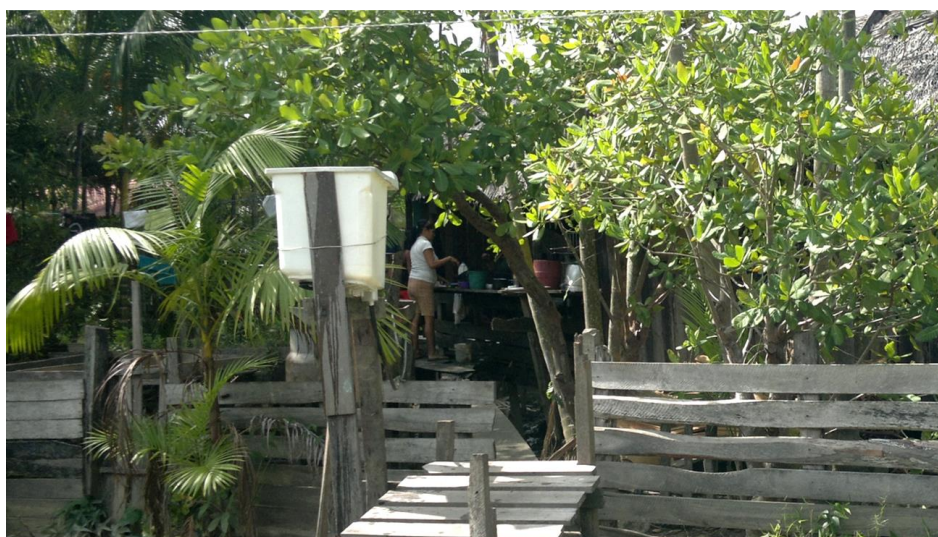


Figura 64: Dona Maria faz os serviços de casa (Foto: Diogo Miranda).

Este acontecimento iluminou meu entendimento para compreender que as táticas do cotidiano, de que fala Michel de Certeau (1998), não estão atreladas apenas ao consumo dos

¹² Como os rios da região são muito grandes, os moradores chamam os rios menores de igarapé.

bens culturais que são difundidos pelas diferentes mídias. E, tampouco, o processo de apropriação tecnológica, de que fala Jesús Martín-Barbero (2004), está restrito ao uso dos aparelhos eletrônicos. Os usos sociais que os indivíduos desenvolvem e que acontecem a partir desses conceitos atravessam toda a experiência individual e coletiva. Eles são marcados pelas questões contextuais em que se inserem e se desenvolvem conforme a necessidade que o contexto sociocultural exige de cada pessoa.

Ao compreender essas questões, tornou-se mais fácil perceber os processos dentro do Capim Marinho. Apesar da web não acontecer em parte daquele lugar, esse processo não é capaz de excluir seus moradores das dinâmicas que as mídias estabelecem na cidade. Os moradores encontram formas particulares de se apropriar das tecnologias, se os canos da companhia de água não chegam até suas casas, o tanque improvisado resolve o problema. Da mesma forma, mesmo nas casas mais pobres e as mais distantes da cidade, a TV estava presente.

Perguntei para alguns moradores sobre a importância da televisão no dia a dia deles e ouvi respostas bem próximas às minhas expectativas, que são bastante recorrentes entre brasileiros de diferentes regiões do país: os programas que eles mais assistem são as telenovelas e o futebol, na TV Globo, com mais frequência no horário da noite. Quando insisti nas perguntas, as respostas foram ainda mais reveladoras. A seguir, a fala de dona Dinair Barbosa de Oliveira (2013a):

É porque no restante do dia a gente tá batalhando, né? Tem criança pra alimentar e aí a gente não pode ficar dependendo só da bolsa. Por mais que a gente receba um valor alto, as coisas são muito caras. Então a gente tem que economizar.

Por exemplo, a gente, aqui em casa, recebe R\$ 811,00, mas são oito pessoas aqui. E o que a gente paga de energia é muito caro. Mês passado, a gente pagou quase R\$ 700,00 de energia. Mas tem que pagar, né? A gente precisa. Aí a gente tenta fazer como pode. A gente usa a TV todo mundo junto e só em um horário, pra economizar. Só de vez em quando esse menino [filho dela] aproveita que a gente sai pra ligar e ouvir música [no aparelho de DVD]. Ele é doido por música. Mas a gente economiza e usa todo mundo junto.

Eu indaguei sobre o valor da conta de luz para um consumo tão pequeno de energia, pois, ao entrar na casa, não encontrei nenhum outro eletrodoméstico, como uma geladeira, que aumentasse esse consumo. A resposta dela, que também pude comprovar em outras residências do Capim Marinho, está relacionada com o fornecimento irregular do serviço de luz à parte do bairro. De acordo com ela, não há energia para todas as casas, assim como não

há postes de energia em todas as ruas. Aqui, o sistema de luz não atende como no Centro e apenas alguns moradores recebem energia direta.

Então, os próprios moradores solucionam essa carência. Eles acordam entre os vizinhos e “puxam” a energia de algum morador que tenha acesso à rede elétrica. Assim, quem recebe, distribui entre os vizinhos e um ponto de energia, por vezes, acaba alimentando de oito até dez famílias. Essa ação dos moradores, muitas vezes, os leva a implantar postes e fiações de maneira autônoma, sem depender da prestadora do serviço. E esse sistema alternativo, por vezes, torna a luz “fraca” em algumas casas, o que evidencia que há perda de eficiência energética e isso aumenta o custo final da tarifa de luz. Dessa maneira, as contas possuem um valor elevado, que é rateado por todas as famílias que estão interligadas.

O sistema de “gatos”, de ligações clandestinas e não autorizadas pela concessionária de energia, também representa uma apropriação das tecnologias, um processo que os moradores realizam para participar das dinâmicas da sociedade, para de alguma forma pertencer à cidade. Essa atividade representa uma ação de suma importância para o estabelecimento das relações cotidianas dessa população que habita este lugar específico dentro da cidade de Afuá, que é o bairro do Capim Marinho.

A foto a seguir destaca a família de Dinair Oliveira (camisa marrom) e dois amigos que me acompanhavam na entrevista, Heliane (vestido preto e verde) e Flávio (camisa branca), que se diferenciam pela forma de se vestir. Pode-se perceber que, apesar de ela ter indicado que apenas oito pessoas moravam na casa, há mais familiares que convivem com ela no dia a dia, como pôde ser registrado na imagem, pois sua casa é interligada à casa de sua filha mais velha.



Figura 65: Família de Dinair Barbosa de Oliveira (Foto: Diogo Miranda).

Na imagem seguinte (Figura 66), registrei o zelo que a família tem com seu televisor e aparelho de DVD, que ocupam um dos dois cômodos da casa. Com há muitas frestas nas paredes, por onde provavelmente também deve passa a água da chuva, o aparelho de DVD está coberto com plástico-bolha. Ao lado do aparelho, está o garoto apaixonado por música.



Figura 66: O menino, a televisão e o DVD (Foto: Diogo Miranda)

Evidentemente, há um processo de segregação, que deixa esses sujeitos à margem das disputas de poder. Sobre eles se exercem efeitos de sujeição com mais intensidade e é possível perceber isso a partir de seu desejo de participar do ambiente midiático que existe na cidade: o esforço de manter as *lan houses*, mesmo em condições desfavoráveis ao seu funcionamento e os custos elevados para assistir a TV, que comprometem quase toda a renda de algumas famílias do Capim Marinho. O que parece é que, para estes sujeitos, a ameaça de não participar do sistema é mais danosa do que a perspectiva de se sujeitar a participação, mesmo que nesse último caso ocupem uma posição bastante desfavorável.

O poder exercido sobre eles se manifesta pela apropriação que os moradores desenvolvem para ter acesso ao conteúdo televisivo e à internet. Em contrapartida, o poder que eles exercem sobre o sistema está no desenvolvimento tático para ressignificar as lógicas excludentes que o contexto social faz pesar sobre a realidade do bairro. Assim, o processo de apropriação e o acontecimento da internet ganham outros desdobramentos. No bairro do Capim Marinho, a internet e as novas interfaces de acesso à web, que tem se popularizado no município, talvez sejam um sonho de consumo para muitos de seus moradores. Entretanto,

isso não significa que eles não participem desse ambiente. Apenas sua forma de participar acontece de outra forma.

A questão do uso da internet associado aos meios massivos e a outros meios de comunicação, comum para as sociedades contemporâneas, não está localizada sobre o desenvolvimento tecnológico, mas reside sobre as mudanças em aspectos culturais das sociedades, sobre os usos atribuídos às diferentes TICs (JENKINS, 2012). Neste sentido, acredito que pensar a convergência significa olhar exatamente para as práticas de apropriação das diversas tecnologias a partir das questões culturais que marcam a forma como os indivíduos experienciam seu acontecimento em seus respectivos contextos sociais (MARTÍN-BARBERO, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A CONVERGÊNCIA CULTURAL COMO ENTENDIMENTO À COMUNICAÇÃO

Ao longo desta dissertação, realizei um percurso que, a cada passo, evidenciava a comunicação como um processo que não se limita a qualquer interação social e, tampouco, ao uso de determinadas mídias. A “natureza comunicativa” que os objetos empíricos guardam em si revela a existência de inúmeras outras particularidades envolvidas na realização dos fenômenos sociais (França, 2001). A perspectiva da convergência cultural possibilita compreender melhor a dinâmica das sociedades contemporâneas, pois é difícil precisar até onde vão os contornos das interações sociais na atualidade.

Depois do exercício desta pesquisa, para mim, mais importante que perceber grandes processos interativos, usos inovadores das tecnologias, realidades únicas no mundo ou promover grandes contribuições para esta área científica, foi verificar que os processos comunicativos residem sobre as práticas cotidianas. Desta forma, insisto mais uma vez: comunicar não é simplesmente um processo de troca de informação entre indivíduos e tampouco se caracteriza por um tipo específico de uso de determinada tecnologia. Elas são apenas algumas dinâmicas que se inscrevem em uma atividade muito maior, que engloba processos de apropriação, táticas que ressignificam os produtos culturais, disputas de poder entre outros elementos.

Pode até parecer redundante, mas pela emergência cada vez maior de pesquisas que investiguem as práticas culturais das diferentes sociedades com um olhar mais pluralizado, é possível que se perceba cada vez mais a comunicação como um fenômeno complexo. E, neste sentido, as pesquisas em comunicação na Amazônia podem contribuir bastante para pluralizarmos as verdades sobre o campo e também sobre a região. No exercício de cartografar, ao participar das dinâmicas da Veneza do Marajó e de um contexto particular desse arquipélago, pude perceber como essas diferentes questões se articulam no cotidiano amazônico para que se realize o acontecimento da comunicação.

Como um grande acontecimento, Afuá se constitui por meio de suas palafitas, suas rádios, os *smartphones*, os tanques que improvisam uma distribuição de água encanada. Entre suas práticas sociais existe o festival do camarão, no mês de julho, o festival de pipas, a pizza de palmito, na praça da quadra, as festas da igreja católica. Estas particularidades e o movimento da história tornam singulares as dinâmicas de apropriação e os usos sociais das mídias, e permitem, na medida em que nossos olhos conseguem ver, perceber cada evento como parte do

acontecimento maior que se materializa no município: a convergência cultural nos usos das rádios e da web.

Por isso foi importante tentar descrever a minha experiência de contato com a cidade e evidenciar os caminhos que percorri fisicamente e também de maneira teórico-metodológica. Cada evento que observei e vivi traduz contextos específicos que particularizam o lugar onde acontecem. São esses contextos que possibilitam as práticas de apropriação das diferentes mídias que estão à disposição dos sujeitos, que tornam a experiência dos indivíduos e a experiência da comunidade um acontecimento único e singular.

A noção de micropoderes, de Foucault (2008), também é importante e extremamente fecunda para entender a “natureza comunicativa” das teias sociais. Ela permite entender que o envolvimento de cada sujeito nesse cenário e a maneira como cada um pode participar é diferente. Assim, exercem-se as práticas de dominação, que também são responsáveis por articular a comunicação em sociedade, e que não podem ser entendidas apenas como ações coercitivas, mas que se corporificam nas práticas do cotidiano, naquilo que é ordinário e comum a cada um de nós.

Nesse sentido, as “palafitas digitais” me permitiram sair de meu lugar e participar daquilo que é relevante para os moradores de Afuá. Pude desmistificar a internet, que existia idealizada no meu olhar, e enxergar a potencialidade técnica sem perder de vista as questões intrínsecas ao seu estabelecimento: os mecanismos de dominação, as táticas para ressignificar a realidade, as estratégias de subversão que existem como forma de resistência, as particularidades dos contextos de quem acessa e as diferentes formações individuais e tudo mais que possa circundar o poder em sociedade.

É o acontecimento da convergência cultural que me permitiu evidenciar a comunicação como um processo amplo, que deve levar em consideração outros aspectos além das interações sociais. E percebo isso nos inúmeros desdobramentos e reverberações do acontecimento, como é o caso dos protestos políticos que aconteceram em Afuá ou mesmo do investimento dos moradores, das *lan houses* e da administração pública no consumo das diferentes tecnologias de acesso à rede, que pluralizam as dinâmicas sociais entre as diferentes mídias da cidade. Todas essas dinâmicas singularizam as apropriações e os usos das TICs que os moradores fazem, de maneira individual e coletiva. Cada fenômeno está relacionado às experiências, aos trajetos históricos e sociais e às dinâmicas culturais que se estabelecem em sociedade.

Apesar de analisar um caso específico, com características particulares, as práticas comunicacionais na cidade de Afuá, essa compreensão me permite vislumbrar que essas

questões estão presentes na comunicação da sociedade contemporânea de maneira geral, em maior ou menor grau. Por meio desse acontecimento é possível generalizar o entendimento de que inúmeros elementos se articulam para o estabelecimento da comunicação. De qualquer forma, o importante foi a proposição de ultrapassar o limite que me cegava. Hoje, compreendo que este é o posicionamento que guiou e que deve me guiar em qualquer jornada acadêmica.

Em linhas gerais, realizar essa pesquisa foi um exercício de autoconhecimento, que me permitiu descobrir a comunicação de outra forma e enxergar novas perspectivas, novas formas de perceber e analisar o mundo. Esse caminho me fez compreender que somos, todos, homens ordinários, sujeitos comuns e do dia a dia. Cada um sempre estará participando desse mesmo processo de apropriação e de manutenção dos sistemas de poder e de dominação ideológica a partir das questões que formam nossos trajetos históricos pessoais e os contextos culturais de cada lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARARUÁ, Leonardo. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. In **Verso e reverso**, XXV(58): 62-77, janeiro-abril. Porto Alegre: Unisinos, 2011.

BRITO, Luciléia. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz; CABRAL, Eula Dantas Taveira. **Mapas da inclusão digital no Brasil**. In Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2190-1.pdf> (Acesso em setembro de 2013).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer** (vol.1). 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

DUTRA, Manuel Sena. **A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade e os povos da floresta**. São Paulo: Annablume, 2009.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Pará e seus municípios**. Belém: J. C. V. Ferreira, 2003.

FERREIRA, Paulo Sérgio Lacerda. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? In **Compós 2001 – X COMPÓS: Brasília, DF [Anais]**. Brasília, DF: Compós, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª edição. Manaus: Editora Valer, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Discurso, história e produção de identidades na mídia. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; POSSENTI, Sírio (Org.). **Mídia e Rede de memória**. Vitória da Conquista: UESB, 2007. Volume 1, p. 39-60.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1959.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JARDIM, Elisângela. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013a.

JARDIM, Manoel. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013b.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª edição. 2ª Reimpressão. São Paulo: Aleph, 2012.

LEMONS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Regina Lúcia Alves de. **Entrevista concedida à pesquisa**. Japaratinga, AL: 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTINS, Huan Patrick. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013.

MIRANDA NETO, Manoel José de. **O Enigma Amazônia**: desafio ao futuro. Belém: CEJUP, 1991.

_____. **Marajó**: desafio da Amazônia, aspectos da reação a modelos exógenos de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Record, 1976.

MIRANDA, Diogo Silva Miranda de. **Cibercultura de Bolso**: Processos Jornalísticos e a Notícia ao Alcance dos Dedos. In BARBOSA, Marialva Carlos; et al. Anais do XI Congresso de Comunicação da Região Norte, 17 a 19 de maio de 2012. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2012/resumos/R29-0049-1.pdf> (Acesso em maio de 2012).

MIRANDA, Diogo Silva Miranda de Miranda. **Entrevista concedida ao programa “Os Compadres de Afuá”**. Afuá, PA: Rádio Afuá FM, 2013.

MIRANDA, Diogo Silva Miranda de; NEVES, Ivânia dos Santos. Cibercultura de bolso e suas novas perspectivas em Afuá no Marajó-PA. In NEVES, Ivânia dos Santos; MIRANDA, Diogo Silva Miranda de (Org.). **Anais do I Colóquio Internacional Mídia e Discurso na Amazônia – I DCIMA**. Belém: PPGCom, 2013. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B5v6scBU4iH0VXBISi1saW5SVW8/edit?usp=sharing> (Acesso em dezembro de 2013).

MONTEIRO, Raimundo. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013.

NASCIMENTO JÚNIOR, Pedro do. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013.

NERI, Marcelo (Coord.). **Mapa da inclusão digital**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2012. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/telefonica/> (Acesso em outubro de 2012).

NEVES, Ivânia dos Santos. **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas, SP: Unicamp, 2009.

NEVES, Ivânia dos Santos; MIRANDA, Diogo Silva Miranda de Miranda. **Sobre palafitas e redes móveis: usos sociais dos *smartphones* em Afuá-Marajó-Pará**. Anais do II Colóquio Semiótica das Mídias. Volume 2, Número 1. Japaratinga, AL: UFAL, 2013a. Disponível em: http://www.ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm2/CSM2_IvaniaNevesDiogoMiranda.pdf (Acesso em novembro de 2013).

NOBRE, Ronald de Souza. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013.

OLIVEIRA, Dinair Barbosa de. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013a.

OLIVEIRA, Vilber Santos. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013b.

_____. **Vamos para as ruas!** Uma experiência em Afuá, no arquipélago do Marajó, em julho de 2013. Belém: PPGCom, 2013b (No Prelo. Aguardando publicação).

PACHECO, Agenor Sarraf. **Cartografia de oralidades: comunicação e patrimônio na Amazônia marajoara**. Mesa redonda apresentada durante o I Colóquio Internacional Mídia e Discurso na Amazônia (DCIMA), nos dias 7, 8 e 9 de agosto de 2013. Belém: DCIMA, 2013.

_____. **En el corazón de la Amazonia: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas**. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2009.

PELLANDA, Eduardo Campos. Comunicação móvel no contexto brasileiro. In LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio. **Comunicação e Mobilidade: Aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

QUINTAS FILHO, Décio. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade**. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 1990.

_____. **A rua, analisador da sociabilidade**. Conferência apresentada durante o Pentálogo IV: “A rua no século XXI: materialidade urbana e ‘virtualidade’ cibernética”. Japaratinga, AL: Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO), 2013.

RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira. **TV aberta no Marajó: usos e apropriações pelos moradores da comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Belém: UFPA, 2012.

ROSA, Carmen. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Éder Jean Furtado da. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013a.

SILVA, Emildes Rodrigues da. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013b.

SILVA, Joel Pantoja da. **Memórias Tupi em narrativas orais no rio Tajapuru-Marajó das Florestas-PA**. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura). Belém: Unama, 2013c.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

VALADARES, Jordana. **Entrevista concedida à pesquisa**. Afuá, PA: 2013.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina – 2ª Edição, 2007.

_____. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

ABDALA, Vitor. **Pnad 2013 vai trazer dados sobre acesso à TV digital e à Internet por dispositivos móveis.** Portal Jornalistas da Web, 30 out. 2013. Disponível em: <http://www.jornalistasdawe.com.br/2013/10/30/pnad-2013-vai-trazer-dados-sobre-acesso-a-tv-digital-e-a-internet-por-dispositivos-moveis/> (Acesso em novembro de 2013).

Afuá-Pará (site). Disponível em: www.afuapara.com.br/ (Acesso em março de 2013).

BRENTANO, Laura. **Com sinal de celular há dois anos, internet móvel já é realidade em Afuá.** Portal de Notícias G1, Afuá (PA), 13 mai. 2011b. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/05/com-sinal-de-celular-ha-2-anos-internet-movel-ja-e-realidade-em-afua.html> (Acesso em junho de 2011).

BRENTANO, Laura. **Há 2 anos com celular e web, a cidade das bicicletas se adapta a vida online.** Portal de Notícias G1, Afuá (PA), 12 mai. 2011a. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/05/ha-2-anos-com-celular-e-web-cidade-das-bicicletas-se-adapta-vida-line.html> (Acesso em junho de 2011).

BRIAN. **The Past, Present & Future Of Smartphones** [Infographic]. Hongkiat.com, Malásia, s/d. Disponível em: <http://www.hongkiat.com/blog/smartphones-past-future-infographic/> (Acesso em setembro de 2013).

CALGARO, Fernanda. **Melgaço (PA) tem o pior IDH municipal do Brasil.** Portal de Notícias UOL, Brasília (DF), 29 jul. 2013. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/29/melgaco-pa-tem-o-pior-idh-municipal-do-brasil.htm> (Acesso em janeiro de 2014).

CASTELLS, Manuel. Castells, sobre internet e rebelião: “É só o começo” (entrevista). In **Outras palavras** (blog). Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco/> (Acesso em janeiro de 2013).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra (Afuá).** Brasília: IBGE Cidades, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=150030&search=para|afua> (Acesso em dezembro de 2012).

IDESP, Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará. **Estatística Municipal: Afuá.** Belém: SEPOF - Secretaria Executiva de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças, 2012. Disponível em: <http://www.idesp.pa.gov.br/pdf/EstatisticaMunicipal/Afua.pdf> (Acesso em dezembro de 2012).

MORINOTO, Carlos E. **Smartphones: guia prático.** Porto Alegre: Sul Editores, 2009. Disponível em: <http://www.hardware.com.br/livros/smartphones/> (Acesso em outubro de 2011).

Prefeitura de Afuá: a Veneza Marajoara (site). Disponível em: www.prefeituradeafua.com.br (Acesso em março de 2012).